

Nancy DeMoss
Wolgemuth

O CÉU REINA

*Tenha coragem.
Descanse.
Nosso Deus está no controle.*


VIDA NOVA

Nancy DeMoss
Wolgemuth

O CÉU REINA

*Tenha coragem.
Descanse.
Nosso Deus está no controle.*


VIDA NOVA

O CÉU
REI
NA

CÓPIA NÃO AUTORIZADA E CRIMINOSA



ABDR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS



RESPEITE O DIREITO AUTORAIS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

■

Wolgemuth, Nancy DeMoss O céu reina: Tenha coragem. Descanse. Nosso Deus

■

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia. A.T. Daniel

Nancy DeMoss
Wolgemuth

O CÉU REI NA

*Tenha coragem.
Descanse.
Nosso Deus está no controle.*


VIDA NOVA

TRADUÇÃO
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

©2022, de Revived Hearts Foundation

Título do original: Heaven Rules: Take courage. Take comfort. Our God is in control.

Edição publicada por MOODY PUBLISHERS (Chicago, EUA)

Este livro é baseado na série Revive Our Hearts, “O céu reina: vendo a soberania de Deus no livro de Daniel”, ministrada por Nancy DeMoss Wolgemuth.

Parte do conteúdo da apresentação foi adaptada da obra Agents of Babylon, de autoria de Dr. David Jeremiah (Carol Stream: Tyndale, 2015).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.a edição: 2024

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações das Escrituras sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da Christian Standard Bible. As citações com indicação da versão in loco foram traduzidas da New American Standard Bible (NASB), da English

Standard Version (ESV), da New King James Version (NKJV) e da King James Version (KJV). Todo grifo nas citações bíblicas é de responsabilidade da autora.

■

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

COORDENADOR EDITORIAL E EDIÇÃO DE TEXTO

Abner Arrais

Jefferson Oliveira

Ubevaldo G. Sampaio

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Pedro Guimarães Marchi

REVISÃO DE PROVAS

Danny Charão

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Wesley Mendonça (falecomwesley.com)

CONVERSÃO PARA EBOOK

Cumbuca Studio

■

Samuel Ethan Bollinger

13/06/2021–13/06/2021



*Você nunca respirou nesta terra.
Mas com lágrimas escorrendo pelo rosto
e mãos levantadas,
de um jeito que jamais esqueceremos,
seus pais, com o coração partido, afirmaram com magnificência que*

O céu reina.

*O SENHOR se assenta sobre o dilúvio;
O SENHOR se assenta como Rei para sempre.*

SALMOS 29.10

*Seu domínio é um domínio eterno
que não passará,
e seu reino é aquele
que não será destruído.*

DANIEL 7.14

*E houve vozes altas no céu dizendo:
O reino do mundo se tornou o reino
de nosso Senhor e do seu Cristo,
e ele reinará para todo o sempre.*

APOCALIPSE 11.15

Sumário

[Apresentação](#)

[Prefácio](#)

[*A história de Samuel*](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo](#)

[1 Uma lente única](#)

[Capítulo](#)

[2 A história por trás da história](#)

[Capítulo](#)

[3 Não é preciso entrar em pânico](#)

[Capítulo](#)

[4 Posso conseguir uma testemunha?](#)

Capítulo

5 Humilhado

Capítulo

6 Olhe para cima!

Capítulo

7 Grito de guerra

Capítulo

8 A visão de longo prazo

Capítulo

9 Estrelas brilhando resplandecentes

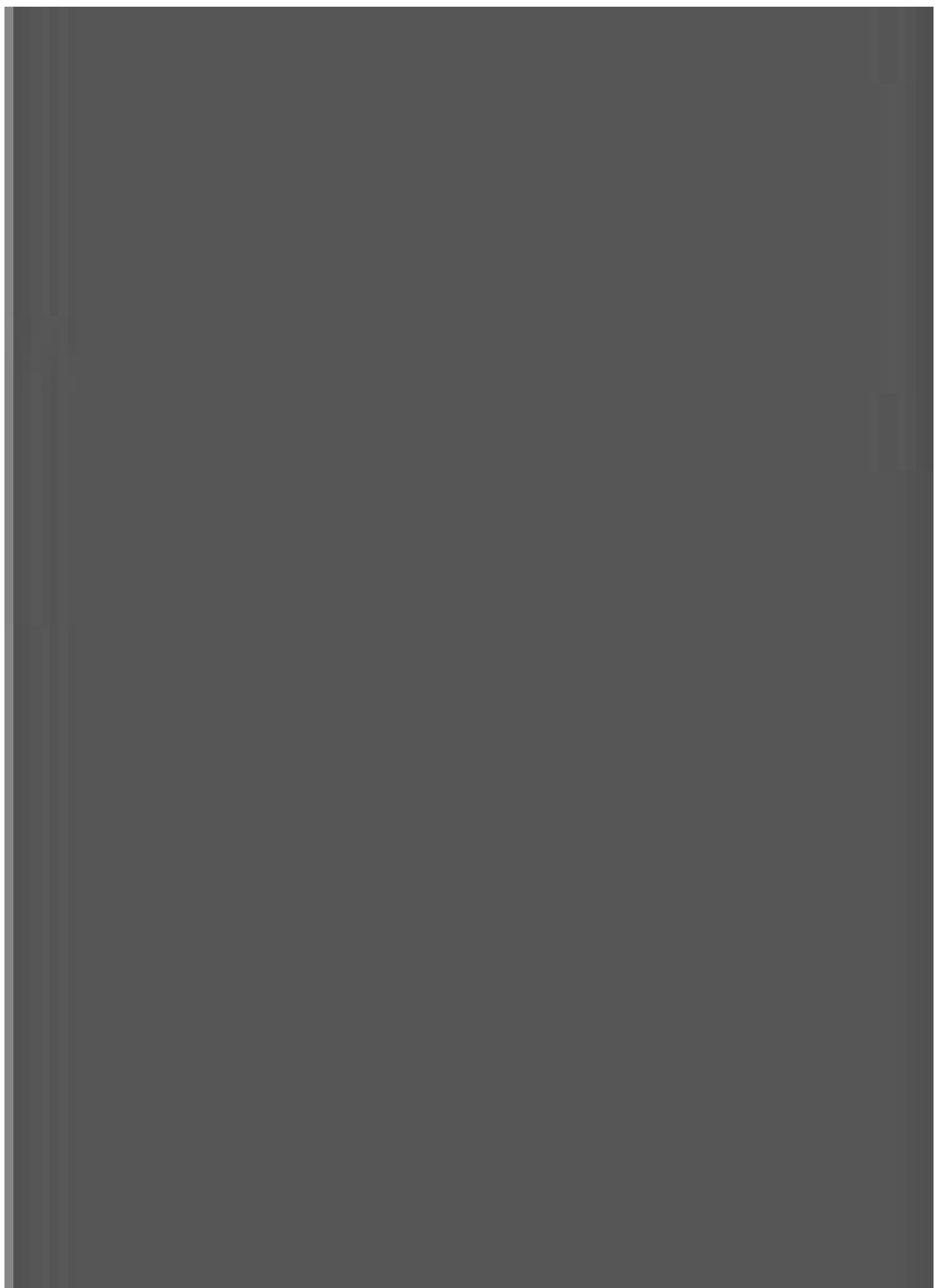
Epílogo:

Aqueles que conhecem o seu Deus

Apêndice

Nomes, títulos e descrições de Deus no livro de Daniel

Recursos recomendados



Apresentação

Ela gravou a mensagem em canecas de café. É o protetor de tela em seu celular. Está gravada em um colar de ouro pendurado em seu pescoço. Retratada em uma ilustração na parede de seu escritório, e ela produziu uma série de podcasts sobre isso. Por fim, a mensagem que está em todos esses lugares se tornou este livro inteiro em suas mãos.

O céu reina. É sucinta! Cativante! E uma vez descoberto seu significado, você entenderá que essa mensagem transforma vidas. Ela nasceu durante os dias turbulentos da COVID-19, período em que, segundo as palavras da própria Nancy DeMoss Wolgemuth, cujo marido também lutava contra dois cânceres sem relação entre si, “todo dia parecia que o céu estava prestes a desabar”.

Caso você não tenha notado, ainda estamos vivendo dias em que o céu está prestes a desabar. No momento em que este livro é enviado para a gráfica, as fronteiras americanas estão saturadas pela entrada de drogas e de imigrantes desesperados. A inflação está fora de controle, com o preço da gasolina rumo à estratosfera. Conselhos escolares eclodem em tumultos enquanto as pessoas se digladiam para decidir quem tem o direito de educar nossos filhos. Muitos trabalhadores americanos recusam-se a trabalhar, e, por consequência, as empresas que tentam recuperar-se após a paralisação causada pela pandemia estão com dificuldades para encontrar funcionários. A escalada da criminalidade e da pobreza reduziu algumas áreas dos Estados Unidos à condição de país em desenvolvimento. A Rússia está em guerra com a Ucrânia e, pouco a pouco, podemos sentir a nossa nação sendo arrastada para esse conflito.

Os detalhes desse cenário serão diferentes nos dias e anos que virão. Mas a questão continua a mesma: o que nós, como cristãos, devemos fazer quando nos encontramos em circunstâncias tão assustadoras? Temos apenas duas opções. Devemos fazer uma escolha entre duas siglas: RH ou CR. Se você caminhar pelo corredor da sede do nosso ministério de mídia, passará pelo escritório do RH. É o nosso departamento de “Recursos Humanos”. RH = “Recursos Humanos”. E se formos bem honestos, é para lá que a maioria de nós vai quando o céu está desabando. Tentamos resolver tudo sozinhos. Confiamos em nossos próprios

recursos e, depois, pedimos a ajuda de outros seres humanos.

Nancy DeMoss Wolgemuth tem um plano melhor para sugerir: o CR, ou seja, o “Céu Reina”. De acordo com Nancy, “você nunca mais verá as notícias da mesma maneira quando começar a ter uma noção do que está acontecendo por detrás das manchetes, do que Deus está fazendo aqui na Terra para cumprir seus propósitos eternos e celestiais” — quando o céu está reinando! A seguir, vemos em um pequeno parágrafo como o “Céu Reina”:

Embora os acontecimentos terrenos muitas vezes pareçam aleatórios, sem sentido, destituídos de esperança e até mesmo cruéis, o que está acontecendo no reino celestial está imbuído de tanta sabedoria e bondade, com um plano e um propósito tão elevados que, se soubéssemos o que Deus está fazendo, nós o adorariamos e o louvaríamos por tudo o que está acontecendo ao nosso redor, independentemente de como isso nos pareça a partir da nossa perspectiva humana e terrena.

A expressão o “céu reina” teve origem em Daniel 4.26 e foi dita pelo próprio Daniel, enquanto tentava explicar a um rei pagão chamado Nabucodonosor o que Deus estava fazendo quando forçou esse rei a vagar pelos campos e a comer capim, como um animal selvagem, por sete anos.

Para ilustrar a tese de que o “céu reina”, Nancy nos leva a uma jornada pelo livro de Daniel, no Antigo Testamento, apontando momentos em que o “céu reina” ao longo do caminho.

Daniel viveu a maior parte de sua vida na Babilônia, um símbolo histórico dos piores males do mundo. Decadência extrema, crueldade infinita, poder ganancioso e luta implacável contra Deus descrevem esta nação. Mas Daniel estava acima de tudo isso. Sua autobiografia parece um desses contos modernos de alguém que vai da pobreza à riqueza. De sua condição humilde como cativo, ele foi promovido várias vezes, até chegar aos mais altos escalões do governo daqueles que o capturaram. Nabucodonosor o nomeou governador da província da Babilônia e administrador-chefe de todos os líderes do império (Dn 2.48).

Após a morte de Nabucodonosor, Daniel continuou a servir os sucessores do rei,

até que, finalmente, depois de Ciro da Pérsia conquistar a Babilônia e coroar Dario como rei, Daniel foi nomeado para governar todo o império (Dn 6.3,28). Como diríamos hoje, ele foi o primeiro-ministro do Império Persa.

Há alguns anos, escrevi um comentário sobre o livro de Daniel chamado *The handwriting on the wall* [A caligrafia na parede]. Quando autografava o livro para meus amigos, sempre escrevia o seguinte versículo, ao lado de meu nome: Daniel 1.21 (“Assim Daniel permaneceu até o primeiro ano do rei Ciro” [NKJV]).

De vez em quando, um leitor vinha e me perguntava por que escolhi um versículo tão estranho. E esta era a minha resposta: Daniel nunca parou e nunca olhou para trás: ele apenas permaneceu, continuou! Daniel viveu para ver Ciro, o líder persa, conquistar a Babilônia (em outubro de 539 a.C.), cerca de 66 anos depois de ter sido levado cativo. A essa altura, ele tinha mais de oitenta anos e levava uma vida piedosa aos olhos do público por quase setenta desses anos. Ele sobreviveu a alguns dos reis mais poderosos que o mundo já vira. Daniel foi capaz de seguir em frente porque conhecia o Deus do céu e sabia que seu Deus estava no controle.

Apesar de todas as obras miraculosas que Deus realizou tanto através de Daniel quanto para favorecê-lo, é importante notar que Deus nunca libertou Daniel da Babilônia. Daniel viveu toda a sua vida como exilado em uma terra estrangeira —como refém em uma cultura hostil à sua fé. A mensagem de Daniel, então, não é que Deus eliminará todas as formas de opressão de nossa vida. Em vez disso, seu relato serve como um lembrete de que, quando sabemos que o céu reina, podemos ter sucesso e permanecer fiéis a Deus, apesar das circunstâncias mais difíceis.

E mesmo vivendo em meio a grande perversidade, podemos ser conhecidos como uma pessoa de grande piedade. Daniel viveu em uma sociedade totalmente pagã, e ainda assim não há uma só palavra negativa sobre ele em toda a Bíblia. Quando os líderes da Babilônia tentaram descobrir alguma falha em sua vida, não encontraram nada que fosse digno de menção, exceto sua fé em Deus (Dn 6.4-5). Daniel vivia na Terra, mas tinha suas afeições voltadas para as coisas do alto. Deus, lá do céu, estava governando sua vida.

Apesar de todas as conspirações e intrigas que sempre ficavam à espreita nas cortes reais, em meio a todo o ciúme esperado por ter um estrangeiro em um alto

cargo, em meio a toda a inveja, conspirações e perseguições, Daniel continuou a servir a seu Deus sem vacilar. Deus, lá do céu, estava governando sua vida na Terra!

É provável que Daniel tenha influenciado treze reis e quatro reinados durante sua vida. Por mais perversos que fossem a maioria desses reis, o conselho, a coragem e a integridade absoluta de Daniel muitas vezes os afastaram da idolatria e os fizeram reconhecer o poder do Deus verdadeiro.

Quando conta esta história, Nancy Wolgemuth faz de tudo para trazê-la até nós por meio de ilustrações de pessoas contemporâneas, que vivem suas próprias experiências desafiadoras hoje e proclamam que “o céu reina”.

Em outras palavras, o céu reina, mesmo quando seu filho nascituro morre ainda no ventre. O céu reina, mesmo quando você descobre a infidelidade de seu marido, com quem está casada há muitos anos. O céu reina, mesmo quando desastres naturais destroem tudo o que você passou a vida inteira construindo. O céu reina, mesmo quando você, um técnico de futebol cristão, é demitido por defender sua fé. De acordo com Nancy:

“O céu reina” significa: Deus é soberano sobre tudo o que diz respeito a nós. [...] Ele reina sobre todos os diagnósticos e prognósticos, sobre todos os rendimentos e resultados, sobre os desafios mais intimidantes, bem como sobre os detalhes que parecem mais triviais em nossa vida.

Há vários anos, quando começaram a me pedir para escrever prefácios e recomendações para livros, decidi que jamais faria um endosso para um livro que eu não tivesse lido por inteiro. Assim, quero informar que li cada palavra deste livro em suas mãos. Na verdade, li algumas dessas palavras várias vezes. No começo, li apenas para descobrir do que se tratava o livro. Mas, ao ler cerca de trinta páginas do manuscrito, senti meu espírito elevar-se e meu coração ser encorajado. Eu estava realmente sendo abençoado. Mal podia esperar para contar à minha esposa e a alguns de meus amigos mais próximos sobre a poderosa mensagem deste livro.

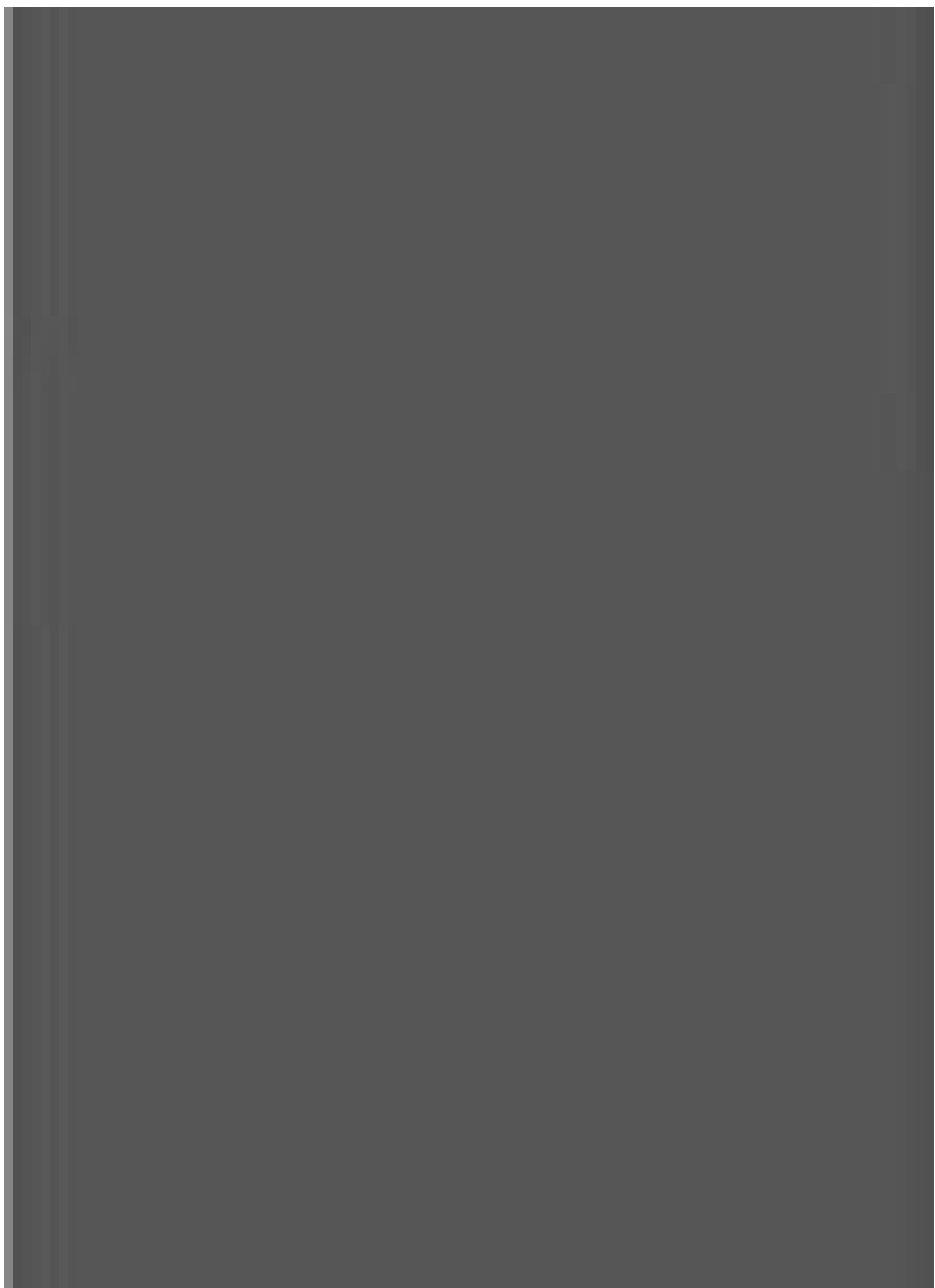
Espero que você faça como eu: leia cada palavra e depois lembre às pessoas que

conhece e ama de que “o céu reina”.

Dr. David Jeremias

Pastor Sênior, Shadow Mountain Community Church

Fundador e apresentador, Turning Point Radio and Television Ministries



Prefácio

A história de Samuel

Sábado, 12 de junho de 2021

Katie Bollinger estava fazendo algumas das poucas coisas que uma mulher grávida pode fazer a dois dias de completar quarenta semanas de gestação. Ela passou a manhã no balanço com seus outros três “pequeninos”, aconchegando-os em volta da barriga, tentando encher seus reservatórios de amor com atenção especial. Como uma mãe cujo instinto materno estava sempre ligado, Katie queria fazer o possível para ajudar seus outros filhos a se adaptarem ao novo bebê em casa — um novo irmãozinho, o segundo filho de Katie e Nathan. Eles sabiam que era um menino. Na verdade, já tinham dado a ele um nome: Samuel Ethan.

No fim da tarde, Katie finalmente conseguiu encontrar um local tranquilo o bastante para se deitar e aliviar o peso das panturrilhas e dos tornozelos inchados. Quando se espreguiçava dessa maneira, ela costumava sentir o bebê fazendo o mesmo, como se estivesse feliz por ter espaço extra. Katie não tinha certeza se sentiu o bebê fazer isso naquele momento, mas, pensando bem, não sobrara muito espaço ali para ele se mexer! Katie se deixou levar pelo sono pensando no pequeno Samuel, ansiosa para vê-lo, para, enfim, segurá-lo nos braços.

No entanto, quando despertou aos poucos, cerca de uma hora depois, ela percebeu que o bebê ainda não estava se movendo. Um calafrio percorreu seu corpo. Será que era imaginação dela? Certamente o bebê estava bem.

Ela se levantou e comeu alguma coisinha, uma barra de granola. (“É uma

loucura como o açúcar faz os bebês se mexerem!”, Katie disse a si mesma). Nenhum movimento. Ela deitou e se espreguiçou de novo. Nada ainda. Ela não conseguia sentir Samuel chutar.

Nathan ligou para os pais dele, que moravam perto, e perguntou se poderiam vir cuidar das crianças, para ele e Katie irem ao hospital, apenas para verificar, para ter certeza de que o bebê estava bem. Tendo chegado à maternidade, foram encaminhados para uma sala de triagem. Com Nathan ao lado da esposa, segurando a mão dela, a enfermeira colocou um monitor na barriga de Katie. Eles esperavam ouvir o familiar batimento cardíaco forte, mas tudo o que ouviram foi silêncio. Um silêncio estrondoso e lancinante.

Nathan mandou uma mensagem para alguns amigos próximos, compartilhando o que eles tinham acabado de descobrir:

Por favor, orem por nós! Acabamos de chegar ao hospital para ver como estava nosso bebê. Samuel Ethan Bollinger está nas mãos de Jesus. O médico confirmou que não há batimentos cardíacos. Daremos mais informações assim que pudermos. Katie será em breve encaminhada para o parto induzido.

Em pouco tempo, Katie entrou em trabalho de parto e, em seguida, em processo de parto. Quase 24 horas depois, Samuel chegou, com cerca de três quilos e seiscentos gramas, apenas um dia antes da data prevista para seu nascimento. Mas, agora, a tristeza enchia a sala que deveria estar repleta de alegria e celebração.

Foi o dia mais difícil, o momento mais difícil, que Katie e Nathan já enfrentaram.

Domingo, 13 de junho, 16h33.

• • •

Os Bollingers são meus amigos e colegas de ministério há mais de uma década. Juntamente com o restante de nossa equipe do ministério Revive Our Hearts, vi Deus unir a vida deles e depois agraciá-los com três filhos preciosos. A realidade desta notícia devastadora tocou profundamente todos nós, que havíamos celebrado com eles a notícia deste quarto filho e esperávamos ansiosamente pelo seu nascimento. Sentimos nosso coração esmagado pelo que lhes ocorreu: tanto o deles quanto o nosso.

Durante anos abri a Palavra de Deus e ensinei que as coisas não “apenas acontecem”, mas que nosso Deus está no controle. Ele sabe o que está fazendo. Há um propósito nos acontecimentos que afetam nossa vida. Essa verdade permeia toda a Escritura. Mas, então, chega um momento como este, quando isso é tão dolorosamente difícil de entender. Será que essa crença bíblica, essa verdade fundamentada, pode oferecer consolo e encorajar alguém atravessando o pior que poderia lhe acontecer na vida?

Recebi outra mensagem que interrompeu meus pensamentos e minhas orações naquela noite. Foi enviada pela mãe de Nathan, com uma atualização sobre a situação no hospital. Logo abaixo de suas poucas palavras estava uma foto de um quadro branco, que Nathan lhe enviara. Você já deve ter visto um desses em quartos de hospital: um quadro com nomes de enfermeiros e médicos, números de contato, mensagens com instruções... Enfim, coisas que são escritas e apagadas umas mil vezes.

No topo do quadro da sala onde Katie ainda estava em trabalho de parto, era impossível não ver aquela nova informação, escrita por Nathan com um marcador vermelho:

O céu reina!

E Samuel está lá!!

Ver aquela foto e aquelas palavras na tela do meu celular me deixou sem fôlego. Foi um momento sagrado para mim — assim como foi para os que estavam naquela sala de hospital tomada pela tristeza. Mais tarde, Katie me escreveu e disse que leu aquelas palavras “centenas de vezes” durante o parto. “Elas me ajudaram a reformular minha perspectiva de forma contínua”, disse ela. “Tem sido incrível ver como Deus se antecipou e nos deu verdades às quais podemos nos apegar.”

Veja bem, nas três semanas anteriores, Nathan trabalhou como produtor de vídeo, ajudando a gravar uma série de aulas para o podcast Revive Our Hearts. Durante as gravações, analisei o livro de Daniel, examinando cada capítulo através das lentes de sua proclamação de que “o céu reina”. (Sim, o podcast foi a gênese deste livro.) Portanto, ao longo daquelas sessões de gravação, devo ter repetido essa frase dezenas de vezes.

Nathan, lá de seu lugar, sentado na sala de controle, assistindo às sessões de gravação nos monitores, havia assimilado esse ensinamento, que já estava profundamente gravado em seu coração e no de Katie. Ele me ouviu apresentar esta série, lembrando ao público que

Deus é soberano sobre governantes, sobre nações, sobre assuntos geopolíticos em nosso mundo. Ele também é soberano sobre eventos, acontecimentos e detalhes de nossa vida pessoal. Isso é verdade, mesmo quando o enredo toma um rumo muito diferente daquele que teríamos escrito, se a caneta estivesse em nossas mãos...

O “céu reina” não é um pensamento banal. Não é uma frase descartável. É algo imenso! Servirá de âncora para seu coração quando as tempestades da vida jogarem você de um lado para o outro.¹

Agora, de volta àquela sala de parto, meus preciosos amigos estavam no meio da tempestade de suas vidas. Aquela perda, recente demais para eles aceitarem e absorverem, fora brutal, dolorosa e angustiante. As horas de intenso trabalho de parto foram apenas para dar à luz um bebê totalmente formado, mas sem vida. A

ligação pelo FaceTime para contar aos irmãos de Samuel que o irmão mais novo, que eles estavam tão entusiasmados para conhecer, estava no céu e não viria para casa. Depois, algumas horas no quarto do hospital, na companhia de pais, avós, irmãs e irmão mais novos, para que cada um tivesse a oportunidade de segurar nos braços o corpinho de Samuel.

Era um momento tão delicado que não queríamos perturbar.

No entanto, como Katie e Nathan descreveram em uma comovente “carta a Samuel”, escrita vários dias depois: “Aquela sala de parto foi um solo sagrado de adoração em meio a mais profunda dor”.

Adoração? Mesclada com lágrimas? Sim.

Meu marido e eu nos juntamos a centenas de amigos, todos de coração partido, para o culto fúnebre do bebê Samuel. Esse é o tipo de funeral que fica para sempre na memória. Robert e eu nos sentamos entre os outros enlutados, com lágrimas pesadas escorrendo pelos cantos dos olhos, e nossos olhos vidrados no minúsculo caixão colocado à frente da igreja.

O silêncio no santuário expressava as palavras não ditas que estavam em nosso coração: Como este precioso casal e seus filhos poderiam simplesmente ir para casa e seguir com a vida, tendo segurado a morte nos braços, tendo-a visto no rosto de seu doce filho, de seu irmãozinho?

E, então, o culto começou — com adoração. Começou com todos cantando, exaltando o Rei Supremo dos céus.

Na primeira fila estava o casal enlutado, seus três filhos e dois pares de avós de cada lado, com olhos, mãos e vozes voltados para o céu. Em adoração.

A carta que Katie e Nathan escreveram para o filho foi lida pelo pastor durante o funeral. Era uma impressionante declaração de fé, que falava da bondade de Deus e que o céu reina, e incluía estas ternas palavras:

Nosso precioso Samuel Ethan. Seu primeiro nome significa “Deus ouviu” e seu nome do meio significa “forte, seguro”. Não tínhamos ideia, quando Deus nos levou a escolher esse nome, do quão perfeito ele seria para você! Você agora está

completamente forte e seguro nos braços de Deus, que ouviu nossas orações.

Sob essas circunstâncias trágicas e não planejadas, apoiando e sustentando a família enlutada, estava aquele cujo domínio sobre todas as situações — e quero dizer todas as situações mesmo — poderia colocar de joelhos, em adoração, até mesmo esta situação que vivíamos.

O céu reina!

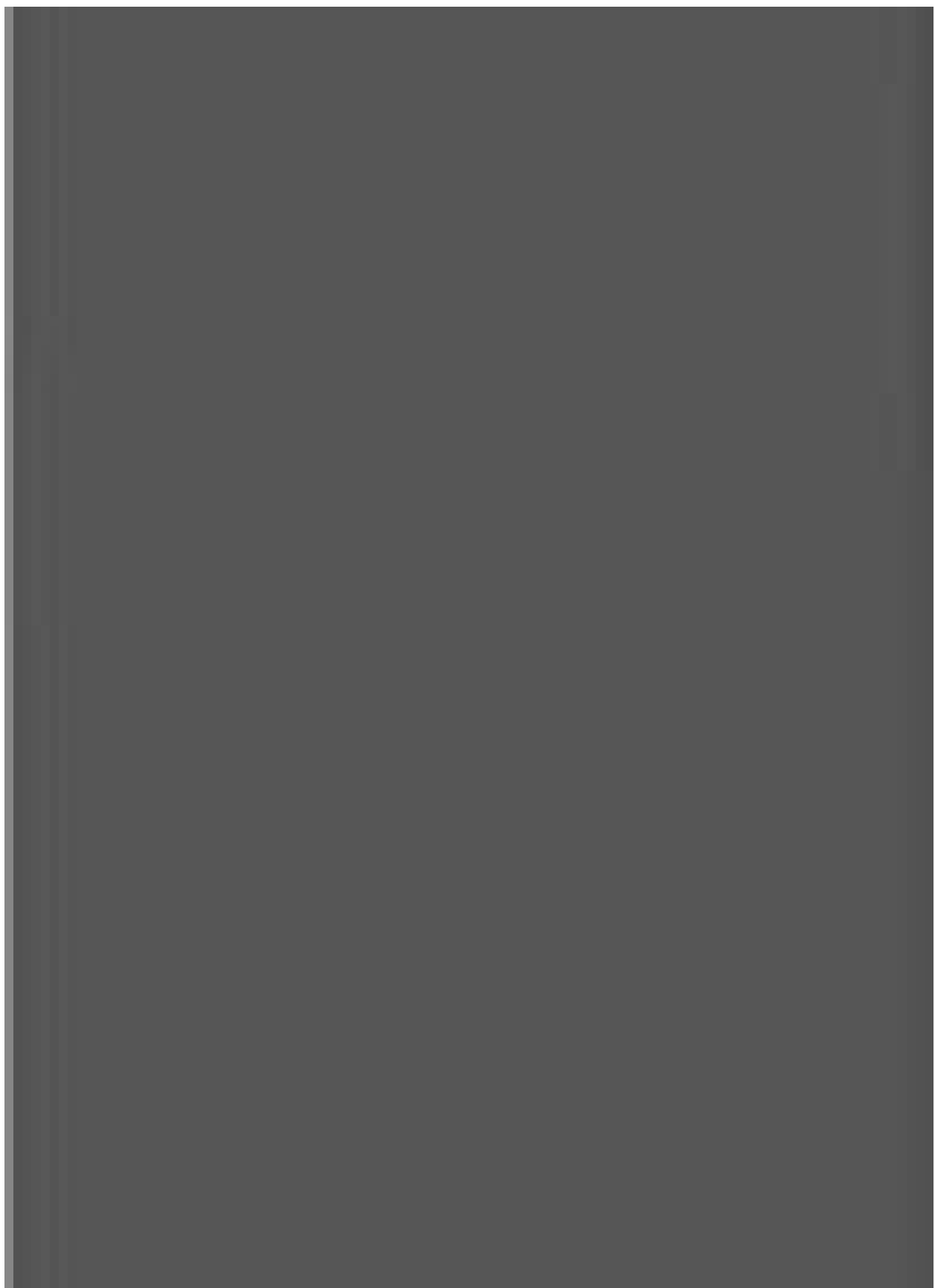
E Samuel está lá!

O céu reina e nada há que seu domínio não alcance.

Consolando-nos. Encorajando-nos.

Em meio às nossas lágrimas, em meio aos nossos medos, chamando e nos conduzindo à adoração.

¹Nancy DeMoss Wolgemuth, “When you need courage (Daniel 1)”, Heaven Rules: Seeing God’s Sovereignty in the Book of Daniel, série de podcasts, Revive Our Hearts, 29 setembro de 2021, disponível em: www.reviveourhearts.com/podcast/revive-our-hearts/when-you-need-courage-daniel-1. Acesso em: 13 mar. 2024. A transcrição do episódio do podcast foi levemente editada por motivos de fluência.



Agradecimentos

Que gratidão eu tenho pelos “meus cooperadores em Cristo Jesus” (Rm 16.3), cujo auxílio neste livro foi indispensável e profundamente encorajador.

Para começar, agradeço muito a dois amigos, cuja colaboração em vários livros ao longo dos anos significa mais do que consigo expressar:

- Lawrence Kimbrough começa fazendo as transcrições de meus ensinamentos e depois, com bastante habilidade, organiza cada uma delas e as transforma em um manuscrito — que, no caso deste livro, provou ser mais desafiador do que qualquer um de nós tinha previsto. Ele é um verdadeiro artista e um comunicador talentoso;
- Anne Christian Buchanan é uma exímia editora com um olhar e um cuidado extraordinários com os detalhes. Ela trabalhou comigo, com paciência e bastante atenção por várias rodadas de edições, para esclarecer e aprimorar esta mensagem.

Além destes, estou em dívida com:

- A equipe da Moody Publishers — em especial Judy Dunagan, Ashley Torres, Erik Peterson e Connor Sterchi — pelo seu empenho neste projeto, desde o início, e por serem verdadeiros parceiros no ministério;
- Dr. Chris Cowan, por fazer as revisões bíblica e teológica, e também por suas contribuições úteis em partes do manuscrito, nas quais eu tinha dúvidas ou queria um segundo olhar sobre questões interpretativas. Ter essa salvaguarda de confiança foi um grande presente;

- a equipe de Revive Our Hearts, que serve ao meu lado e me apoia todos os dias, de inúmeras maneiras. Janine Nelson, nossa diretora sênior de desenvolvimento, é uma cooperadora e serva querida que se preocupa muito com esta mensagem e em como multiplicar seu alcance e impacto.
- Erik Wolgemuth, meu agente gentil e capaz, que, de alguma forma, consegue acompanhar os detalhes de cada projeto de livro meu em andamento (o que inclui, mas não se limita a “Você pode me lembrar quantas palavras este contrato exige?” [...] “Quando esse manuscrito deve ser entregue?”) e que sente alegria em ajudar seus clientes a publicarem conteúdos que exaltam a Cristo;
- Robert Wolgemuth, também conhecido como meu querido marido (que, aliás, foi quem me conectou a Lawrence Kimbrough e Anne Buchanan, anos atrás), por seu amor incansável, por seu coração de pastor e por seus conselhos sábios, e por estar sempre disposto a se envolver, quando pergunto pela enésima vez: “Qual frase você acha que soa melhor?” ou “Você pode me ajudar a pensar em um verbo que signifique...?” Nós dois escrevemos um novo livro este ano. Que tempo agradável foi este em que trabalhamos lado a lado, reunindo palavras que possam — e essa é a nossa oração — ministrar graça a você, estimado leitor.

1

Uma lente única

A soberania de Deus é a única rocha inexpugnável
à qual o coração humano sofredor deve se agarrar.¹

— *Margaret Clarkson*

Se tão somente o rei tivesse acreditado na verdade anos antes. A verdade poderia tê-lo impedido de enlouquecer.

É o que impede qualquer um de nós de enlouquecer.

• • •

Escondido lá no fim do Antigo Testamento, está um livro pequeno, que você já deve ter marcado mais de uma vez como lido em seu plano de leitura bíblica, porém, sem nunca ter parado para se aprofundar em sua mensagem. As partes narrativas do livro de Daniel são suficientemente conhecidas por muitos, a ponto de ser tentador subestimá-las. Talvez você já tenha ouvido essas histórias desde a infância, assim como eu. Entrelaçados a esses relatos encontram-se vários sonhos e visões complexos, junto com algumas das profecias mais detalhadas que temos na Bíblia. Essas partes parecem incompreensíveis em alguns pontos, tornando fácil ignorá-las em favor de passagens que façam mais sentido para nós.

Contudo, espero que você não tenha feito isso, pois o livro de Daniel tem muito a nos dizer.

Os personagens, os detalhes históricos e as linhas do tempo que encontramos

nesse pequeno livro podem parecer arcaicos, confusos e relativamente insignificantes, sobretudo em comparação com os principais acontecimentos em nosso mundo hoje. Mas este registro inspirado — tanto suas histórias bem conhecidas quanto o labirinto de profecias que as perpassa — não poderia ser mais relevante nem mais oportuno para sua vida e para a minha.

Tomemos, por exemplo, uma cena marcante de Daniel 4, passagem em que se encontram as duas palavras que escolhi para o título deste livro — as mesmas que tocaram a todos nós tão profundamente, por ocasião da morte do bebê Samuel:

“O céu reina”

Nenhuma frase pulsa com mais frequência em minha mente e coração do que esta. Está na imagem do protetor de tela que aparece toda vez que olho para o meu celular. Está gravada na caneca que uso todas as manhãs para tomar chá. Aparece em quadros e ilustrações pendurados em meu escritório. Está gravada em um colar de ouro que trago no pescoço, um presente dado por um amigo querido que está lutando contra um câncer terminal.

O “céu reina” é uma verdade niveladora, que coloca a visão que temos de Deus, de nós mesmos e de nossos problemas na perspectiva adequada.

Gosto de viver cercada de lembretes desta verdade simples, mas profunda. Ela se tornou para mim um tema central abrangente, que está por trás de tudo e é fundamental para a forma como vejo toda a Escritura e toda a vida. E repetidamente, quando me vejo em águas turbulentas, essa verdade tem sido uma âncora e um salva-vidas para minha alma.

O “céu reina” é uma verdade niveladora, que coloca a visão que temos de Deus, de nós mesmos e de nossos problemas na perspectiva adequada.

À medida que você lê este livro, oro para que essas duas palavras tomem conta de seu ser e permaneçam com você muito tempo depois de ter fechado este livro e o colocado de volta na estante. Minha esperança é que a promessa e a perspectiva contidas nesta frase se enraízem profunda e permanentemente na estrutura de seu ser, de modo a lhe trazer consolo e coragem em cada fase dolorosa e em cada circunstância desconcertante de sua vida, e que ela se torne sua resposta automática e confiante a todas as crises e a todos os desdobramentos preocupantes deste nosso mundo que está de ponta-cabeça.

O rei e seu sonho

Agora, venha comigo em uma viagem ao século 6 a.C., para a capital do vasto império babilônico em expansão, enquanto seguimos em direção ao palácio, onde encontraremos um homem poderoso, que foi forçado a aprender da maneira mais difícil que o céu reina. Ele mesmo conta essa história, em Daniel 4, anos depois de tê-la vivenciado.

Você tirará melhor proveito deste livro se lê-lo com sua Bíblia aberta no livro de Daniel. Na verdade, antes de prosseguir, deixe-me encorajá-lo a reservar alguns minutos para ler Daniel 4. Enquanto lê, grife cada vez que o texto se referir a Deus como “o Altíssimo”. E pergunte a si mesmo: como era a vida do rei da Babilônia antes — e depois — de ele reconhecer que o céu reina?

Cheio de sucesso e famoso por seus feitos lendários e suas façanhas militares, Nabucodonosor, o monarca que ocupava o trono, teve um sonho angustiante. Ele percebeu de imediato que o sonho tinha um significado importante, que não se tratava apenas de remanescentes da memória não processada do início do dia. Mas ele não sabia o significado do sonho até consultar o profeta Daniel, conhecido em sua corte como o sábio Beltessazar.

No sonho, Nabucodonosor tinha visto uma árvore — uma árvore alta, imponente e forte, exuberante e frutífera, bela e abundante. Felizes, as aves do céu e os animais da floresta vieram de todo lado para dormir à sua sombra, para comer de seus frutos e para fazer ninhos em seus galhos, nutrindo-se prazerosamente de seus frutos e sua sombra. Como o rei descobriu por meio de Daniel, esta árvore era uma representação visual do próprio Nabucodonosor, a figura mais poderosa e influente do mundo conhecido da época.

Mas a cena com essa árvore inspiradora foi subitamente arruinada pela aparição ruidosa e imponente de um anjo descendo do céu e clamando: “Derrubai a árvore, cortai-lhe os ramos”, “sacudi suas folhas e espalhai o seu fruto”; não era para deixar nada além do tronco com as raízes na terra — um golpe chocante para a posição de força e poder do rei Nabucodonosor.

Pior ainda, o anjo descreveu o rei-árvore sendo tomado pela loucura, sendo “molhado pelo orvalho do céu”, escavando a terra descontroladamente em busca de comida, tendo sua mente mudada, “que deixará de ser humana” e lhe será dada “mente de animal” (Dn 4.14-16).

E assim aconteceu! Os acontecimentos preditos no sonho ocorreram exatamente como o anjo descreveu e Daniel interpretou para Nabucodonosor. Que queda: de herói a mais completa nulidade! Da aclamação universal à humilhação total! Despojado de prestígio e de poder. Reduzido a viver como uma fera bruta.

Por quê? Qual era o propósito para essa queda dramática? Enquanto Nabucodonosor contava as memórias de toda essa série de eventos — do sonho em si, da advertência do profeta, um ano de adiamento, e então sete anos de insanidade —, ele se lembrava bem do “porquê”, tendo ouvido isso ser dito mais de uma vez, durante sua longa provação:

Isso é para que os que vivem saibam que o Altíssimo é quem reina (4.17).

O Altíssimo é quem reina (4.25).

O Altíssimo é quem reina (4.32).

Ou, como Daniel havia declarado, quando explicava o significado do sonho ao rei:

Seu reino lhe será restaurado assim que você reconhecer que o céu reina (4.26).

Sim, quanto mais cedo aprendermos e acreditarmos nesta verdade, mais sóbrios de mente todos nós poderemos ser.

Correção, consolo e coragem

As sementes deste livro foram plantadas em meu coração pela primeira vez em 2020. Quem poderia esquecer o ano de 2020? Foi um ano triste, perturbador e angustiante. Um ano cheio de loucura. As notícias sobre a pandemia da COVID-19 tornaram-se uma goteira diária — algo ao mesmo tempo fatigante e assustador. E a tensão criada propagou-se para outros elementos da sociedade: polarização política, tensões raciais, um olhar de desconfiança em relação ao governo e aos meios de comunicação, e desentendimentos acirrados entre linhas partidárias. Até mesmo famílias, igrejas e amigos de longa data sentiram esses efeitos desintegradores.

E essa turbulência não se limitou aos Estados Unidos. As economias cambalearam por todo o mundo, o desemprego disparou, as contendas públicas explodiram, questões políticas e sociais agravaram-se. Sucessivas ondas de crise — muitas delas relacionadas com a COVID, outras não — arrebataram nas praias de nossas emoções e de nossos valores coletivos, até que todos os dias parecia que o céu estava prestes a desabar. A árvore da civilização que havíamos cultivado — tão orgulhosa de si, de uma autoconfiança tão extensa, tão ilustre, tão distinta em sua aparência e em sua representação do reino dos homens — estava sendo abalada até as raízes pelo poder de outro reino. De outro rei.

Sim, quer reconheçamos isso ou não, quer concordemos ou não, a verdade permanece:

O céu reina.

Quando digo que o “céu reina”, evidentemente quero dizer que “Deus reina”. O Deus do céu reina. Ele reina sobre todos os rumos da história, sobre todos os reis e todos os reinos, sobre todas as atividades que realizamos, sobre todas as pessoas e todas as partes de sua criação. O “céu reina” é uma verdade niveladora, que coloca a visão que temos de Deus, de nós mesmos e de nossos problemas na perspectiva adequada. É uma verdade destinada a inspirar um temor saudável em cada coração arrogante que pretenda ser rei de si mesmo e que acredite que nós, seres humanos, podemos determinar nosso próprio rumo e destino.

É assim que o reino do céu nos corrige, e somos loucos por pensar que não precisamos disso. Deus é gentil, e não cruel, ao nos lembrar de quem está no comando, e ele o faz a qualquer custo, não importa o preço necessário para chamar a nossa atenção. Pode acreditar, nenhum de nós quer descobrir realmente o que aconteceria se Deus não estivesse no comando!

Deus reina sobre todos os diagnósticos e prognósticos, sobre todos os rendimentos e resultados, sobre os desafios mais intimidantes, bem como sobre os detalhes aparentemente mais triviais da nossa vida.

Mas esse é o motivo pelo qual escrevi este livro. Essa mesma verdade que nos corrige também tem como objetivo nos consolar, nos tranquilizar e nos libertar. Tem como objetivo nos amparar e nos sustentar. O “céu reina” significa: Deus é soberano sobre tudo o que diz respeito a nós; nada chega até nós espontaneamente, mas sempre pelo desejo dele de usar isso para o nosso bem, para a sua glória e para as coisas maiores para as quais ele nos criou. Deus reina sobre todos os diagnósticos e prognósticos, sobre todos os rendimentos e

resultados, sobre os desafios mais intimidantes, bem como sobre os detalhes que parecem mais triviais em nossa vida.

Esta verdade é poderosa o suficiente para derrubar os grandes e também para sustentar os menores entre nós, tanto em nossas tribulações pessoais como quando enfrentamos o mundo que parece estar desmoronando à nossa volta. Podemos ser consolados enquanto caminhamos neste mundo porque nosso Pai reina do céu. Consolo e coragem, pois o fato de que o “céu reina” não exige uma aceitação passiva do destino: é uma afirmação acompanhada da promessa de graça para a nossa batalha. Quando sentimos que não conseguimos mais suportar pressões, problemas ou dores, a consciência de que Deus reina inspira em nós uma força sobrenatural. Isso nos capacita a viver com uma clareza sólida e satisfeita através do caos e das terríveis consequências de um mundo caído, quando enfrentamos lutas e circunstâncias que nos fazem querer fugir em pânico ou nos encolher em desespero. Encontramos coragem para perseverar com paciência e até mesmo com alegria, na certeza de que o céu reina.

Nem mesmo o ano de 2020 pôde derrubar esta verdade.

Ao longo daquele ano, porém, meu marido e eu fomos testados, a fim de descobrirmos se realmente acreditávamos que isso era verdade.

Primeiro, vou revelar um pouco do contexto. Como você talvez saiba, em 2015, um viúvo chamado Robert Wolgemuth pediu em casamento uma mulher de 57 anos que nunca fora casada. Eu disse: “Sim, de todo o coração”. Das muitas experiências que tive em minha vida que testificam que o céu reina, uma das mais notáveis é o plano providencial de Deus para que eu me casasse com esse homem precioso.

Menos de cinco anos depois de termos dito “sim”, o Senhor nos conduziu a outra grande oportunidade de experimentar e abraçar seu governo soberano em nossa vida. No mesmo momento em que o mundo era abalado por uma pandemia, meu marido, antes saudável, recebeu o diagnóstico de dois — isso mesmo, dois — cânceres diferentes e não relacionados entre si, ao longo de apenas alguns meses.

Como podem imaginar — ou talvez saibam perfeitamente bem, por experiência própria — a chegada desse invasor desconhecido trouxe consigo ondas de tristeza. Medos inconfessos. Conversas difíceis, repletas de lágrimas. Longas esperas por resultados de testes críticos e por informações claras sobre o que

esperar em seguida.

E, como você mesmo talvez tenha descoberto em capítulos difíceis de sua própria história, tínhamos uma escolha a fazer. Não se tratava de saber se a nossa vida seria afetada pelo câncer — não nos foi dada uma opção em relação a isso. A questão era como receberíamos essa nova realidade e como responderíamos a ela. Como nos prepararíamos para atravessá-la e como começaríamos a enfrentá-la, sem ter como saber os altos e baixos que viriam pela frente — ou mesmo se “para baixo” seria a única direção para a qual essa situação nos levaria.

Podemos ser consolados ao caminharmos por este mundo porque nosso Pai reina lá do céu. Consolo e coragem... para perseverar pacientemente, e até mesmo com alegria.

Podemos ser consolados ao caminharmos por este mundo porque nosso Pai reina lá do céu. Consolo e coragem... para perseverar pacientemente, e até mesmo com alegria.

Olhando para trás, podemos ver claramente que Deus estava nos preparando para esta jornada. Em 2019, antes da chegada da COVID ou dos dois cânceres, Robert e eu escrevemos juntos um livro que chamamos *You can trust God to write your story: embracing the mysteries of providence* [Você pode confiar em Deus para escrever sua história: abraçando os mistérios da providência]. Em um dos capítulos, refletimos sobre as providências de Deus — algumas dolorosas, outras belas, mas todas boas — em nossa própria história. No final desse capítulo, escrevemos:

Não podemos deixar de imaginar os caminhos pedregosos que ainda poderemos ser chamados a percorrer. [...] Pode ser que ainda tenhamos de enfrentar graves problemas de saúde, ou a possibilidade de um de nós morrer e/ou outras crises que somente Deus conhece. Mas sabemos que ele tem sido fiel em cada capítulo de nossa vida até agora. E sabemos que Deus será fiel em cada capítulo por vir,

que sua graça será suficiente para onde quer que ele nos leve.²

Em outras palavras, assim como as Escrituras, afirmamos que podíamos confiar em Deus para escrever a nossa história. E, em 2020, mantivemo-nos apegados a essa crença, mesmo quando o câncer duplo assumiu um papel central como o antagonista da história.

Dito de forma mais sucinta, sabíamos que o céu reina.

Como tenho me apegado a essas duas palavras, extraídas de um diálogo do passado entre Daniel e o rei da Babilônia! E como aprendi a amá-las! Na verdade, se alguém visse minha Bíblia ou meus diários, textos, e-mails e pedaços de papel espalhados por minha casa e meu escritório, poderia ver que rabisquei aqui e ali duas letras que se tornaram parte do enredo e da trama da minha vida:

CR

O “céu reina”. Não consigo me lembrar de uma época em que eu não soubesse e não acreditasse nesta verdade teológica em algum nível, graças a meus pais, que a ensinaram e a viveram em nossa casa enquanto eu crescia. Mas, ao longo da minha vida adulta, sobretudo nos últimos anos, essa forma de ver as complexidades e crises da vida neste mundo caído foi conquistando cada vez mais o meu coração. Tornou-se uma lente através da qual vejo e processo praticamente tudo. É raro passar um dia sem que eu não fale sobre isso ou não compartilhe isso de alguma forma com outra pessoa, com alguém que esteja lutando para respirar em meio às águas agitadas de seu próprio mar de preocupações, dúvidas, medos ou dificuldades. Na verdade, há poucos minutos apenas, durante uma conversa telefônica, tive a oportunidade de lembrar a um querido amigo dessa verdade reconfortante.

Para mim, o “céu reina” não é um ditado nebuloso e restrito a domínios invisíveis que se situam além do tempo e do espaço. Essa afirmação traz à memória o fato de que nosso Deus, lá no céu, está controlando e trabalhando

ativamente através de cada acontecimento, de cada evento e de cada circunstância na Terra, e assim o faz para cumprir seus propósitos bons, eternos e redentores.

Deus assim o faz, apesar de tudo o que possamos ouvir sobre o estado atual deste mundo, quando assistimos ou lemos as notícias do dia.

Deus assim o faz, apesar de tudo o que aparece na tela, quando você verifica seu e-mail ou o feed das mídias sociais, depois de uma longa reunião.

Deus assim o faz, apesar do nervosismo que acompanha o tique-taque do relógio, enquanto você está sentado em mais um consultório médico ou em mais uma sala de espera de hospital, aguardando seu nome ser chamado.

O céu ainda reina. O céu está sempre reinando.

Sei que nem sempre parece ser assim. Às vezes, pode parecer o exato contrário. No noticiário de qualquer dia pode parecer que o mundo está fora de controle, que os malfeitores estão ganhando e que Deus é impotente (ou não está disposto) a fazer nada a respeito.

Enquanto escrevo este capítulo, nossos feeds de notícias estão sendo inundados pelos relatos de destruição, e até de genocídio, que ocorrem na Ucrânia. Será que o céu reina neste canto do mundo sendo reduzido a escombros?

Em âmbito mais pessoal, pode parecer que Deus menospreza sua situação, é lento para agir, e é até mesmo frio e indiferente aos assuntos que tanto pesam em sua mente e em seu coração, às dificuldades que desviam sua atenção, angustiam você e sabotam a sua alegria.

Mas nem mesmo os acontecimentos mais temíveis, drásticos ou fatais podem roubar a esperança e a confiança de quem “conhece o seu Deus” (Dn 11.32). Tudo ficará bem, embora no momento nada pareça estar bem. Esta verdade é inabalável, apesar de toda e qualquer indicação em contrário. Mesmo quando as tempestades desabam dentro e fora de nós, você e eu podemos dormir em paz todas as noites, e podemos despertar todas as manhãs consolados e com coragem renovada, por causa desta realidade imutável e irrefutável.

Porque o céu reina.

Prova viva

Em meio a toda a turbulência de 2020, com os transtornos que todos estávamos enfrentando em razão da COVID-19 e das questões culturais de grande impacto, além daquelas que Robert e eu enfrentávamos de forma mais pessoal devido ao câncer dele, eu me vi mais uma vez atraída pelo livro de Daniel. O que descobri ali me deu a esperança e a perspectiva renovadas a cada dia, das quais eu tão desesperadamente precisava.

Daniel fazia parte da primeira geração de cidadãos judeus expulsos de suas casas em Judá pelo rei da Babilônia, Nabucodonosor, que tomou Jerusalém por volta de 605 a.C. Alguns estudiosos acham que o jovem Daniel não tinha mais de quatorze anos quando apareceu pela primeira vez no livro que leva seu nome. Acho isso especialmente interessante, pois, se as respostas de Daniel tivessem sido motivadas pelas circunstâncias e pelo ambiente, como tantas vezes acontece com os adolescentes (e com os adultos também!), ele poderia ter concluído com naturalidade que Deus o tinha abandonado, assim como o restante de seu povo. Por qual outro motivo os judeus teriam sido levados à força para a Babilônia, contra a sua vontade?

Mas o testemunho cativante de toda a vida de Daniel é que o céu reina, apesar de todas as aparências em contrário. Os acontecimentos mais conhecidos desse pequeno livro atestam esta verdade:

- Daniel, como um hebreu em terra estrangeira, foi estrategicamente colocado em posição de interpretar os sonhos do rei Nabucodonosor (Dn 2 e 4);
- os três jovens amigos de Daniel (Sadraque, Mesaque e Abednego) foram lançados em uma fornalha ardente por se recusarem a se curvar diante da estátua de Nabucodonosor (Dn 3);
- Belsazar, outro rei babilônico, que perdeu o poder em uma única noite, foi informado de sua queda iminente pelo aparecimento arrepiante de uns dedos de mão de homem que escreviam na parede do palácio (Dn 5);

- e, evidentemente, a história mais conhecida de todas: Daniel foi jogado na cova dos leões (Dn 6).

Esses relatos, que abrangem aproximadamente sete décadas, podem ser encontrados na primeira metade do livro de Daniel. Eles tornam a vida de Daniel, já notável, ainda mais extraordinária.

A segunda metade do livro de Daniel, entretanto, é menos conhecida pela maioria. Ela contém uma série de profecias enigmáticas sobre a queda iminente do Império Babilônico, bem como sobre a ascensão de impérios ainda desconhecidos, que Deus estava preparando para emergir nos séculos posteriores. Esses acontecimentos preparariam o cenário para o futuro advento do Messias de Deus, a vinda de Cristo à Terra, no tempo determinado pelo Senhor, bem como para o seu reinado final sobre um reino eterno que não terá fim (Dn 7—12). A visão profética que emerge é fascinante, gloriosa e nem sempre fácil de entender.

Há alguns anos, quando eu estudava no instituto bíblico, uma disciplina popular (embora difícil) e oferecida todos os anos era “Daniel/Apocalipse”. Essa disciplina explorava e tentava dar sentido aos meandros desses dois livros proféticos colossais, um do Antigo Testamento e outro do Novo. Com a orientação de um professor de Bíblia experiente, os alunos começavam a decifrar essa literatura apocalíptica, em grande parte recheada de simbolismo, e tentavam determinar o que devemos esperar que aconteça em um futuro ainda desconhecido.

Com toda certeza, há espaço para esse tipo de esforço acadêmico. Neste livro, porém, quero que recuemos um pouco e consideremos olhar para o livro de Daniel (assim como poderíamos olhar para o livro de Apocalipse) através de uma única lente — a lente da afirmação de que “o céu reina”.

No entanto, de forma alguma a afirmação de que o céu reina sugere que a vida de Daniel tenha sido encantadora e fácil. Ela foi tudo, menos isso. Da adolescência até o fim da vida, Daniel passou seus dias no exílio, longe da terra natal. Ele viveu e trabalhou por cerca de setenta anos sob a ordem de vários reis, servindo fielmente ao seu Deus sob a liderança de governantes ímpios de sucessivas potências mundiais. Daniel enfrentou muitas tentações e provações,

sendo forçado repetidamente a escolher entre sua fé em Deus (a quem ele conhecia como o “Altíssimo”) e os caprichos de déspotas e governadores pagãos. O terreno político nunca cessou de complicar sua vida, nem mesmo quando ele se viu sob o risco de virar comida para, literal e figurativamente, um bando de leões famintos.

No entanto, a confiança serena, humilde e calcada em oração que Daniel tinha no Senhor não apenas o manteve de pé (exceto quando ele se ajoelhava para orar), mas também fez dele uma voz da razão buscada em tempos de crise. Daniel sobreviveu a trocas de reis e de regimes, uma após a outra, não por reclamar e criticar os poderes do mal, não por protestar contra os sistemas perversos perpetuados por esses poderes, mas por se apegar a um fato imutável: governantes terrenos vêm e vão, mas o Deus Altíssimo nunca será destituído de seu trono e jamais abandonará o povo que chama de seu.

Por toda a sua vida longa e lendária, Daniel continuou a ser um firme pilar de fé, que exercia uma influência de justiça em um contexto injusto. Isto se deve ao fato de ele ter mantido seus olhos fixos na visão de longo prazo — a certeza do reino eterno de Deus —, mesmo enquanto enfrentava ventos contrários imprevisíveis, causados por uma sucessão interminável de líderes disfuncionais e de governos contrários a Deus.

Você consegue ver por que o relato que nos é dado no livro de Daniel é tão aplicável e necessário hoje em dia? Aqui onde vivemos e servimos, nesta “Babilônia” que conhecemos tão bem — seja ela a minha terra natal, a América, ou qualquer outro lugar do mundo —, a vida, as palavras e a conduta deste homem fiel e cheio de fé fornecem um modelo para os crentes dos nossos dias e também para os de cada geração.

É por isso que não considero coincidência que o Senhor, em sua providência, tenha voltado minha atenção para a história de Daniel nas Escrituras enquanto meu próprio mundo (e talvez o seu também, e com toda certeza o mundo) estava em turbulência e em crise. Durante esse período intenso, uma vez que mergulhei no livro de Daniel, a verdade da afirmação de que o “céu reina” mostrou-se um esteio para mim, uma rocha sólida para minha fé. As coisas que Deus me ensinou e me mostrou através do livro de Daniel fizeram com que essa frase se tornasse meu verdadeiro norte, de uma forma ainda mais rica e doce do que eu jamais havia experimentado antes. E hoje, quando a vida e o mundo por tantas vezes parecem estar de cabeça para baixo, essa verdade extraordinária e

duradoura me mantém de cabeça erguida.

“O céu reina” é o caminho que Robert e eu, pela graça capacitadora e diária de Deus, adotamos para enfrentar tudo na vida. Pela misericórdia de Deus, enquanto escrevo hoje, olhamos para o câncer por um espelho retrovisor, embora a jornada tenha envolvido mais procedimentos cirúrgicos, mais transfusões de sangue, mais picadas de agulha, mais sessões de quimioterapia, mais biópsias, mais exames e mais internações hospitalares do que pensávamos que minha agenda e a dele (bem como o corpo de um só homem!) pudessem suportar. Quando o céu reina, você simplesmente encontra espaço [para tudo].

Mas mesmo com a sensação de alívio que sentimos atualmente nesse aspecto, ainda devemos optar deliberadamente por confiar e louvar a Deus todos os dias, independentemente do que Deus nos concede no plano inteiramente bom e sábio que tem para nossa vida. Nossa confiança hoje, enquanto esperamos Deus revelar a próxima fase da nossa vida, é a mesma de 2019, naquela fase pré-COVID e pré-câncer, quando escrevemos:

Enquanto estamos sentados aqui, hoje, não temos a menor ideia do que o nosso futuro nos reserva. Nossa história ainda está sendo escrita e Deus não nos deu informações privilegiadas sobre como serão os próximos capítulos. Mas a nossa confiança está naquele que sustenta em suas mãos o nosso futuro [...] [naquele que] nos dá liberdade e paz, mesmo quando não conseguimos ver o que está por vir.³

O céu reina. Isso realmente é verdade. E não há ameaça nem problema, em nosso pequeno mundinho ou neste grande mundo que nos cerca, que possa roubar de nós essa certeza.

O valor de uma lente única

Todos nós sabemos o que é sentir-se sobrecarregado pela vida e desnortado

diante de circunstâncias difíceis, especialmente quando inesperadas. A vida nos dá muito em que pensar, com que se preocupar.

Por esta razão, meu objetivo neste livro é fixar nosso coração em uma única verdade, a qual se aplica a cada episódio, a cada pedaço e a cada fragmento de nossa vida e de nosso tempo. É uma perspectiva que elimina a aleatoriedade e a aparente impossibilidade de cada momento, transformando-o em uma oportunidade de obter uma visão mais clara deste Deus a quem servimos e adoramos; uma oportunidade para que esse Deus seja visto e se torne real para aqueles que nos rodeiam.

Ver as coisas através de uma lente única é algo valioso.

Não sei muita coisa sobre fotografia — ou melhor, não sei nada que vá além de tirar fotos com meu celular —, mas sei que a maioria dos fotógrafos sérios hoje usa uma câmera do tipo Single lens reflex (SLR), uma câmera reflex mono-objetiva, ou, em outras palavras, de lente única.

A câmera de lente única, como me explicaram, foi um avanço significativo na tecnologia de câmeras quando chegou ao mercado, principalmente por causa de uma inovação. Outros tipos de câmera em uso na época exigiam que o fotógrafo olhasse através de um visor posicionado acima ou ao lado da lente, em vez de olhar através da própria lente. Portanto, não importava quanto tempo ou quão cuidadosamente você olhasse para o objeto em vista, o melhor que poderia fazer era adivinhar como sairia a foto. Porque a foto real não era a que você via por aquele visor. A verdadeira foto ficava somente do outro lado daquela lente, onde a realidade se encontrava: onde a imagem real estava acontecendo.

Você e eu, ao observarmos o que está acontecendo no mundo, em casa, em nossos relacionamentos ou em nosso corpo, temos várias opções de visor que podemos escolher, temos diferentes maneiras de tentar captar e interpretar o que estamos vendo, de imaginar para onde tudo isso está caminhando e por quê. Mas embora inevitavelmente “vejamos através de um espelho, obscuramente”, como as Escrituras nos dizem (1Co 13.12, KJV), veremos com muito mais clareza se nossos olhos estiverem focados naquilo que realmente está acontecendo, e não nos muitos pontos de vista terrenos e temporais, que disfarçam o que mais importa.

E aqui está o que realmente importa: o céu reina.

CR

Coloque uma ilustração dessa sigla na parede e veja se ela não trará um novo foco para toda a sua vida.

Um presente do futuro

Voltemos à história de Nabucodonosor que abriu este capítulo. Este governante prepotente e insubordinado considerava a si mesmo senhor do próprio destino e precisava ser confrontado com o fato de que estava totalmente à mercê do Deus do céu. E Daniel disse a ele exatamente isso.

Depois de explicar que o sonho sobre a árvore frondosa que fora cortada era um aviso ao rei arrogante, Daniel fez ao rei um apelo sincero e ofereceu-lhe esperança, se ele tão somente se humilhasse e se arrependesse: “Afasta-te dos teus pecados e faze o que é certo [...] Quem sabe, então, tua prosperidade continue” (Dn 4.27).

Deus deu a Nabucodonosor ampla oportunidade — deu-lhe mais um ano inteiro, depois do sonho (4.29) — para ele se curvar diante do reinado do céu. Mas quando o rei persistiu em suas ilusões de autonomia e autograndeza, Deus o depôs do trono e o expulsou dentre os homens para que se alimentasse de quatro, como um animal sem alma.

Sete anos depois, o outrora arrogante rei da Babilônia finalmente passou a ver a vida através de lentes completamente diferentes. “No final daqueles dias”, disse ele, “eu [...] olhei para o céu e minha sanidade voltou” (4.34). Até que enfim! Ele desperdiçou todos aqueles anos resistindo ao que o anjo e Daniel haviam dito o Altíssimo ser quem de fato reina. E ainda assim, todos esses anos depois, a verdade continuava a mesma, onde sempre estivera, onde sempre está: apenas esperando que um rei do passado, ou talvez a pessoa que vemos no espelho todos os dias, “reconheça que o céu reina”.

O céu reinou naquele tempo.

O céu reina hoje.

O céu reinará amanhã.

E reinará por toda a eternidade.

Quão melhor seria se, em vez de viver sete anos — ou até mais — de transtornos e humilhações autoinfligidos e desnecessários, simplesmente seguissemos em frente e vivêssemos o agora dentro do eterno reinado de Deus, com seu consolo e sua coragem. É nesse contexto que o futuro encontra o presente. É nesse contexto que sua onipotência encontra nossa fragilidade e que o consolo encontra a coragem. E nele ninguém precisa enlouquecer no processo.

¹Margaret Clarkson, *Grace grows best in winter* (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), p. 40-1, disponível em: <https://gracequotes.org/topic/god-sovereignty>. Acesso em: 27 jan. de 2022

²Nancy DeMoss Wolgemuth; Robert Wolgemuth, *You can trust God to write your story: embracing the mysteries of providence* (Chicago: Moody, 2019), p. 60-1.

³*Ibidem*.

2

A história por trás da história

Deus está sempre fazendo dez mil coisas em sua vida, e pode ser que você esteja ciente de três delas.¹

— *John Piper*

A história de Daniel se passa no contexto do cativeiro babilônico — quando o povo judeu suportou setenta anos de exílio na Babilônia, sob o punho de ferro de um déspota tirânico. A experiência foi brutal. Angustiante. Exaustiva. Aparentemente sem fim... e sem sentido.

Essa era a perspectiva do povo escolhido de Deus, a imagem que se formava diante de seus olhos.

E é assim que nossa história e nosso mundo às vezes nos parecem; eventualmente é assim que os sentimos. Pessoas arrogantes e políticas sem sentido que desvalorizam e desrespeitam aquilo que estimamos, desgastando-nos com seus ataques intermináveis à verdade e àqueles que a valorizam. E não nos esqueçamos do inimigo incansável de Deus e de seu povo, o próprio Diabo, que se intromete nos acontecimentos deste mundo e exerce todo e quaisquer poderes (limitados) que possui para causar estragos por todo lado.

É tudo irritante e cansativo, para dizer o mínimo.

Mas acima e além de tudo o que vemos e vivenciamos aqui na Terra, há uma história muito diferente e muito maior se desenrolando. E essa história ficaria clara para nós se simplesmente pudéssemos ver os acontecimentos e as dificuldades da vida a partir da perspectiva do céu.

Tomemos, por exemplo, uma história que teve início sob o contexto das crueldades cometidas na União Soviética na primeira metade do século 20. Para aqueles que foram vítimas desses acontecimentos, as realidades que seus olhos

contemplavam eram duras e inexplicáveis. Mas, como se revelou, os acontecimentos dolorosos que podiam ser vistos aqui na Terra estavam preparando o cenário para uma história maior, invisível e redentora que Deus estava escrevendo do céu.

(Apenas um aviso: este relato é um pouco complexo de se acompanhar; mas o esforço vale a pena. Ele ilustra lindamente um princípio importante que encontraremos em ação no livro de Daniel — e também em nossas próprias histórias, se nossos olhos espirituais estiverem abertos para vê-lo.)

• • •

No final de outubro de 1937, justamente quando o inverno arrochava suas garras geladas sobre as regiões setentrionais da Rússia, comboios de vagões de trem começaram a sair das regiões que ficavam mais orientais do seu vasto território. Cada compartimento estava lotado de coreanos étnicos sendo deportados do único lar que suas famílias haviam conhecido desde o fim do século 19.²

Os russos, em um primeiro momento, adquiriram da China esta área de terras em grande parte desabitada, durante os dias da dinastia Qing, em busca de um porto no Pacífico cujas águas não congelassem, para uso de suas embarcações comerciais e de seus navios de guerra. Desejando também colocar uma barreira geográfica entre si mesmos e o Japão, os russos procuraram fazer amizade com os migrantes coreanos que já tinham começado a se instalar de novo lá, depois de terem sido empurrados para o norte por uma fome severa, e que chegaram em maior número quando o Japão ocupou a Coreia.

Mas em 1937 a Rússia já tinha se unificado com vários países vizinhos, formando a imensa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Josef Stalin estabelecera-se como ditador da URSS. Stalin, assim como Hitler, via inimigos do Estado para onde quer que olhasse. Embora esses coreanos que viviam nas regiões mais orientais da Rússia não fossem nada do tipo, Stalin suspeitava que estivessem abrigando ou atuando como espiões, e ordenou arbitrariamente que fossem exilados nas profundezas da Ásia Central — a seis mil quilômetros de distância!

Os números variam, mas as melhores estimativas calculam que a deportação coreana atingiu 170 mil almas, possivelmente mais. Eles desembarcaram nos Estados-satélites soviéticos, hoje conhecidos como Uzbequistão e Cazaquistão, onde foram proibidos de praticar suas tradições de longa data. Seus filhos aprenderam a língua russa na escola. Com o tempo, esses cidadãos coreanos foram assimilados pela cultura que os cercava, embora fossem tratados como cidadãos de segunda classe e forçados a sofrer as indignidades da discriminação e do preconceito racial.

Repito: a deportação coreana aconteceu em 1937.

Agora, avancemos cinquenta anos no tempo. No fim da década de 1980, a União Soviética, que durante décadas disputou frente a frente com os Estados Unidos, no impasse titânico conhecido como Guerra Fria, começou a mostrar sinais de ruptura. Em uma tentativa desesperada de salvar seu cambaleante sistema comunista, os soviéticos, liderados por Mikhail Gorbachev, iniciaram esforços para reformular algumas de suas políticas econômicas (perestroika) e abrir sua sociedade fechada para o mundo (um princípio chamado glasnost).³

A notícia estava em todos os noticiários. Todo mundo falava apenas da iminente dissolução da União Soviética. Parecia impossível — quase uma esperança, mas ainda assim um pouco assustador, dada a história das relações entre os EUA e a União Soviética. Os dois viviam no pé um do outro há muito tempo, disputando para ver qual lado enfim prevaleceria. O que aconteceria a seguir? As mudanças drásticas contribuiriam para a paz mundial ou para uma desestabilização perigosa?

Para nossos propósitos aqui, chamaremos isso de a visão da perspectiva da Terra.

Entretanto, à medida que os Estados soviéticos da Ásia Central começavam a abrir as suas portas para os interesses estrangeiros, a igreja na Coreia do Sul experimentava um crescimento explosivo e sem precedentes. Embora perseguida e reprimida pelos dominadores japoneses, ao longo da primeira metade do século 20, a igreja emergiu dos anos da Guerra da Coreia (1950-1953) para um período de crescimento vibrante. E, uma vez que crescia, crescia também o seu zelo em enviar missionários para evangelizar pessoas em outras terras.

A situação em evolução na antiga União Soviética revelou-se especialmente intrigante. Os missionários coreanos, assim como outros, estavam ansiosos para

tirar proveito desta nova abertura, a qual incluía os Estados agora independentes do Uzbequistão e do Cazaquistão. Quando estes missionários chegaram, foram confrontados com os já esperados desafios interculturais de tentar alcançar pessoas com quem não partilhavam qualquer história ou passado — exceto pelo fato de que, entre os habitantes do Uzbequistão e do Cazaquistão havia centenas de milhares de pessoas que, durante gerações, tinham vivido como russas, mas eram obviamente de descendência coreana.

Rapidamente — surpreendentemente? — esses missionários sul-coreanos viram-se rodeados por coreanos de terceira e quarta geração que, apesar de terem suas raízes ancestrais arrancadas pelas ações de Stalin contra os seus avós e bisavós, em 1937, pareciam bastante interessados em reatar laços culturais com sua terra natal por tradição. Como resultado, esses missionários encontraram terreno fértil para semear o evangelho. E devido à completa assimilação desses expatriados coreanos na sociedade local, os missionários também foram capazes de ganhar acesso, através deles, aos corações de muitas outras pessoas na região.

Essa história não era contada nos noticiários noturnos no início da década de 1990 nem em nossos jornais matinais. E, no entanto, nos recantos frios e apertados daqueles vagões dilapidados que chacoalharam pela implacável paisagem russa, aparentemente abandonados pelo Deus vivo — que supostamente criara o mundo e governava tudo nele —, esse mesmo Deus estivera trabalhando de forma invisível, escrevendo uma história e traçando um plano que não seria visto nem conhecido na Terra pelas próximas décadas. Um plano eterno, de redenção, por meio do qual muitos milhares seriam levados a dobrar os joelhos diante de Cristo.

Vamos chamar isso de a visão da perspectiva do céu. Pois, em qualquer situação, não importa como ela nos pareça quando vista da Terra, há outra história por trás da história. Existe o lado celestial da história. E esta história — vista do ponto de vista do céu — é tão real, ou ainda mais real, do que a forma como as coisas parecem para a maioria dos observadores aqui neste mundo. Existe aquilo que se pode ver acontecendo aqui na Terra, e existe aquilo que Deus está fazendo lá do céu e que talvez não sejamos capazes de ver ou de perceber no momento.

À medida que caminharmos juntos pela história de Daniel, fique atento a essas duas perspectivas diferentes. Não tenha medo de marcar as passagens que

analisaremos, como marquei na minha Bíblia. Tome nota quando perceber o que está acontecendo do ponto de vista da Terra. E quando tiver um vislumbre do envolvimento e da intervenção de Deus, você pode escrever CR (o Céu Reina) na margem.

Comece reservando alguns minutos para ler Daniel 1. Ao repassar essa narrativa inicial, pergunte: O que estava acontecendo da perspectiva da Terra? Deste modo: O que Deus estava fazendo nos bastidores desses eventos? Tome nota de quaisquer sinais do tipo CR (o Céu Reina).

Por detrás das manchetes

O livro de Daniel abre com “O terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá”, quando “Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio a Jerusalém e a sitiou” (Dn 1.1).

Aqui, temos a data e o contexto histórico dos acontecimentos a seguir.

Em qualquer situação, não importa como ela nos pareça quando vista da Terra, há outra história por trás da história. Existe o lado celestial da história.

Esse é o tipo de reportagem que você verá e ouvirá nos noticiários de hoje. Jornalismo nítido, claro, conciso e que fornece nomes, datas e ações humanas.

As tropas da Babilônia chegaram a Jerusalém e cercaram os seus muros externos, cortando a sua rede de abastecimento. Foi exatamente isso que aconteceu.

Mas este relato resumido deixa de fora uma informação importante. Faz o que os jornalistas chamam de “matar a história”. Ele ignora o principal ímpeto ou importância da história, concentrando-se inteiramente em detalhes óbvios: as árvores todas, mas nenhuma floresta.

A perspectiva que falta no primeiro versículo de Daniel 1 — a perspectiva que mais importa — encontra-se no versículo seguinte, no qual a Bíblia conta não apenas sobre a tomada histórica da cidade, da terra e do seu rei,⁴ mas também deixa claro quem estava fazendo o quê:

O Senhor entregou Jeoaquim, rei de Judá, a [Nabucodonosor] (Dn 1.2).

Aí está a nossa história. Deus é o sujeito de cada frase. Deus é a mão agindo por detrás de cada acontecimento. (Dica: este é um bom lugar para escrever “CR” em sua Bíblia.)

Já mencionamos dois termos teológicos importantes e relacionados a este conceito: a soberania de Deus e a providência de Deus. Seus significados são um tanto quanto semelhantes, embora cada um deles seja suficientemente distinto do outro para que, juntos, retratem para nós uma visão ainda mais ampla do que Deus faz e do por que o faz.

- Soberania significa o direito de Deus, como Criador, de governar a sua criação;
- providência refere-se às maneiras pelas quais Deus usa seu poder soberano para cumprir seus propósitos;
- soberania significa que pertencemos a Deus e ele pode fazer conosco o que quiser;
- a providência diz que Deus age de maneira a levar adiante seu plano bom e sábio para nós.

Portanto, existe soberania e existe providência. Divindade com desígnio. Poder com propósito. Não basta dizer que as coisas acontecem por uma razão qualquer; a questão é que as coisas acontecem pelas razões de Deus. O próprio Deus está atuando ativamente em nosso mundo e em nossa vida para realizar seus próprios objetivos.

Esta realidade é tecida ao longo de toda a Escritura. Por exemplo:

O Senhor faz o que lhe agrada no céu e na terra (Sl 135.6).

Isso é a soberania de Deus. E:

[Ele] faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade (Ef 1.11).

Isso é a providência de Deus.

Será que sempre entenderemos o que Deus está fazendo no mundo e em nossa vida? Claro que não. Não somos Deus. Mas aqui está algo de que podemos ter certeza. Juntas, a soberania de Deus (sua prerrogativa) e sua providência (sua intervenção intencional, que Rm 8.28 diz ser sempre para o bem do seu povo) são capazes de abrigar você, eu e nosso coração frequentemente trêmulo dentro de uma fortaleza impenetrável.

Isso nos diz que há mais coisas acontecendo do que apenas o que pode ser visto da perspectiva da Terra, mesmo naqueles momentos difíceis e assustadores da vida — como quando o povo de Deus, inclusive Daniel, foi capturado e levado de sua terra natal para um ambiente hostil. Há outra maneira de ver os acontecimentos, que é a partir de uma perspectiva celestial.

E embora os acontecimentos terrenos muitas vezes pareçam aleatórios, sem sentido, destituídos de esperança e até mesmo cruéis, o que está acontecendo no reino celestial está imbuído de tanta sabedoria e bondade, com um plano e um

propósito tão elevados, que se soubéssemos o que Deus está fazendo, nós o adoráramos e o louvaríamos por tudo o que está acontecendo ao nosso redor, independentemente de como isso nos pareça a partir da nossa perspectiva humana e terrena.

Se você procurar, é isso que verá repetidas vezes ao longo do livro de Daniel — na verdade, ao longo de toda a Bíblia.

Você nunca mais verá as notícias da mesma maneira quando começar a ter uma noção do que está acontecendo por detrás das manchetes, do que Deus está fazendo aqui na Terra para cumprir seus propósitos eternos e celestiais. Pois, do ponto de vista terreno, mesmo nos momentos em que não tiver ideia de por que algo ocorreu, você será capaz de confiar que Deus sabe o que está fazendo — e que seus propósitos são sempre bons.

Cobertura abrangente

Durante aqueles meses em que analisei o livro de Daniel, lembro-me de, certa noite, ter assistido ao noticiário com meu marido. Depois de ouvir uma repetição das mesmas três ou quatro histórias que dominaram a cobertura jornalística durante toda aquela semana, com vários convidados ruidosamente debatendo e querendo dar a última palavra sobre o que tudo aquilo significava, virei-me para Robert e exclamei: “Querido, o livro de Daniel é bem melhor do que isso! É mais oportuno. É mais útil. E definitivamente é mais encorajador — e mais preciso, na verdade.”

Se dizer que “o céu reina” nada mais fosse do que uma forma reconfortante de processar e absorver as notícias do dia, essa qualidade por si só já tornaria essa afirmação inestimável (pelo menos para mim). Pense novamente em algumas das coisas com que nos bombardearam, através das nossas televisões e dispositivos eletrônicos, desde 2020: o gráfico diário de novas infecções e mortes por COVID; uma eleição presidencial controversa e disputada; conflito e insulto racial; tumultos e saques; taxas de criminalidade nas alturas em cidades americanas e no exterior; discussões sobre máscaras e vacinas; restrições para viajar; fechamento de empresas; residentes de lares de idosos e pacientes de hospitais isolados de suas famílias; igrejas que não podiam se reunir; batalhas

políticas sobre imigração e controle de fronteiras; afegãos arriscando a vida para embarcar em aviões em movimento a fim de escapar das condições de vida em seu país; inflação galopante; preços da gasolina disparando; imagens ininterruptas da terrível carnificina e devastação na Ucrânia.

Tudo isso foi real. Tudo isso realmente aconteceu. (E, sem dúvida, mais coisas estão acontecendo enquanto você lê este livro.) Ignorar não faz com que esses fatos desapareçam. Mas este dilúvio incessante de desastres teve um impacto emocional para o qual a maioria das pessoas não estava preparada, e nos deixou com perguntas às quais não temos certeza de como responder. Estaremos simplesmente à mercê da espera pelo próximo acontecimento? Com todas essas opiniões conflitantes, em quem devemos acreditar? Como devemos lidar com mais um alerta perturbador dado pelas últimas notícias? E como devemos lidar com a pandemia de depressão, desespero, solidão, desorientação, medo e vícios que tomou conta de tantos de nossos amigos e familiares (e talvez até do nosso próprio coração)?

É aqui que faz toda a diferença do mundo orientar e atar nosso coração à convicção de que o céu reina... afirmar, pela fé, o que nem sempre podemos ver: que o céu reina sobre tudo, mesmo sobre aquelas coisas que ameaçam a paz e o bem-estar do mundo. O céu reina sobre economias em crise. O céu reina sobre novas variantes contagiosas de vírus. O céu reina sobre os poderosos tornados que assolam o centro-oeste dos Estados Unidos. O céu reina sobre atrocidades mortais na Europa Oriental. Deus é soberano sobre líderes, sobre nações, sobre o clima, sobre todas as questões geopolíticas do nosso mundo.

O céu reina sobre tudo, em todos os lugares.

É isso que vemos nos versículos iniciais de Daniel 1. Do ponto de vista terreno, o rei Nabucodonosor conquistou a cidade de Jerusalém e a nação de Judá. Mas do ponto de vista do céu, o rei da Babilônia não foi a causa última por trás da queda da cidade. Foi Deus quem a entregou para ele. Nabucodonosor foi um mero instrumento humano que Deus escolheu para cumprir seu propósito.

E, como de costume, Deus tinha mais de um propósito em mente ao apresentar esse conjunto de circunstâncias no ciclo de notícias. Sabemos, por exemplo, que Deus queria dar-se a conhecer a Nabucodonosor — justamente como fez mais tarde, por meio do sonho que o rei teve com a poderosa árvore que foi cortada (Dn 4). O Senhor tinha negócios a tratar com este governante da Babilônia.

Deus, ao entregar seu povo nas mãos de Nabucodonosor, colocou Daniel e três de seus amigos na presença do rei, criando uma oportunidade para Deus falar de forma direta e convincente com esse monarca secular. A queda de Jerusalém — uma tragédia absoluta do ponto de vista dos judeus forçados ao exílio — preparou o terreno para que esses encontros acontecessem.

As ações de Deus nesta circunstância também serviram a outro propósito. (Quem sabe quantos outros havia?) Ao desarraigar seu povo de sua terra natal, Deus os estava disciplinando por seus pecados e sua idolatria, por afirmarem que ele era o seu Deus quando, na verdade, tinham-no abandonado como nação. (Os paralelos com os Estados Unidos de hoje são muito evidentes.) Como você e eu bem sabemos, o pecado em qualquer uma das suas formas, especialmente a idolatria, nunca termina bem para nenhum de nós. O pecado nos escraviza. O pecado nos diminui. O pecado envenena a nós e a todos os nossos relacionamentos. Acaba não fazendo outra coisa senão nos machucar. Por que então Deus, que reina soberanamente sobre nós e se move providencialmente em nossa direção, não tomaria as medidas necessárias para nos levar ao arrependimento e nos libertar da escravidão do pecado?

A Bíblia diz que o Senhor não apenas “entregou” a terra de Judá e seu rei, Jeoaquim, aos invasores babilônicos; ele também entregou “alguns dos utensílios da casa de Deus” nas mãos do inimigo (Dn 1.2). Este saque do templo pelas mãos de Nabucodonosor foi um símbolo apropriado para aquilo que já havia acontecido no coração do povo de Deus. Apesar de anos de pacientes admoestações e de apelos apaixonados de uma série de profetas, que os exortavam para que se arrependessem e voltassem para o seu Deus, que estava esperando para recebê-los com misericórdia e bênção, eles se recusaram reiteradamente. Portanto, agora o povo tinha de enfrentar a disciplina severa, mas amorosa, de Deus.

Macro e micro

E, mais uma vez, Deus era quem estava por trás de todas essas coisas. O céu reina sobre tudo. Pense nesta verdade como uma macroperspectiva: um panorama geral, aquele que veríamos através de uma lente grande-angular ou de

um telescópio. Isso deve nos dar coragem e consolo em meio ao tumulto em nosso mundo.

Mas é igualmente reconfortante e encorajador perceber que o céu também reina sobre os detalhes de nossa vida individual. Esta é a microperspectiva: a visão através de uma lente zoom ou mesmo de um microscópio. Sim, Deus governa os grandes acontecimentos nos palcos das nações e do mundo. Mas ele também governa as minúcias de nossa vida pessoal, o que jamais apareceria no noticiário noturno.

O capítulo 1 do livro de Daniel nos fornece uma tela viva para observarmos esse aspecto pessoal do cuidado e do controle de Deus — a visão micro. Somos informados de que, ao levar o povo de Judá cativo, Nabucodonosor deu ordens para “trazer alguns dos israelitas da família real e da nobreza — homens jovens, sem defeitos físicos, de boa aparência, aptos para instrução em toda a sabedoria, instruídos, perspicazes, e com capacidade para servir no palácio do rei” (1.3-4). Seu plano era colocar esses jovens em um programa intensivo de treinamento por três anos, uma espécie de MBA em todas as áreas da Babilônia. Enquanto eram instruídos, ele lhes forneceria tudo o que precisavam para seu sustento diário, inclusive a melhor comida e bebida possíveis.

Era uma manobra manipuladora clássica, que jogava com as mentes e os apetites de jovens impetuosos e ambiciosos. O rei Nabucodonosor mostraria interesse por esses jovens de elite da classe aristocrática, oferecendo-lhes uma carreira promissora na Babilônia, ao mesmo tempo que progressivamente minava a lealdade deles ao lar, à família, à cultura e à sua herança religiosa. Ao dobrá-los com bons vinhos, regalias reais e privilégios de um círculo íntimo imaginário, ele poderia recrutar os talentos desses jovens para seus propósitos pessoais, enquanto os fazia se sentirem obrigados e honrados em servir o rei que lhes havia concedido tantas honrarias.

Vemos aqui um rei no auge de sua astúcia e sua arrogância; um rei que parece ter controle absoluto; um rei que acredita ter esse grupo de jovens israelitas exatamente onde ele queria, ou seja, sem outra escolha a não ser fazer o que ele diz.

Mas não. Quando foi “convidado” (leia-se, coagido) a ir ao palácio mais poderoso que o mundo conhecia, Daniel ainda sabia quem era o verdadeiro governante do mundo, aquele a quem respondia e a quem devia sua lealdade

final. Como resultado, apesar das críticas que ele sabia que a sua resistência iria gerar, Daniel “decidiu não se contaminar com a comida do rei nem com o vinho que ele bebia” (Dn 1.8).⁵

Observe que Daniel não fez um escândalo por causa disso. (Quando se acredita que o céu reina, não há necessidade de perder as estribeiras diante dos obstáculos deste mundo.) Em vez disso, ele foi diretamente — e com respeito — até o “chefe dos oficiais” (a pessoa responsável) e “pediu permissão” para não seguir a dieta prescrita, pois contrariava a prática sagrada de sua fé (1.8).

Observe cuidadosamente o que a Bíblia diz a seguir:

Deus concedeu a Daniel bondade e compaixão da parte do chefe dos oficiais (1.9).

Você pode escrever outro pequeno “CR” [o céu reina] ao lado desse versículo. Outra “visão da perspectiva de Deus”.

Agora me diga quem fez com que Daniel encontrasse favor diante desse chefe dos oficiais. Foi Deus. Mesmo aqui, nessa espécie de “programa de desenvolvimento”, que todos os líderes sabiam que tinha como objetivo reprogramar esses hebreus atrasados e incutir neles o pensamento progressista da Babilônia, Deus interveio em nome de Daniel e comoveu o coração de seus manipuladores pagãos.

Assim, quando Daniel apelou para o “encarregado” (1.11) diretamente responsável pelos hebreus recrutados e sugeriu um experimento, ou seja, que ele e seus três amigos fossem por dez dias alimentados apenas com legumes e água, o homem concordou. Por quê? Porque Deus viera antes deles. Abrindo caminho para eles. Protegendo-os. Provendo para eles.

“O coração de um rei é como um canal de água nas mãos do Senhor”, diz a Bíblia (Pv 21.1), assim como é o coração de todos aqueles que detêm autoridade, mesmo que não reconheçam a Deus. Mesmo que odeiem e resistam a Deus. Mesmo que adorem outros deuses, o nosso Deus ainda “dirige” o coração deles “para onde ele quer”. Não existe um só rei, líder ou presidente, nem mesmo seu

chefe no trabalho, cujo coração Deus não possa tocar e transformar; não há uma só pessoa que Deus não possa fazer com que cumpra sua vontade.

Não existe um só rei, líder ou presidente, nem mesmo seu chefe no trabalho, cujo coração Deus não possa tocar e transformar; não há uma só pessoa que Deus não possa fazer com que cumpra sua vontade. Porque o céu reina.

Porque o céu reina.

Entretanto, como se o favor de uma administração ímpia já não fosse prova suficiente da presença de Deus dirigindo a vida de Daniel e de seus amigos, a Bíblia diz que o Senhor também “concedeu a estes quatro jovens conhecimento e entendimento em todo tipo de literatura e sabedoria” (Dn 1.17).

Quem lhes concedeu essas coisas? Foi Deus.

Deus sabia que em breve esses jovens deparariam com situações em que precisariam dessas habilidades, especialmente da sabedoria fora do comum de Daniel para compreender “todo tipo de visões e sonhos” (1.17). E assim, com base no conhecimento que tinha tanto das preocupações pessoais desses jovens (o cenário micro) quanto de tudo o mais que estava orquestrando no mundo (o cenário macro), Deus fez provisão para eles, concedendo-lhes tudo o que precisavam, no momento certo, na medida exata, e até mesmo antes de que precisassem.

Ora, esses quatro jovens (Daniel, Hananias, Misael e Azarias) certamente não foram os únicos a participarem do programa de treinamento babilônico para jovens hebreus da elite. Eles são apenas os quatro mencionados na Bíblia. Mas, a partir do que lemos, aprendemos que Deus estava atento a eles como indivíduos e os estava capacitando exatamente com o que precisavam — o que não incluía a comida nem o vinho caro do rei! — mesmo em meio ao sofrimento por eles experimentado como vítimas de uma catástrofe nacional. O mesmo Deus que governa as nações e entregou Judá nas mãos do rei da Babilônia (cenário macro) também operava nos detalhes da vida do seu povo (cenário micro).

E o mesmo é verdade para você. Deus sempre lhe dará o que você precisa de maneiras que podem não ficar claras ou mesmo visíveis aos seus olhos no momento. Mas ele está preparando você para oportunidades e circunstâncias que estão à sua frente, desafios que podem ser mais difíceis do que os que está enfrentando no presente momento, coisas que você provavelmente não prevê e talvez nem seja capaz de imaginar.

Deus, e somente Deus, sabe com precisão o que vai acontecer com sua saúde, sua família, suas finanças, seu trabalho, seu país, neste mundo. Ele sabe de todas as coisas.

Deus é aquele que sabe. Aquele que governa. Aquele que se importa. Portanto, a obra dele em sua vida, embora possa desafiar a lógica convencional e até ser dolorosa, e talvez confusa, é de fato uma obra de provisão, de proteção e uma obra preparatória. Ele está colocando você em posição de mostrar a glória dele.

O seu trabalho e o meu é simplesmente confiar em Deus. E podemos confiar nele por causa de quem ele é. Não importa qual seja a situação, estamos cobertos por seu amor e seu cuidado vigilantes e podemos ter certeza de que Deus sabe a melhor maneira de nos guiar em meio a tudo isso. Mesmo quando aquilo que estamos passando parecer injusto e doloroso.

Por que eu?

Daniel e seus amigos claramente não abandonaram seu Deus nem seguiram um estilo de vida idólatra. E, no entanto, estavam lidando com o mesmo sentimento de perda, separação e mudança forçada que o povo a quem Deus estava disciplinando mais diretamente por desobediência. Os quatro rapazes poderiam ter pensado que tinham todos os motivos do mundo para entender mal as ações de Deus ou se ressentir por onde ele os colocara. Toda a situação deve ter parecido extremamente injusta.

Você também pode se sentir assim eventualmente. Muitas vezes, sua vida pode ter ficado mais difícil por causa de escolhas e pecados cometidos por outras pessoas. Tomando emprestadas as palavras de Jesus, a chuva cai sobre “justos e

injustos” (Mt 5.45). No entanto, em cada tempestade e em cada provação, Deus moverá céus e terra, a fim de fazer tudo o que for necessário para proteger e sustentar seus filhos. Ele não nos abandonará no turbilhão do que está acontecendo à nossa volta.

Cenários desse tipo, ou seja, situações em que é fácil fazer a pergunta “por que eu?”, são cenários revestidos de um propósito. Em meio a todas as incógnitas e através delas, Deus está executando seu plano bom e eterno. E ele muitas vezes usa essas angústias, essas injustiças, para criar um palco no qual a sua vida possa dar um testemunho poderoso da grandeza dele.

Observe com bastante atenção:

Terminado o tempo dado pelo rei havia para que fossem apresentados, o chefe dos oficiais os apresentou a Nabucodonosor. O rei os entrevistou e, entre todos eles, não se encontrou ninguém igual a Daniel, Hananias, Misael e Azarias. [...] Em todas as questões de sabedoria e discernimento sobre as quais o rei os consultou, ele os achou dez vezes melhores do que todos os magos e adivinhos de todo o seu reino (Dn 1.18-20).

Em cada tempestade e em cada provação, Deus moverá céus e terra, a fim de fazer tudo o que for necessário para proteger e sustentar seus filhos. Ele não nos abandonará no turbilhão do que está acontecendo à nossa volta.

“Dez vezes melhores.” Dotados de avançada sabedoria. Visivelmente equilibrados. Fortes em caráter e convicção. Possuidores de um nível de compreensão que ultrapassava em muito a sua idade.

Nada disso era o que o rei Nabucodonosor esperava. Nada disso era o que o chefe dos oficiais ou a guarda do palácio esperava. Certamente não era o que esperavam os “magos e adivinhos”, ou provavelmente qualquer outra pessoa “de todo o reino”. Nada disso se encaixava na perspectiva terrena sobre por que estes

quatro jovens tinham ido parar na Babilônia.

Da perspectiva terrena, esses jovens não eram ninguém. Apesar de seu nascimento nobre, eram prisioneiros, e sequer eram dignos de ser chamados por seus nomes próprios. Assim que entraram pelas portas do palácio, receberam novos nomes babilônicos. Eles não deveriam mais ser chamados Daniel ou Misael (o sufixo “el” faz referência a Elohim, o nome hebraico do Deus de Israel, o Supremo, o Poderoso). Eles não deveriam mais ser chamados Hananias ou Azarias (o sufixo “ah” [que aparece na forma hebraica desses dois nomes] refere-se a Yahweh, o Deus eterno, imutável, que cumpre a sua aliança).⁶ Tudo que envolvia este programa de reeducação forçada dos hebreus fora planejado para lhes mostrar que seus antigos hábitos eram ultrapassados, que seus antigos professores estavam superados e, acima de tudo, que seu antigo Deus fora sobrepujado pelo poder e pela estatura superiores da Babilônia e de seus deuses, entre os quais encontrava-se o rei conquistador chamado Nabucodonosor, que pensava ser um deus.

A história de Daniel nos inspira a acreditar que, para nós, também é possível manter a calma e a coragem diante das crises — tanto pela forma como respondemos às macro manchetes do mundo quanto pela forma como lidamos com as micro dores de cabeça e aborrecimentos em nossa vida pessoal.

Digo uma coisa, porém. Ninguém mais batiza os filhos com o nome de Nabucodonosor. Mas com certeza muitos pais dão a seus filhos o nome de Daniel.

E fazem isso porque há algo especial nas pessoas que se alinham, pela fé, com aquilo que Deus está fazendo. Há algo diferente naqueles que estão tão convencidos de que Deus reina sobre o mundo macro que podem genuinamente confiar nele para supri-las e cuidar delas em seu mundo micro. Há algo “dez vezes” mais notável nesses joões-ninguém, que têm uma única resposta para o que os faz se destacar de maneiras que mesmo aqueles que são alguém não conseguem deixar de notar, desejar e refletir a respeito.

Essa diferença pode ser vista de inúmeras maneiras na vida daqueles que verdadeiramente confiam em Deus hoje:

- quando as nossas postagens nas redes sociais são edificantes e honram a Deus, em vez de discursarem sobre a inépcia dos líderes políticos e a tolice de suas políticas;
- quando resistimos à atração da promiscuidade sexual e optamos com firmeza pela prática da abstinência até o casamento;
- quando somos fiéis ao nosso marido ou à nossa esposa em um mundo que não hesita em procurar satisfação fora do casamento;
- quando nos recusamos a vender a nossa alma para uma empresa, trabalhando consistentemente por longas horas que nos obrigam a negligenciar a nossa família, mesmo que isso signifique sermos preteridos em promoções e bônus lucrativos;
- quando passamos anos cuidando de pais idosos e doentes em nossa casa, sem ressentimento nem reclamação;
- quando respondemos a pessoas e acontecimentos neste mundo cheio de problemas com palavras pacíficas, em vez de palavras combativas; com perdão, em vez de ressentimento; com misericórdia, em vez de vingança; e com humildade, em vez de arrogância.

Sem culpa própria, Daniel enfrentou uma sucessão quase ininterrupta de dificuldades e problemas ao longo de sua vida e carreira, desde a adolescência até os oitenta anos. Sua história nos inspira a acreditar que, para nós, também é possível manter a calma e a coragem diante das crises — tanto pela forma como respondemos às macro manchetes do mundo quanto pela forma como lidamos com as micro dores de cabeça e aborrecimentos em nossa vida pessoal.

Como?

Erguendo nossos olhos da perspectiva terrena para ver o que está acontecendo a

partir da perspectiva de Deus. Nos lembrando, assim como Daniel, de que nossa confiança não está nos poderes constituídos, mas no Deus do céu, Todo-Poderoso, de quem somos e a quem servimos. Vendo tudo o que está acontecendo ao nosso redor e conosco através das lentes de que o “céu reina”. E confiando que, embora os caminhos de Deus nem sempre sejam fáceis de discernir, nosso rei soberano e providencial está sempre trabalhando, sempre realizando seus propósitos grandiosos e graciosos em tudo o que acontece neste mundo.

¹John Piper, “God is always doing 10.000 things in your life”, *Desiring God*, 1 de janeiro de 2013, disponível em: www.desiringgod.org/articles/god-is-always-doing-10000-things-in-your-life. Acesso em: 14. mar. 2024.

²Minha narrativa desta história é baseada em informações das três fontes a seguir: John McNeill, “Lessons from Korean mission in the former Soviet Region”, *International Bulletin of Mission Research* 36, n. 2 (Abril 2012): 78-82, disponível em www.internationalbulletin.org/issues/2012-02/2012-02-078-mcneill.html; James Won, “How Stalin’s paranoia led to a whole ethnic group being forcibly relocated to a foreign land”, disponível em: <https://historyofyesterday.com/how-stalins-paranoia-led-to-a-whole-ethnic-group-beingforcibly-relocated-to-a-foreign-land-2ab31fb4f7a8>; Jae Kyeong Lee, “South Korea’s great missionary movement — God’s sovereignty, our obedience”, *IMB*, 9 de fevereiro de 2018, disponível em: www.imb.org/2018/02/09/south-korea-missionmovement.

³Editores de History.com, “Perestroika”, History.com, atualizado em 14 de novembro de 2019, disponível em: www.history.com/topics/cold-war/perestroika-and-glasnost.

⁴O rei Jeoaquim foi capturado nessa época e levado como prisioneiro para a Babilônia, junto com vários de seus súditos, entre eles Daniel e seus três amigos. Mais tarde, Nabucodonosor restabeleceu Jeoaquim em seu trono, como rei vassalo. Veja “Daniel 1 Commentary”, Precept Austin, sob o título “Three invasions of Judah by Babylon”, atualizado em 19 de maio de 2020, disponível em: www.preceptaustin.org/daniel_1_commentary. Acesso em: 13 mar. 2024.

⁵Os intérpretes debatem exatamente como a comida e o vinho contaminariam Daniel. Embora muitos tenham assumido que a comida não era kosher (ou seja,

não seguia as instruções da lei mosaica), não havia restrições mosaicas ao consumo de vinho. De acordo com Daniel 10.3, ele recusou a comida real apenas temporariamente, então, não parece ser uma questão kosher. Alguns comentaristas sugerem que Daniel e seus amigos procuravam não depender do rei. Ao não comerem “a comida do rei” (1.8,13,15), eles estavam expressando dependência e devoção ao Senhor para seu sustento e sucesso.

⁶Para mais informações sobre os nomes de Deus em Daniel, veja o epílogo e o apêndice deste livro.

3

Não é preciso entrar em pânico

Lágrimas podem e devem vir;
mas se enxarcarem os olhos que
sempre olham para ti, no céu,
elas irradiarão o brilho da glória vindoura.¹

— *Susannah Spurgeon*

Luís XIV foi rei da França por notáveis 72 anos (1643-1715). Ele ascendeu ao trono com a inimaginável idade de cinco anos, época em que sua mãe assumiu a função de liderar o país em seu lugar. Mas, aos treze anos, Luís já havia declarado que estava em pleno comando, e, logo depois, desfilava pelas ruas de Paris ao som de gritos retumbantes de “Vive le roi!” (“Vida longa ao rei!”). Mesmo naquela tenra idade, o belo e jovem monarca já havia conquistado o coração de seu povo.²

Durante todo o seu reinado, o rei Luís ultrapassou, em maior ou menor medida, os limites da lei. Ele podia decidir e decretar praticamente tudo o que quisesse, e então era obedecido em cada um de seus desejos. Embora alguns o considerassem um ogro cruel, para outros Luís era um estadista visionário. Seja qual fosse o caso, ele escolheu como emblema do seu governo a imagem do sol, autoproclamando-se Roi Soleil, o Rei Sol, como se toda a existência do seu reino, na verdade de toda a cristandade, orbitasse em torno dele.

Os historiadores Will e Ariel Durant intitularam o capítulo inicial de seu livro de oitocentas páginas sobre a vida e a época de Luís XIV com as três palavras a seguir: “O Sol Nasce”. Quão mais adequado é o título do capítulo final: “O Sol se Põe”.³

Não é o que acontece sempre?

Não importa quão glorioso ou inglório seja o período de um governante no poder, sob os holofotes, não importa quão longo ou quão breve seja o seu mandato, o sol eventualmente se porá sobre o seu governo. Quer as pessoas os amem, os temam, sofram debaixo de seu poder, ou vivam todas essas hipóteses: qualquer um que assuma o poder de um cargo chegará, em algum momento, ao fim do mandato, seja por demissão ou aposentadoria, por derrota nas urnas, por um golpe de Estado bem-sucedido ou, no fim das contas, pela própria morte.

Contudo, este ritmo de ascensão e queda não é apenas questão de idade, oposição política ou do instável clamor por mudança por parte do público votante. Acima de tudo, em todas as épocas da história da humanidade, tanto no passado como no presente, está um Deus, lá no céu, que “a um abate, a outro exalta” (Sl 75.7). Ou como disse Daniel:

Ele é quem muda o tempo e as estações;

Remove reis e estabelece reis (Dn 2.21).

Os governantes deste mundo só governam porque Deus lhes permite governar. E só governam enquanto Deus permite.

A primeira vez que me lembro de ter pensado seriamente sobre essa realidade foi em uma aula de história mundial, no segundo ano do ensino médio, na escola cristã em que eu estudava. O professor, que se chamava Roy Parmelee, também era o técnico de basquete masculino do time do colégio, e foi carinhosamente apelidado de treinador Parm. Em sua aula, naquele ano, estudamos a ascensão e queda das nações ao longo da história. E embora eu já tenha esquecido muito do que aprendemos sobre todos os reinos, impérios e conquistadores que estudamos, especialmente onde se deram e quem fez o que a quem, de uma coisa eu me lembro: do treinador Parm nos encorajando a não pensar nos acontecimentos do mundo como ocorrências meramente naturais e aleatórias nem como algo completamente sujeito à manipulação e controle humanos.

Não importa quão glorioso ou inglório seja o período de um governante no poder, sob os holofotes, não importa quão longo ou quão breve seja o seu mandato, o sol eventualmente se porá sobre o seu governo.

No fim das contas, como o treinador Parm nos ensinou, os governantes não são escolhidos por eleições ou nomeações, por tomada de poder ou por qualquer outro meio, seja ele fruto da ação humana ou hereditário. É Deus quem os coloca no poder e depois os remove, sempre que realiza o que pretendia por meio deles. Vemos essa dinâmica por toda a Bíblia; ela permeia a longa marcha da história. Certamente a vemos claramente nas páginas coloridas de Daniel.

A verdade última e indisputável é que os reis (assim como imperadores, presidentes ou ditadores) não governam de fato. É o céu que reina. E qualquer autoridade exercida por poderes humanos está sempre e inteiramente sujeita a uma Autoridade superior.

Daniel sabia disso. Deus deu a ele sabedoria e discernimento para reconhecer isso. Ele parece ter tirado coragem disso quando, como vimos no capítulo anterior, ousou rejeitar a dieta que o rei havia ordenado para os novos súditos hebreus no palácio. O rei Nabucodonosor, embora fosse tão exaltado, não permaneceria no trono para sempre. E os seus decretos, embora proferidos com autoridade inquestionável, permaneciam sob o governo de outro.

Apesar de toda sua pompa e glória terrenas, o governo de Nabucodonosor foi limitado pelo arco de ascensão e queda que o Deus do céu mantém sobre todo empreendimento humano. Daniel usou esse conhecimento como ponto de partida, como o “o quê” do governo do céu, baseado na revelação dada a ele (e a nós nas Escrituras).

Mas para cada “o quê” existe um “então” — um “portanto” —, ou seja, a implicação e aplicação desse “o quê”. E aqui está um “então” que atrai meu coração para Daniel e para a promessa do que todos nós podemos experimentar quando descansamos no governo do céu: a crença de Daniel na verdade incontestável de que o céu reina o impedi de entrar em pânico, mesmo em meio

a encontros tensos com altos oficiais da sua época, mesmo nas situações em que a sua própria vida esteve em jogo.

Daniel mantinha-se calmo. Não vacilava. Nas palavras de Matthew Henry, comentarista bíblico do século 18, Daniel era “tranquilo e equilibrado”.⁴ Era calmo, mesmo sob pressão. Daniel não entrava em pânico. Daniel nunca entrava em pânico.

Será que era apenas uma questão de Daniel ter uma disposição naturalmente plácida? Ou, porventura, ele conhecia algo (ou alguém) que lhe infundia uma confiança sobrenatural?

Claramente, o roteiro da vida de Daniel, mesmo em sua adolescência e no começo da idade adulta, o levou para longe do caminho que teria escolhido, se tivesse sido ele o autor desse roteiro. Sem dúvida, as escolhas de Deus em relação a reis e nações do século 6 a.C. não foram fáceis de entender, mesmo para alguém como Daniel, a quem fora dado grande entendimento. Mas Daniel tinha consciência de que Deus sabia o que estava fazendo. E estava convencido de que este rei, Nabucodonosor, sob cujo domínio terreno Daniel agora vivia, não possuía autoridade alguma além daquela que Deus lhe havia dado. A Nabucodonosor foi dada uma corda, mas de comprimento limitado, e com prazo de validade.

Assim, apesar dos perigos e dos desafios que enfrentou, Daniel sabia que nada tinha a temer. Embora vivesse e trabalhasse em um mundo caótico, sob o domínio de governantes narcisistas e loucos por poder, ele era imune ao pânico. Não porque confiasse em si mesmo, mas porque nenhum rei na terra era mais forte do que o Rei em quem Daniel confiava cegamente.

Não importava o que acontecesse, ele permanecia sereno, porque sabia que o céu reina.

Nem tempestade nem dilúvio

Na verdade, os “reis” que hoje exercem poder sobre você e sobre mim não se parecem propriamente com o rei Nabucodonosor dos dias de Daniel. Mas não há

dúvida de que existem pessoas e circunstâncias que tentam controlar a nossa vida. É por isso que devemos aprender a aconselhar nosso coração e nossa mente segundo a verdade da Palavra de Deus: Ele é o verdadeiro e eterno Rei.

Isso significa que o câncer não é rei.

Que nenhuma pandemia é rei.

Que nenhum ditador lunático é rei.

Que as preocupações e crises financeiras não são reis.

As injustiças cometidas contra nós ou contra aqueles que amamos não são reis.

Outras pessoas — um filho, um cônjuge, um pai, um amigo, um parente, um colega de faculdade, um supervisor, ou quem quer que seja — podem ter a capacidade de nos ferir profundamente ou até mesmo de partir o nosso coração. Mas nenhuma dessas pessoas é rei também. Nenhuma delas tem o poder de governar nossas emoções, decisões e reações.

O câncer não é rei. Nenhuma pandemia é rei. Nenhum ditador lunático é rei. As preocupações e crises financeiras não são reis. As injustiças cometidas contra nós ou contra aqueles que amamos não são reis. Somente Deus é rei.

Somente Deus é rei. Todas as demais coisas são por Deus controladas, ao poder alçadas e destituídas sob seu comando. E esta verdade (por ser verdade) infunde-nos vigor espiritual e transmite um senso de equilíbrio que não teríamos esperança de desfrutar de outra forma.

Durante os inesquecíveis altos e baixos (mais baixos do que altos, ao que parece) dos últimos anos, além de mergulhar no livro de Daniel, eu me peguei fissurada no salmo 29. Muitas e muitas vezes, nos dias difíceis e, às vezes, nas noites insones, meditei nesses onze versículos, frase por frase, recitando-os e orando-os repetidamente, até que se tornaram parte da estrutura do meu ser.

A parte inicial deste salmo descreve algo drástico que acontece na natureza — possivelmente uma imensa tempestade — simbolizando circunstâncias avassaladoras que ameaçam nos derrubar. E o salmo termina com uma retumbante declaração de fé que afirma o governo de Deus sobre toda a vida e a criação:

O SENHOR se assenta sobre o dilúvio;

o SENHOR se assenta como Rei para sempre.

O SENHOR dá forças ao seu povo;

o SENHOR abençoa seu povo com paz (Sl 29.10-11).

Se gravá-los em seu coração, esses dois versículos lhe darão coragem e consolo suficientes para a vida inteira, independentemente dos dilúvios e das tempestades que possam ameaçar dominar você.

Observe primeiro a postura de Deus (v. 10). O que Deus está fazendo durante essas tempestades? Ele está sentado em seu trono. Ele “se assenta” acima do dilúvio; Ele “se assenta” como rei para sempre. Deus não está andando nervoso de cá para lá pelos corredores do céu. Ele não está correndo a esmo em um frenesi de pânico, e nem reunindo um conselho para ajudá-lo a descobrir o que fazer. Deus está controlado. Deus está no controle — de todas as coisas. Nada está acontecendo na sua vida ou na minha, em nossa nação ou em qualquer outro lugar do planeta, que Deus não esteja presidindo de forma soberana e providencial.

Esse é o “o quê”. Então, qual é o “portanto”?

Aqui está o “portanto”: seja qual for a tempestade ou o dilúvio, quer estejamos nos sentindo tragados pelos problemas e pressões da vida ou apenas com medo de que possam piorar, ainda assim podemos viver com “forças” e “paz”.

Incrível! Como experiências aparentemente tão contraditórias podem coexistir? Tempestade e força? Dilúvio e paz? Como é que os muitos tipos de problemas

que podemos enfrentar — seja na sociedade mais ampla, seja na vida que levamos em casa ou no trabalho — podem resultar em algo diferente de angústia debilitante e pânico?

A resposta? O céu reina. CR. As tempestades e os dilúvios da vida acontecem abaixo de Deus, não acima dele. Embora as águas aumentem de volume, ele é o responsável por determinar até onde podem chegar. E tão certo quanto foi capaz de agitar essas ondas, Deus também pode fazer com que elas se acalmem (veja Sl 107.25,29).

As tempestades e os dilúvios da vida acontecem abaixo de Deus, não acima dele [...] Isso não significa que os dilúvios não sejam perigosos. Significa, porém, que os dilúvios não têm a última palavra.

Isso não significa que os dilúvios não sejam perigosos.

Significa, porém, que os dilúvios não têm a última palavra.

Tenho amigos que quase perderam a vida em enchentes inesperadas. Você e eu já assistimos à cobertura de notícias sobre grandes inundações, como aquela que custou a vida de ao menos 240 pessoas na Europa, durante o verão de 2021. Nós nos assustamos com as enchentes, e com toda razão: podemos nos afogar nas enchentes. As pessoas saem na noite ou se arriscam à procura de lugares mais altos, sem saber como vão escapar, pois podem perder sua casa e seus bens pessoais em uma enchente. Quando as águas baixam, ficam vasculhando a lama e o lodo das memórias maculadas, incapazes de compreender como suas vidas, que pareciam estar em perfeita ordem apenas uma semana antes, podem agora estar em total ruína e caos.

As inundações não devem ser encaradas de forma leviana.

Mas observe o que o seu Rei “entronizado” faz e pode fazer — qualquer que seja o dilúvio, qualquer que seja a forma que o desastre assuma em sua vida. O Deus que reina sobre o dilúvio nos alcança aqui embaixo, consciente de que

estabeleceu os limites de tempo e profundidade para elevação das águas, além de fornecer algo que nos marca como um de seus filhos: “O Senhor dá força ao seu povo” (Sl 29.11).

Esta afirmação implica que somos fracos — o que de fato somos. Cada um de nós enfrenta muitas circunstâncias que estão fora do nosso controle em um mundo que muitas vezes parece estar desmoronando. Mas “a minha graça te basta”, declara-nos o Senhor; “o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9). É por isso que nós, seu povo, podemos afirmar com humildade e confiança: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (v. 10). Pois aquele que reina para sempre sobre dilúvios e enchentes transmite sua força àqueles que lhe confiam suas fraquezas.

Deus também “abençoa ao seu povo com paz” (Sl 29.11). Na noite anterior à primeira cirurgia a que o Robert se submeteu por causa do câncer, postei algumas reflexões nas redes sociais:

Aqui estão três verdades às quais nos apegamos, enquanto nos preparamos para a cirurgia de amanhã: (1) Qualquer coisa que nos faça precisar de Deus é uma bênção. (2) Você pode confiar em Deus para escrever sua história. (3) O céu reina!

Como prometeu, o Senhor nos abençoou com paz naquele dia. E tem nos abençoado dessa forma ao longo desta jornada, sendo que a paz só é interrompida por aqueles momentos em que esquecemos ou deixamos de acreditar que o céu reina.

Portanto, se sabemos que isto é verdade — que Deus, o nosso único rei, colocou à nossa disposição a sua força e a sua paz, mesmo em situações que parecem altamente instáveis e incertas — o pânico não é a nossa única opção. Na verdade, o pânico não faz sentido nessas condições. Nosso Deus está entronizado. Nosso Deus é “rei para sempre”. E é capaz de nos dar não apenas força, mas também paz. Portanto, podemos ter medos e lágrimas, mas não precisamos desmoronar.

O pânico é apenas para as pessoas que não sabem que o céu reina.

Ou para aquelas que não acreditam que o governo de Deus se aplica a elas.

Abra a Bíblia em Daniel 2, onde veremos o exemplo de um homem poderoso que precisava desesperadamente aprender que o céu reina. Este é um dos capítulos mais longos do livro de Daniel. Mas, para captar o impacto total deste relato, espero que você reserve alguns minutos para lê-lo, antes de analisarmos juntos alguns de seus pontos altos.

Sequência de sonhos

“No segundo ano do seu reinado, Nabucodonosor teve sonhos que o perturbaram, e ele perdeu o sono” (Dn 2.1). Quando chegamos ao final desta história, temos certeza de que Daniel é a única pessoa que não entraria em pânico com os sonhos desconcertantes e as visões do céu que o rei teve.

O pânico é apenas para as pessoas que não sabem que o céu reina. Ou para aquelas que não acreditam que o governo de Deus se aplica a elas.

Nabucodonosor não foi o único rei nas Escrituras que Deus despertou do sono com o intuito de confrontar-lhe a visão equivocada que o governante tinha da vida. Em Ester 6, por exemplo, Deus usou a insônia de outro governante como parte de um plano orquestrado para salvar a vida de todo o povo judeu. Nenhum governante terreno pode esconder-se do rei celestial, nem mesmo durante o sono. Nós também não podemos. Mas Nabucodonosor não sabia disso e o resultado foi quase desastroso.

Descobrimos que parte da razão de o rei Nabucodonosor ter ficado nervoso foi que ele acordava suando frio por causa desses pesadelos inesquecíveis, sem

entender seu significado. Mas o rei tinha um plano para essa contingência. Ele convocou sua equipe de “magos, adivinhos, feiticeiros e astrólogos” (Dn 2.2): composta basicamente de praticantes do ocultismo que diziam ter poderes sobrenaturais de discernimento. Parte do trabalho deles era imaginar interpretações para quaisquer acontecimentos que o rei observasse e que achasse ser um sinal ou presságio. Então, sem conseguir dormir, Nabucodonosor convocou esses homens e disse-lhes: “Tive um sonho e estou ansioso para entendê-lo” (2.3).

“Não diga mais nada”, foi o que essa equipe respondeu — exceto, é claro, que o rei precisaria dizer o que havia sonhado.

Mas esse era o problema. Nabucodonosor não estava disposto a dizer seu sonho! Por que outro motivo eles achavam que o rei os chamaria no meio da noite, em tamanho pânico, se não que estava desesperado para saber o significado desse sonho antes que a noite inteira se perdesse? O relógio estava correndo! O tempo era essencial! E tudo o que a sua equipe de “sábios” pôde fazer foi fazê-lo esperar mais tempo!

A essa altura, Nabucodonosor estava realmente furioso. Nos momentos explosivos que se seguiram, o rei deu duas alternativas: ameaçou seus conselheiros com a aniquilação (“Se vocês não me contarem o sonho e sua interpretação, serão dilacerados membro por membro e suas casas serão transformadas em depósito de lixo”, 2.5), e tentou fazer um acordo com eles (“Se vocês me revelares o sonho e sua interpretação, receberão de mim presentes, recompensa e grande honra”, 2.6).

Lembre-se, este era o homem mais poderoso da terra, o rei do poderoso império babilônico, e ele estava ficando totalmente irritado. Tenha isso em mente enquanto lê a passagem. E compare essa imagem com a do outro rei que “está sentado em seu trono sobre o dilúvio”, aquele que “dá forças ao seu povo”, aquele que “abençoa seu povo com paz”.

Finalmente, o rol de especialistas pagãos do rei chegou tão perto quanto qualquer outra pessoa de emitir alguma declaração de verdade durante todo este episódio noturno: “Ninguém na terra pode fazer saber o que o rei pede” (2.10). Resposta certa, sabichão. A exigência que o rei fazia era impossível de se cumprir. “O que o rei pede é tão difícil”, acrescentaram, “que ninguém pode lhe dar a conhecer, exceto os deuses, cuja morada não é entre os mortais” (2.11).

Isso não é totalmente verdade, mas chega bem perto.

Com isso, a ira de Nabucodonosor tornou-se de uma violência irracional. Ele emitiu um decreto geral ordenando a execução imediata não apenas dos conselheiros que estavam em sua presença, mas de “todos os sábios da Babilônia” (2.12). Todos eles.

É aqui que a história se volta para Daniel e seus três amigos. Os quatro jovens estavam tecnicamente entre os sábios do grupo de conselheiros reais, tendo sido designados para essas posições pelo próprio rei (ao que parecia), por causa de como o impressionaram durante a interação com eles, em Daniel 1. Quando reconheceu os talentos desses hebreus e pensou que havia conquistado tudo sozinho, mal sabia o rei Nabucodonosor que estava apenas cumprindo as ordens do rei dos céus.

Sermos contados entre o povo de Deus, porém, não nos isenta das provações de viver em um mundo pecaminoso e caído nem das crescentes inundações que dele fluem em todas as direções. As coisas pareciam ruins para Daniel naquele momento, como acontece em muitos momentos ao longo de nossa vida como crentes. Os reis da terra podem nos parecer tremendamente fortes. E, em muitos sentidos, eles de fato são.

Mas Daniel tinha algo que os outros supostos sábios — aqueles que entraram em pânico por causa da grandeza e severidade da sentença de morte proclamada por Nabucodonosor — não possuíam. Quando o oficial do rei se dirigiu aos aposentos de Daniel, e depois bateu à porta anunciando suas intenções, Daniel deu um passo à frente, com uma resposta inesperada, desencadeada por sua consciência de que, em cada acontecimento aqui na terra, existe outra perspectiva celestial mais verdadeira.

Daniel respondeu com tato e discrição a Arioque, capitão da guarda do rei, que havia saído para executar os sábios de Babilônia (Dn 2.14).

“Com tato e discrição.” Não com pânico.

Daniel perguntou-lhe calmamente: “Por que o decreto do rei é tão severo?”

(2.15). E Arioque, este oficial da coroa, surpreso com o fato de um homem que tinha somente algumas horas de vida não estar correndo para salvar sua pele e nem implorando para ser poupado, aparece nas Escrituras como alguém que gasta tempo para explicar a situação a Daniel na íntegra. Talvez como se os dois estivessem tomando um cafezinho. Talvez acompanhado de um sincero pedido de desculpas por ter de cumprir seu dever. Que contraste este homem deve ter sentido entre o comportamento de Daniel e a recepção que recebeu nas outras portas em que bateu naquele dia, as portas daqueles que pensavam que o rei do céu estava sentado no trono da Babilônia. O que Arioque viu em Daniel foi algo completamente diferente e inesperado.

Força com paz.

Paz com força.

Isso não é apenas um traço de personalidade, nem um mero reflexo da disposição natural de Daniel. Daniel exalava a segurança serena de alguém que se baseava na compreensão de que o céu reina. É a mesma segurança silenciosa que você e eu também podemos experimentar dentro de nós e refletir à nossa volta sempre que formos surpreendidos pela próxima notícia perturbadora que chegar à nossa porta.

Problemas? Turbulências? Falsas acusações? Alertas de inundação?

Não, nada disso é bom. Mas não é hora para pânico.

O céu reina.

Paz em nosso tempo

Enquanto nosso mundo estava de pernas para o ar em 2020, gravei uma pequena série de podcasts chamada Coronavírus, Câncer e Cristo. Eu queria aconselhar o meu próprio coração com a Palavra de Deus, bem como encorajar outras pessoas — aquelas que, como Robert e eu, estavam se sentindo oprimidas pelas tempestades e pelos dilúvios que inundavam a caixa de entrada dos nossos e-mails e nossos feeds de notícias todos os dias, se não vivenciados diretamente

por nós. No processo de preparação desta nova série, voltei às transcrições de algumas sessões que ministrei no passado e descobri que estava pregando para mim mesma! Aqui estão alguns trechos que falaram comigo, em particular:

Deus é bom, mesmo quando você não sente que ele é. Deus ama você com um amor inabalável, mesmo quando você sente como se ele tivesse lhe abandonado. Deus está com você nesta tempestade. Ele nunca vai lhe deixar!

Lembre-se do que Deus fez no passado. Confie em seu caráter. Rememore suas promessas. Evite resolver o problema com as próprias mãos. Não deixe o medo levá-lo a lugares onde Deus não quer que você vá!

Deus usa eventos que viram o nosso mundo de ponta-cabeça para nos levar a nos apegarmos a ele.

Ao enfrentarmos medos relativos a questões médicas e econômicas, podemos confiar inteiramente em Cristo como a nossa fortaleza e a nossa força.

Onde quer que haja problemas presentes, Deus está mais presente!⁵

Enquanto leio estas palavras de novo, me vêm à mente duas coisas que me lembram dos tipos de eventos, tanto macro (culturais, políticos, a pandemia) quanto micro (o câncer de Robert), que estavam acontecendo naquele período.

Primeiro, estou sendo desafiada novamente, e espero que você também esteja, a me manter ancorada nos lugares em que Deus manteve meu coração ancorado antes. Quando atravessamos uma crise, reagimos com base naquilo que estamos mais acostumados a pensar, ver, acreditar e experimentar. E se temos o hábito de

insistir na verdade de Deus, se é com isso que regularmente saturamos nossa mente e aconselhamos nosso coração, essa verdade se estabelecerá em torno da nossa alma naquele momento: nos dando abrigo, proporcionando um refúgio seguro, mesmo quando houver uma tempestade ou um dilúvio.

Em segundo lugar, histórias como a de Daniel, e outras que o Senhor preservou para nós nas Escrituras, proporcionam uma leitura mais precisa sobre o que realmente está acontecendo, não apenas no mundo daquela época, mas também no mundo de hoje.

Penso, por exemplo, nos apóstolos Pedro e João, que enfrentavam uma oposição que ameaçava a vida deles por ousarem declarar a sua fé no Cristo ressuscitado. Eles sabiam que Deus, embora governasse como rei, permitiu a inimigos determinados de seu Filho “fazerem tudo o que a mão e [...] vontade [de Deus] havia predeterminado a acontecer”, matando-o na cruz (At 4.28). Contudo, tendo testemunhado Deus transformar a injustiça mais flagrante de todos os tempos (a crucificação de Cristo) em um triunfo do governo de Deus (a ressurreição de Cristo), eles podiam orar com confiança a respeito das pessoas que agora se opunham a eles: “Senhor, considera as suas ameaças, e concede que os teus servos possam falar a tua palavra com toda a ousadia” (v. 29). As ações de Deus no passado determinaram a coragem livre de pânico e a confiança no Senhor que Pedro e João tiveram no presente.

Contudo, além desses relatos bíblicos que acalmam meu coração, quase todos os dias, se estou disposta a ouvir, ouço histórias da fidelidade de Deus na vida das pessoas ao meu redor, fidelidade que lhes dá forças e paz.

Não muito tempo atrás, fiquei sentada no saguão de um hotel até tarde da noite, conversando com uma amiga de longa data que não via há vários anos. Ela tem sido alguém que ama fielmente a Cristo, uma serva dele, desde a adolescência. Mas tempestades se abateram sobre ela quando soube que seu marido, com quem estava casada há trinta e poucos anos e que havia servido no ministério vocacionado por décadas, vinha vivendo uma mentira há muito tempo. Uma avalanche de revelações dolorosas se abateu sobre ela: um caso sórdido, dezenas de flertes com mulheres completamente desconhecidas e uma interminável teia de mentiras para encobrir tudo.

Depois de descobrir tudo, é claro que ela sofreu profundamente, tanto pela alma do marido como por sua própria perda. E, enquanto sofria, ela foi forçada a

tomar decisões e medidas terrivelmente difíceis que jamais poderia ter imaginado no tempo em que ela e seu marido serviam juntos ao Senhor com alegria. A vida de outrora mudou para pior, de quase todas as formas possíveis e imagináveis, e devastou seus filhos, suas finanças e sua saúde.

Mas, enquanto eu ouvia sua história, fiquei impressionada ao ver que a mulher sentada ao meu lado não estava emocionalmente exaurida, nem fora derrotada pelas escolhas pecaminosas do seu marido. Ela é um exemplo de força serena e de paz, porque a traição e as crises provocadas pelo marido infiel não são “reis” em sua vida. Cristo é rei. Essas calamidades que alteram vidas não são definitivas: não têm a última palavra. Cristo está com essa mulher na dor do presente. E, para além das dores desta vida, ele prometeu a ela um futuro glorioso e eterno, que fará com que tudo o que minha amiga sofreu seja ofuscado em comparação.

Não estamos condenados ao desespero, a despeito das tempestades de angústia e adversidade que possamos enfrentar, a despeito das ameaças alarmantes à nossa saúde e à nossa segurança, a despeito da insistência daqueles que acreditam que podem agir contra nós da maneira que bem entenderem, e a despeito da sensação de que não temos nada a fazer, pois o comportamento dessas pessoas parece estar além da capacidade ou da vontade de Deus de intervir.

Coisas que parecem imutáveis na Terra não o são para o rei dos céus. “Ele muda os tempos e as estações”, declarou Daniel, quando o sonho do rei lhe foi revelado em resposta à oração. “Ele remove e estabelece reis” (Dn 2.21).

Mais cedo ou mais tarde, essa verdade inabalável será reconhecida por todos os governantes da Terra e por todos aqueles que estão sob a sua autoridade.

Metais aos pedaços

“Você é capaz de me contar o sonho que tive e sua interpretação?”, o rei perguntou a Daniel (2.26). Claramente ele estava pensando: Como? Afinal, ninguém mais conseguiu!

Daniel, tendo mantido tal postura ao questionar o capitão sobre a sentença

de morte decretada pelo rei, aparentemente obteve uma suspensão da execução. Depois disso, foi até seus amigos, a fim de apelar para a oração. Agora, estava na presença de Nabucodonosor, pronto para dar a seguinte resposta à pergunta desconfiada do rei:

Nenhum sábio, adivinho, mago ou prognosticador é capaz de fazer saber ao rei o mistério que ele perguntou. Mas há um Deus no céu que revela mistérios (Dn 2.27-28).

E este Deus tinha notícias importantes para compartilhar com Nabucodonosor, notícias que somente o Deus do céu e da Terra poderia saber. Tinha a ver tanto com o presente quanto com o futuro, com a ascensão e queda de reis.

O sonho de Nabucodonosor, segundo a reconstrução de Daniel, envolvia uma “estátua colossal”, “alta e deslumbrante”, de aparência “aterrorizante” (2.31), e era feita de vários metais e outras substâncias. Sua cabeça era feita de ouro, seus ombros e braços eram de prata, seu torso era de bronze, suas pernas eram de ferro e seus pés eram uma mistura de ferro e barro. De acordo com Daniel, esses quatro metais — ouro, prata, bronze e ferro, cujo valor decrescia da cabeça para os pés — representavam quatro impérios diferentes, a começar pelo atual império babilônico de Nabucodonosor, seguido por outros três impérios à medida que o tempo avançava.

Certo, e isso significa o que exatamente?

Para mim, pelo menos três princípios do tipo o “céu reina” se destacam neste sonho e em seu significado, conforme explicado por Deus através de Daniel.

PRINCÍPIO CR N.º 1: Todo poder humano vem de Deus.

A “cabeça de ouro” representava o próprio Nabucodonosor. “O Deus dos céus”, disse-lhe Daniel, “tem dado o reino, o poder, a força e a glória” (2.37). Observe de onde veio o poder: “Deus [...] tem dado.” Nunca se esqueça isso. “Onde quer que habitem pessoas — ou animais selvagens, ou aves do céu — ele os entregou

a ti e te constituiu governante sobre todos eles” (2.38).

Imagine uma pessoa com as habilidades e a influência de Nabucodonosor manejando sua vida em torno desse princípio, da ideia de que nada do que ele possuía fora conquistado por mérito próprio, e de que ele devia ao “Deus do céu” tudo o que era pertinente à sua posição proeminente. Seu futuro todo poderia ter sido diferente. Seu período de insanidade poderia ter sido evitado. Seu reino e seu povo poderiam ter sido estabelecidos por geração após geração de bênçãos.

A oportunidade de liderar não começa conosco. Poder e liderança são dádivas de Deus

PRINCÍPIO CR N.º 2: Nenhum governante ou reino deste mundo durará para sempre.

“Depois de ti surgirá outro reino” (2.39). Lembre-se também deste versículo. Para cada presidente, primeiro-ministro, rei ou qualquer outro governante terreno, podemos invariavelmente dizer: “Depois de ti surgirá outro reino”.

O rei Luís XIV, apesar dos seus setenta e poucos anos no poder, acabou vendo o sol se pôr em seu reinado, e sua coroa foi passada para seu neto, Luís XV. Sabemos que Nabucodonosor governou por mais de quarenta anos, período durante o qual era fácil para um homem com seu orgulho e sua presunção acreditar que poderia continuar sendo rei para sempre. Mas isso simplesmente não era verdade. E também não é verdade em relação a qualquer outro “governante”, em qualquer esfera da vida, seja no governo, no trabalho, na igreja ou em qualquer outro contexto. Deus levanta líderes, em tempos e em lugares específicos, para seus propósitos eternos. Mas nenhum ser humano reinará para sempre.

Para além de Nabucodonosor e de sua época, o restante das figuras da estátua daquele sonho falava profeticamente sobre os séculos vindouros. Os metais cada vez mais inferiores eram os equivalentes visuais dos impérios futuros de então, cada qual menos poderoso e progressivamente mais vulnerável do que o Império Babilônico. A Babilônia acabaria sendo conquistada e tirada do poder pelos medo-persas (a prata), os quais, por sua vez, cairiam pelas mãos dos gregos (o bronze), e estes últimos cairiam pelas mãos dos romanos (o ferro). Com o passar

do tempo, o amplo espectro de povos que os romanos transformaram em império se mostraria incapaz de manter-se unido (daí o ferro misturado com o barro). Podemos verificar agora, com base na história que se consolidou, que todas essas coisas aconteceram exatamente como Deus havia profetizado que aconteceriam, exatamente como ele revelou a Daniel, para que este contasse a Nabucodonosor.

Mas isso não é tudo. O sonho do rei continha um componente final e dramático, que provavelmente foi o que mais o assustou durante o sono. Daniel reconstruiu essa componente da seguinte forma:

Enquanto você observava, uma pedra desprende-se sem que nenhuma mão a tocasse, atingiu a estátua nos pés de ferro e argila queimada e os esmigalhou. Então o ferro, a argila queimada, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados e tornaram-se como palha das eiras no verão. O vento os levou embora e nenhum vestígio deles pôde ser encontrado (2.34-35).

Esta parte do sonho do rei não é difícil de entender. Aqui vemos representado graficamente o futuro certo de todos os sistemas humanos, de todos os governos e de todo orgulho: todos aqueles poderosos reinos terrestres findarão esmagados e despedaçados; sua poeira será levada pelo vento, até que não reste mais nada deles.

E o que acontecerá, então?

PRINCÍPIO CR N.º 3: O reino de Deus superará e sobreviverá a todos os reinos terrenos.

“Mas a pedra que atingiu a estátua tornou-se uma grande montanha e encheu toda a terra” (2.35). A Rocha que pulveriza esses reis e reinos eleva-se até ultrapassar e penetrar cada parte e partícula da terra.

Nos dias daqueles reis, o Deus do céu estabelecerá um reino que jamais será

destruído, e este reino não será deixado para outro povo. Ele destruirá todos esses reinos e acabará com eles, e durará para sempre (2.44).

Não importa quão imponente ou impressionante pareça qualquer nação terrena ou o seu governante; não importa quão certos estejam da sua posição ou quão devotados sejam ao seu destino: há ruína em seu futuro.

Pense no “portanto” dessa afirmação. Podemos (e devemos) ser patrióticos em relação ao país que chamamos de lar; podemos (e devemos) pedir a Deus que nos dê líderes que governem com sabedoria e justiça. Mas existe uma falha estrutural se em algum momento depositarmos a nossa esperança no “reino” de qualquer nação, partido político ou candidato em particular. O único reino que terá importância eternamente é o reino de Deus. Não levantemos nenhuma outra bandeira tão alto nem façamos qualquer promessa com tanta paixão quanto aquela que diz:

Venha o teu reino,

Seja feita a tua vontade,

Assim na terra como no céu (Mt 6.10).

Não levantemos nenhuma outra bandeira tão alto nem façamos qualquer promessa com tanta paixão quanto aquela que diz “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu (Mt 6.10).

Porque a estátua de todos os reinos humanos um dia cairá, pelas mãos e aos pés de Deus.

E acredito que todos, ao menos em algum momento da vida, suspeitam disso

instintivamente. Até mesmo um rei como Nabucodonosor teve um momento em que ficou estarrecido com essa verdade. Quando Daniel terminou de contar o sonho do rei e sua interpretação, “Nabucodonosor caiu com o rosto em terra” (Dn 2.46). Ele adorou o Deus de Daniel da única maneira que sabia, oferecendo louvores e presentes, e dizendo: “O teu Deus é verdadeiramente o Deus dos deuses, o Senhor dos reis e o revelador dos mistérios” (2.47). Este rei da Babilônia teve a sensação, ainda que passageira, de que a coroa que usava na terra pertencia ao rei que governa do céu.

Quão mais deveríamos nós ter consciência dessa verdade, e viver em consonância. Pois, se o fizéssemos, a forma como ficamos nervosos quando as notícias (de nível macro) não são boas seria bem diferente: quando a extensão do dano é divulgada, quando cidades se enfurecem, quando o futuro parece sombrio. E no nível micro: quando nossas contas estão se acumulando, quando as pessoas que amamos continuam falhando conosco... Quando continuamos falhando com nós mesmos.

A esperança nunca falha quando realmente acreditamos que o céu reina.

O sonho que Deus deu ao rei Nabucodonosor e revelou a Daniel não é meramente um sonho. É real. Está acontecendo. A “pedra” que destruiu os reinos que compunham a estátua é a Rocha eterna, que virá no tempo e do jeito de Deus, para destruir todos os reinos da terra e trazer julgamento sobre todos os que o rejeitaram. A visão dada ao apóstolo João no livro do Apocalipse descreve-a desta forma, em uma das minhas passagens favoritas de toda a Escritura:

Eu vi o céu aberto e havia um cavalo branco. O seu cavaleiro chama-se Fiel e Verdadeiro, e com justiça julga e faz guerra. Seus olhos eram como chamas ardentes e havia muitas coroas em sua cabeça. Ele tinha um nome escrito que ninguém conhece, exceto ele mesmo. Ele usava um manto salpicado de sangue e seu nome é Verbo de Deus. Os exércitos que estavam no céu o seguiam em cavalos brancos e vestidos de linho branco e puro. Da sua boca saía uma espada afiada, para que com ela pudesse ferir as nações. Ele os governará com cetro de ferro. Ele também pisoteará o lagar do vinho da ira feroz de Deus, o Todo-Poderoso. E ele tem um nome escrito em seu manto e em sua coxa: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (Ap 19.11-16).

Aleluia! Este dia está chegando. O rei está chegando. Ele vem para julgar os reinos desta Terra e estabelecer o seu reino neste mundo — um reino que jamais será destruído. Nós temos sua promessa. E, se olharmos com os olhos da fé, já podemos ter vislumbres desse dia.

Os governantes mais corruptos e incompetentes desta época só serão motivo de alarme se os enxergarmos apenas da perspectiva da Terra. Pois, da perspectiva do céu, do ponto de vista da eternidade, eles não são de modo algum motivo para entrarmos em pânico.

E menos pânico é bom para todo mundo!

Momentos de ensino

Lembro-me daquela sala de aula do segundo ano do ensino médio na qual, dia após dia, o treinador Parm nos contava sobre a ascensão e a queda de diferentes reis, reinos e nações, lembrando a seus alunos que não estávamos apenas aprendendo nomes e datas: estávamos testemunhando o governo de Deus em ação ao longo do tempo, bem aqui na Terra.

E, pela providência de Deus, as lições que aprendi na sala de aula naquele ano me foram vividamente reforçadas no laboratório da vida.

Na noite anterior ao início das aulas, naquele mês de setembro do meu segundo ano do ensino médio — ou seja, quanto eu tinha mais ou menos a idade de Daniel no momento em que sua jovem via em Judá começou a desmoronar —, a casa da minha família foi gravemente danificada por um incêndio. Todos nós fomos poupados, graças a Deus. Mas eu, junto com meus seis irmãos e irmãs mais novos, tivemos de ser abrigados por outras famílias da região, enquanto meus pais trabalhavam para que nos mudássemos para uma nova casa. Foi assim que meu ano escolar começou, com as quatro paredes da familiaridade e da segurança desmoronando ao meu redor.

Ao longo daquele mesmo ano, os negócios do meu pai passaram por um período

de acentuado declínio. Apesar de anos de iniciativa, de trabalho árduo sob a liderança de meu pai, a empresa, que havia crescido e se tornado um grande sucesso, subitamente foi alvo de rigorosos ataques. O negócio outrora próspero sofria agora enormes perdas.

Então, bem perto do final daquele ano letivo, minha mãe foi diagnosticada com um tumor cerebral potencialmente fatal. Outro choque. Como se o início e o meio do ano já não tivessem trazido lutas suficientes, ele terminava não com a diminuição das pressões e a volta à normalidade, mas com uma ameaça nova e ainda pior. Minha mãe precisaria passar por uma cirurgia neurológica séria, e não se podia prever o que aconteceria.⁶ As águas do dilúvio que estavam subindo e agora ameaçavam engolir todo o meu mundo.

Todos os dias da semana daquele ano eu me sentei em uma sala de aula, com o meu livro de história mundial aberto, estudando a história de nações e potências, enquanto tentava processar uma perda pessoal traumática após a outra. Mas, na sala de aula da vida, na qual Deus tinha me matriculado, enquanto eu ouvia sua sabedoria, por meio de professores, pais, pastores e de sua Palavra, aprendi que Deus não estava lá para garantir que sempre teríamos prosperidade e sucesso, nem estava nos maltratando quando nos fazia atravessar ondas agitadas. Aprendi que consolo e coragem, força e paz vêm de um Deus que reina sobre todos os altos e baixos de nossa vida, tal como ele reina sobre todos os altos e baixos em todos os outros lugares ao redor do planeta, e em todos os tempos.

Durante aquele ano significativo, a teologia que eu já aprendera provou ser uma verdade preciosa e uma rocha sólida que poderia preservar — e, de fato, preservou — meu coração em todas as crises.

Nosso Deus é rei. Ele reina sobre todos os dilúvios e tempestades.

Portanto, aquieta-te, minha alma. Não há necessidade de entrar em pânico.

¹Free grace and dying love: morning devotions by Susannah Spurgeon, publicado anteriormente sob o título *A carillon of bells* (Edinburgh: Banner of Truth, 2006), p. 31.

²As informações sobre Luís XIV, neste e nos próximos dois parágrafos, foram obtidas de Will Durant; Ariel Durant, *The story of civilization* (New York: Simon and Schuster, 1963), v. 8: *The age of Louis XIV*, p. 3-18 [publicado em

português por Record sob o título A era de Luís XIV].

³Age of Louis XIV, p. 3, 685 [publicado em português por Record sob o título A era de Luís XIV].

⁴Matthew Henry, Matthew Henry's commentary on the whole Bible (Isaiah to Malachi) (1896; reimp., Old Tappan: Revell, 1985), v. 4, p. 1187 [publicado em português por CPAD sob o título Comentário bíblico Matthew Henry].

⁵Nancy DeMoss Wolgemuth, “He Cares”, Coronavirus, Cancer, and Christ, série de podcasts, Revive Our Hearts, 29 de dezembro de 2020, disponível em: www.reviveourhearts.com/podcast/revive-our-hearts/he-cares. Acesso em: 13 mar. 2024.

⁶Misericordiosamente, o Senhor poupou a vida de minha mãe e, mais tarde, restaurou sua saúde.

4

Posso conseguir uma testemunha?

Deus se faz parecer glorioso
sempre que confio a ele minhas decepções.
Longe de manchar seu bom nome,
meu sorriso, da minha cadeira de rodas,
aumenta a potência de sua glória para que outros a vejam.¹

— *Joni Eareckson Tada*

Se você conhece a sensação atordoante de ser informado de que está com câncer, também conhece os pensamentos e as emoções conflitantes que podem surgir em seu coração nas semanas e meses seguintes. O choque e as perguntas. O medo e a determinação. O pavor do que a roda do futuro trará e, ainda assim, a impaciência para dar a partida nessa carreira.

Minha amiga de longa data, Debby Canfield, conhece todos esses sentimentos. Por quase cinquenta anos ela serviu, ao lado do marido Steve, em um ministério no qual me envolvi durante a maior parte desses mesmos anos. Ela é mãe de seis filhos e avó de dezenove netos (até agora), além de palestrante e mentora de mulheres. Na primavera de 2021, Debby recebeu a notícia perturbadora de que um nódulo em seu seio era realmente um câncer. Opções e cronogramas foram discutidos. Em pouco tempo, ela e a equipe de médicos que a acompanhava chegaram a um consenso sobre um plano de tratamento. Ela teve uma mastectomia agendada para dali a seis semanas.

Debby e Steve chegaram cedo ao hospital, naquela manhã de quarta-feira, e fizeram o procedimento para a internação. Debby foi rapidamente levada de volta à área do pré-operatório. Por volta das nove da manhã, ela já fora

preparada e estava aguardando o procedimento marcado para as onze horas. Esperou. Esperou. Finalmente, por volta do meio-dia, apareceu uma enfermeira para informá-la de que o médico ainda estava em cirurgia. Eles ainda poderiam operar a Debby, não havia necessidade de se preocupar com isso, mas teria de ser no fim da tarde.

Mais espera. A apreensão aumentou uma vez que o atraso de uma hora se transformava em algumas horas, depois, em um atraso de cinco ou seis horas. Steve e Debby calcularam que, quando a cirurgia de Debby começasse, o cirurgião já estaria na sala de cirurgia há dez horas. Além disso, com as restrições em vigor por causa da COVID, Steve não teria permissão para continuar acompanhando Debby, e ela ficaria sozinha no hospital.

Depois de orarem juntos, eles decidiram remarcar a cirurgia, e descobriram que a data mais próxima possível seria para dali a duas semanas.

Que confusão. Por que, Senhor?

Mas o céu reina. Steve e Debby pensam assim. (Que bom seria se todos nós pensássemos assim.) Uma ou duas noites depois, em vez de continuarem remoendo o acontecimento, eles perguntaram a outro casal do nosso ministério, John e Donna Avant, se gostariam de sair para comer, e talvez ir para casa deles depois e jogar algum jogo.

No início da noite, os quatro estavam sentados em um restaurante local, pedindo o jantar. A garçonete, uma jovem a quem chamarei de Stacy, já havia passado pela mesa para começar a atendê-los. Ela explicou — para o caso de eles notarem — que estava trabalhando ali há apenas dois ou três dias e ainda estava aprendendo enquanto atendia. Stacy também era novata na área e trabalhava em dois empregos para se sustentar.

Quando a garçonete voltou para anotar os pedidos, Steve notou um trecho de 1Coríntios 13 tatuado no antebraço de Stacy. E perguntou a ela sobre a tatuagem. “Oh”, ela disse, “esses são os versículos favoritos da minha mãe”.

“Então você é cristã?”

“Bem, não, não tenho muita certeza disso. Minha mãe ora por mim o tempo todo, mas... Só não sei se Deus é real, sabe? Mas, veja bem, estou aberta a um sinal de que ela esteja certa, de que talvez Deus realmente exista.”

Hum.

Reconhecendo uma oportunidade evangelística, John, amigo de Steve e Debby, falou: “Que tal um sinal, Stacy? O Senhor acaba de enviar quatro missionários para a mesa que você está atendendo, no seu terceiro dia de trabalho.”

Uau! Os olhos dela se arregalaram. Seu rosto ficou corado. Seus ouvidos estavam atentos. Durante toda a refeição, enquanto Stacy ia e voltava até a mesa deles, os quatro continuaram a compartilhar o evangelho, e a vontade de ouvir crescia nela cada vez mais.

John finalmente disse: “Stacy, você gostaria de receber a Cristo? Você gostaria de conhecer esse amor do qual esses versículos em seu braço falam?”

Em menos de um minuto ela estava de volta. “Sim! Sim, eu gostaria.”

De forma rápida, mas gentil, Steve conduziu Stacy pelo evangelho, tendo o cuidado de lembrá-la do quanto era sério o compromisso que ela assumiria: uma promessa para toda a vida, que exigia arrependimento e fé, mas que mudaria sua vida para sempre, assim como Cristo havia mudado a vida deles. John, então, orou por Stacy — uma resposta às orações de sua mãe — ali mesmo, ao redor dos pratos e copos de chá.

Enquanto os quatro amigos estavam indo embora juntos, ainda radiantes de alegria pela experiência que compartilharam naquela noite, Donna virou-se para Debby e disse: “Sabe, se você tivesse feito aquela cirurgia na quarta-feira, como estava planejada, não teríamos saído para jantar esta noite, não teríamos conhecido Stacy e não poderíamos ter falado de Jesus para ela.”

Verdade, não é? Ela tinha toda razão.

O testemunho deles para Stacy naquela noite também foi uma prova de que o céu reina.

Aplique a situação de Debby à sua vida por um momento. Ela se sentiu tão desanimada durante aquele longo e decepcionante dia no hospital. Remarcar sua cirurgia apenas havia prolongado o início da sua luta contra o câncer. E significava que teria de desfazer e refazer todos os planos que traçara para o período de recuperação. Isso atrasou sua sensação de que estava progredindo no tratamento e desencadeou inquietantes preocupações de que a doença poderia

avancar em poucas semanas.

Mas qual era a perspectiva do céu sobre essa reviravolta que Debby não conseguiu controlar? E qual pode ser a perspectiva do céu sobre as coisas que você não pode controlar? Que diferença faz o princípio CR, a convicção de que o céu reina, quando acontece algo que não está de acordo com a sua agenda, quando a situação em questão simplesmente não faz sentido para você e parece que seus sentimentos estão sendo completamente ignorados?

- O fato de seu carro não dar partida significa ter de pegar uma carona — talvez até mesmo chamar um reboque —, ter de explicar por que está atrasado e, depois, ter de fazer outra viagem inconveniente até a oficina. Você realmente não tem tempo para nada disso, especialmente agora, com tudo o mais que está acontecendo, mas... o céu reina.
- Você ficou com receio de aceitar aquela posição ministerial na igreja. E jamais teria dito sim quando lhe perguntaram, se soubesse quanto tempo os problemas de saúde de seus pais tomariam de você. Você está com medo de fracassar. Mas... o céu reina.
- Você passou a temer as festas de fim de ano, ou ao menos as reuniões de família com parentes distantes, agora que aquele problema familiar se tornou óbvio e incômodo demais para ser ignorado. Há uma parte de você que nem quer mais estar com essas pessoas. Mas você vai mesmo assim. Você deixa de lado seus desejos de um fim de ano sem estresse, porque...

Você sabe a resposta: porque acredita que o céu reina. Mesmo que aquilo que aconteceu entre em conflito com seus planos. Mesmo que estique sua paciência para além dos limites. Mesmo que force você a sair da sua zona de conforto e a entrar em uma conversa que lhe coloque em uma situação difícil. Isso pode apenas preparar o cenário para que Deus apareça.

E para fazer de sua vida um testemunho.

Seja parte da interrupção

“O teu Deus”, disse Nabucodonosor a Daniel, depois que o sonho do rei lhe foi revelado e interpretado — “é verdadeiramente o Deus dos deuses, o Senhor dos reis” (Dn 2.47). Não consigo pensar em nada mais que eu pudesse preferir ouvir de um incrédulo.

- “Nancy, o seu Deus é incrível”;
- “seu Deus realmente responde às orações”;
- “seu Deus deve realmente ser Deus”.

Quero que meu testemunho de Cristo seja de tal modo que aqueles que não o conhecem sejam compelidos a dizer: “Quero que o seu Deus seja o meu Deus”. Você não adoraria isso? Queremos que nossa vida seja um testemunho cativante e itinerante da bondade e da grandeza do nosso Senhor.

Mas, sabe de uma coisa? Acreditar e viver como se o céu reinasse pode fazer isso por nós.

Daniel, como você se lembra, estava em casa, cuidando da própria vida, quando o decreto para “matar todos os membros do meu departamento de aconselhamento” foi divulgado e ele se viu envolvido em drama indesejado. Obviamente, ser incriminado injustamente não era como ele queria passar o dia, assim como não planejava enfrentar o rei com notícias que poderiam ter levado o já tenso tirano a uma fúria ainda mais aguda.

E, no entanto, essa intromissão não deixou Daniel vacilante nem o fez implodir emocionalmente. Por quê? Porque ele acreditava que o céu reina. Ele via Deus como alguém que está no controle de todas as circunstâncias, e nenhuma injustiça ou ameaça pessoal poderia diminuir a decisão de Daniel de honrar o seu Senhor. Como resultado, a manhã que havia começado tão mal terminou com o rei pagão da Babilônia louvando o Deus que Daniel adorava.

Veja bem, essas interrupções, desvios e provações indesejáveis são muitas vezes a porta que Deus abre para o nosso testemunho. Esses interlúdios fornecem uma plataforma para valorizarmos nosso Pai aos olhos de um mundo que nos observa — ou simplesmente aos olhos de outra pessoa que precisa desesperadamente saber que Deus é real e bom.

Você e eu jamais sentiremos falta de oportunidades para compartilhar e viver nosso testemunho, assim demonstrando o que há de diferente em uma pessoa que segue nosso Deus, e tornando a realidade de Deus difícil de ser refutada por outros. O Senhor garantirá isso simplesmente no fluir de seu governo em nossa vida. E se começarmos cada dia já certos de que prestaremos adoração a Deus quando esses momentos difíceis chegarem, independentemente do quanto sejamos desafiados ou de como estivermos nos sentindo, o testemunho que dermos do nosso Deus falará alto. E isso pode começar hoje mesmo.

Para provar ainda mais esse ponto, chamo, como minha próxima testemunha — na verdade, estas três testemunhas:

Seus nomes são Sadraque, Mesaque e Abednego. É provável que Daniel 3 — a história dos três amigos de Daniel na fornalha ardente — já seja bastante conhecida para você. Mas espero que reserve um momento para ler este capítulo mesmo assim, com o intuito de refrescar sua memória. Se for uma história nova para você, peço encarecidamente que a leia, para se familiarizar com esse relato dramático. Como a provação enfrentada por esses jovens se tornou uma oportunidade para dar destaque ao fato de que o céu reina?

O conto das três testemunhas

Esses três amigos de Daniel foram, a pedido dele, nomeados por Nabucodonosor para cargos administrativos no governo babilônico. Essas posições surgiram como resultado do favor que Deus continuou a conceder a Daniel após os acontecimentos que cercaram o sonho misterioso do rei. É por isso que, mais tarde, quando o palácio “mandou reunir os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os conselheiros, os tesoureiros, os juízes, os magistrados e todos

os governantes das províncias para assistirem à dedicação da estátua que o rei Nabucodonosor tinha erguido” (Dn 3.2), não havia escapatória. A presença nesse evento era obrigatória.

No entanto, esses jovens também acreditavam que, independentemente do rumo que o dia tomasse, confiariam o resultado a Deus, sem duvidar. Eles seriam respeitosos como cidadãos daquela nação e cumpririam seus deveres para com o rei e seu povo. Mas a lealdade suprema deles, como sempre, seria a Deus, como servos seus, comprometidos em fazer a sua vontade em todos os lugares, a todo custo.

A estátua que constituía o ponto central das festividades daquele dia nos traz à mente outra estátua: aquela que o rei tinha visto em seu pesadelo inicial. Deus usou a visão em Daniel 2 para explicar a Nabucodonosor que seu poder para reinar vinha somente de Deus, e que Deus poria fim ao seu reinado. Mas, então, Nabucodonosor virou-lhe as costas e construiu uma estátua colossal em homenagem a... si mesmo.

Parece que o rei não entendeu a mensagem do sonho.

A ironia é quase grotesca, assim como a própria estátua com seus 27 metros de altura, aproximadamente a altura de um prédio de oito andares, e 2,7 metros de largura. E enquanto a estátua do sonho representava Nabucodonosor como a “cabeça de ouro”, esta estátua era toda de ouro. Provavelmente não de ouro maciço, já que não poderia ter sido levantada em virtude do peso, mas talvez fosse feita de algum tipo de estrutura de madeira revestida de ouro.² Mas, sem sombra de dúvida, essa imensa estátua causou a impressão desejada pela maneira como resplandecia à luz do sol, elevando-se sobre os dignitários reunidos.

Você pode imaginar o desconforto de Sadraque, Mesaque e Abednego com a idolatria que estavam testemunhando, precisamente o mesmo pecado que custou tão caro a seu próprio povo. Mas o desconforto transformou-se em arrepio, quando a chamada soou, estridente, na voz de um arauto que estava no local:

Povos de todas as nações e línguas, ordena-se a vocês: Quando ouvirem o som da trombeta, da flauta, da cítara, da lira, da harpa, do tambor e de todo tipo de música, vocês devem se prostrar com o rosto em terra e adorar [marquem a palavra adorar] a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor ergueu (3.4-5).

E para que ninguém pensasse que estava livre de cumprir a ordem obsessiva do rei:

Quem não se prostrar e não adorar será imediatamente lançado em uma fornalha de fogo ardente (3.6).

O dia de Sadraque, Mesaque e Abednego foi simplesmente de mal a pior.

Ou, sob a perspectiva de que o “céu reina”, deixou de ser um dia ordinário para se tornar um dia memorável, digno de testemunho.

A batalha pela adoração

Não vamos nos iludir e achar que estamos 26 séculos afastados desse dilema. Esta batalha pela adoração não apenas é tão antiga quanto o jardim do Éden: ela também está tão fresca quanto a nossa xícara de café desta manhã. O mundo que nos rodeia está constantemente nos arrastando, provocando, por vezes escarnecendo de nós para prestarmos nossa adoração a coisas e a seres criados — adoração essa que pertence somente a Deus, nosso Criador. A lista das “estátuas” que somos pressionados a adorar é longa e lamentavelmente familiar. Celebidades. Sucesso. Trabalho. Riqueza. Fãs e popularidade. Posses e conquistas de outras pessoas. O governo, como se fosse nosso provedor, e os líderes políticos, como se fossem nossos salvadores. Conforto. Conformidade cultural, custe o que custar para a nossa consciência e para o que afirmamos serem as nossas convicções.

E não pense que a lista acaba aí. Essa disputa será realidade entre nós enquanto a Terra existir, até que, mais para frente, como Apocalipse 13 nos diz, os crentes enfrentarão intensa pressão para dobrar os joelhos diante do que é descrito como a “imagem da besta” (Ap 13.14). Mais uma vez, em uma semelhança

assustadora com a dinâmica de Daniel 3, quem não “adorar” a imagem do inimigo naquele dia será morto (v. 15).

Sentimos essa pressão hoje — em algumas partes do mundo mais do que em outras. Pergunte aos crentes na Nigéria, em partes da Índia e na China. A perseguição enfrentada por literalmente milhões de pessoas hoje em países e em grupos de povos em todo o mundo é real, embora possa estar longe de nós e oculta de nossa vista.³ Mas mesmo para aqueles entre nós que têm desfrutado da bênção da liberdade religiosa, essa batalha pela adoração poderá um dia ganhar escala e vir a atingir proporções de vida ou morte, como aconteceu na Babilônia de Nabucodonosor com três filhos de Deus.

Sempre e onde quer que enfrentemos essa batalha no futuro, será que dobraremos nossos joelhos com medo das consequências, ou firmaremos os pés na verdade de que o céu reina?

Que tipo de testemunho temos hoje e teremos em ocasiões futuras, diante dos poderes e governantes deste mundo?

Você provavelmente conhece a história do que aconteceu quando Sadraque, Mesaque e Abednego permaneceram de pé, enquanto todos os outros se curvavam e adoravam. Um grupo de autoridades locais, talvez com inveja desses judeus que foram promovidos a cargos mais altos do que as deles, a posições de importância, correu para chamar a atenção do rei, certificando-se de que ele não deixasse de notar o desrespeito à sua “divindade” que esses três homens — Aqueles três, ali! — estavam demonstrando diante da imensa estátua, enquanto todos os outros caíam de joelhos.

Nabucodonosor, reagindo conforme o esperado, ficou irado. “Em furiosa ira” (Dn 3.13), o rei ordenou que os três homens fossem trazidos diante dele, onde repetiu o decreto para “prostrarem-se e adorarem a estátua que fiz” ou, então, enfrentariam o fogo de sua fornalha real. “E quem”, trovejou ele, “é o deus que pode resgatá-los do meu poder?” (3.15).

Mas, como Daniel antes deles, esses três homens não entraram em pânico. Eles não demonstraram nenhum sentimento de terror. Essa reação me encanta. E quero a mesma coisa. Eles não foram pegos de surpresa por esse dia, porque isso nunca acontece quando reconhecemos que o céu reina. Nem mesmo as terríveis ameaças do rei puderam levá-los a adorar a sua imponente estátua, porque já

tinham determinado que a sua adoração pertencia inteiramente e somente àquele que governava do céu.

Há testemunho nessa atitude, e somente nela. E há ainda mais testemunho na forma como Sadraque, Mesaque e Abednego responderam à pergunta que o rei — um autoproclamado deus — fez sobre o Deus deles.

Nabucodonosor, não precisamos lhe dar uma resposta a esta pergunta. Se o Deus a quem servimos existe, então ele pode nos resgatar da fornalha de fogo ardente e pode nos resgatar do seu poder, ó rei. Mas mesmo que não nos resgate, queremos que você, como rei, saiba que não serviremos seus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que você erigiu (3.16-18).

Será que você se pergunta, assim como eu, se seria capaz de assumir a mesma postura que esses três homens tomaram, com toda aquela pressão para que eles cedessem, e com a vida em jogo? Tenho certeza de que eles também tiveram seus momentos de dúvida. Mas, quando ponderamos sobre como será quando chegar o dia — o qual se parece cada vez mais com os dias de hoje — em que os crentes serão obrigados a escolher entre adorar a “imagem da besta” ou aceitar a morte, será que você será capaz de tomar a decisão correta? Será que eu serei? Pensemos nisso.

E, no entanto, assim como aconteceu com Sadraque, Mesaque e Abednego, o Senhor está agora mesmo no processo de nos preparar. No caso deles, antes de enfrentarem este teste maior, Deus já lhes havia aplicado testes menores, como a questão de recusar a comida do rei em favor da dieta que o seu Deus lhes prescrevera. Eles foram passando nos testes e, durante o processo, aprendendo pouco a pouco.

O mesmo é verdade para você e para mim. Todas essas oportunidades que Deus nos concede — os pequenos desafios, as pequenas interrupções, os momentos quotidianos em que temos de escolher entre obedecer ou fazer concessões, entre reclamar ou aceitar, entre entristecer ou honrar a Deus — estão construindo algo em nós. Essas oportunidades estão fortalecendo nosso relacionamento com Deus e solidificando em nosso coração a convicção de que o céu reina: em todos os lugares, em todos os tempos. Portanto, quando enfrentarmos uma prova ainda

mais difícil, nosso coração estará preparado para dar testemunho mesmo nesse caso.

“Todas as coisas cooperam”, certo? Todos os planos de Deus cooperam para realizar o grande plano que ele traçou para nós: “para o bem daqueles que amam a Deus”, para o bem daqueles “que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). É assim que Deus governa nosso coração, resultando em nosso testemunho.

É por isso que em Apocalipse lemos sobre nossos irmãos e nossas irmãs em Cristo que venceram o poder do inimigo — mas como?

Pelo sangue do Cordeiro

e pela palavra do seu testemunho;

pois eles não amaram as próprias vidas

nem mesmo diante da morte (Ap 12.11).

Acaso esses crentes são de alguma forma diferentes de você? Ou de mim? Não. Se você crê em Cristo para sua salvação, está entre eles. E “alegrem-se” (v. 12) — sim, alegre-se! — pelo fato de que Cristo está diariamente preparando você, através deste campo de treinamento para a vida chamado CR, o céu reina, para que você seja um testemunho contínuo e vitorioso de seu Deus. Em todas as coisas. Até que cheguemos ao lar.

Que testemunho Deus está preparando você para dar!

Jesus na fogueira

Certa noite de sexta-feira, no fim de 2021, subiram a cortina vermelha do palco

do Grand Ole Opry, em Nashville. Todo fim de semana, durante noventa anos, as superestrelas da música country e os que sonhavam em ficar famosos se apresentaram nesse palco, com suas espirituosas canções que falavam de amor e de perda, de bons momentos e do bom Deus.

Mas aquela noite foi um pouco diferente. Um pianista desconhecido foi aplaudido de pé por sua interpretação de uma amada canção gospel.⁴

Apenas uma semana antes, na noite da sexta-feira anterior, uma histórica sequência de tornados devastou quatro estados do Sul dos Estados Unidos. Os tornados permaneceram em terra, destruindo casas e propriedades, ao longo de um percurso contínuo de trezentos quilômetros. A devastação foi horrenda e a perda de vidas foi absolutamente desoladora.

Nos dias que se seguiram, entre inúmeros relatos de tragédias, bem como de histórias comoventes de um vizinho ajudando o outro, surgiu um vídeo que rapidamente viralizou.⁵ Ele mostrava um pai de família do Kentucky, de costas para a câmera, sob o que restava de sua casa em escombros e sem telhado. De frente para uma parede, agora aberta para o sol que brilhava onde antes ficava o teto, vemos Jordan Baize sentado ao piano, em um banco de madeira, tocando em notas estridentes e encharcadas o clássico cântico de louvor de Bill e Gloria Gaither, “There’s Something About That Name” [Há algo especial nesse nome].

A câmera do celular faz uma panorâmica da cena: vigas expostas, batentes de portas partidos, porta-retratos quebrados, a árvore de Natal caída. E, no entanto, pairando acima disso, como se intocada pela evidência visível do que tem à sua frente, flutua esta recusa musical de se curvar em derrota diante de perdas que parecem permanentes, mas que são limitadas no que diz respeito àquilo que podem despojar. Naquele dia, e na aparição de Jordan em Opry, uma semana depois,⁶ a convicção de que o céu reina foi declarada diante de um mundo atordado.

Eis um testemunho das coisas que “nosso Deus” pode fazer quando nossa resposta para tudo é CR, o céu reina.

Observe, porém, que o testemunho muitas vezes brota de dores e sofrimentos reais. Não há nada de doce em um testemunho de que o “céu reina”. Você não vai me ouvir comparar a confissão audaciosa e confiante de que o céu reina a um final de conto de fadas — ao menos, não ainda. Nunca sabemos onde estamos

entrando, quando escolhemos adorar a Deus em vez de ceder ao que é mais natural para nós, ou seja, ao temor dos homens e à propensão de nos prostrarmos diante de poderes, tendências e demandas terrenas. Quando damos nosso testemunho, podemos enfrentar o escárnio, a ira, o desprezo ou algo pior. Pessoas podem falar de nós, mentir sobre nós, tirar vantagem de nós e nos considerar loucos.

Não há nada de doce em um testemunho de que o “céu reina”. Você não vai me ouvir comparar a confissão audaciosa e confiante de que o céu reina a um final de conto de fadas — ao menos, não ainda. Nunca sabemos onde estamos entrando, quando escolhemos adorar a Deus em vez de ceder ao que é mais natural para nós.

Os três homens estavam bem cientes de que, na antiga Babilônia, sua lealdade inabalável ao seu Deus custaria caro. Eles sabiam muito bem que poderiam ser obrigados a pagar o preço supremo com a própria vida. E foi exatamente isso que aconteceu — ou, ao menos, quase isso.

O rei Nabucodonosor, irrompendo em fúria novamente contra a devoção e o desacato de Sadraque, Mesaque e Abednego, ordenou que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais do que o normal, não deixando dúvidas sobre o que aquelas chamas fariam com eles. Nem mesmo os soldados que receberam ordens de amarrá-los e jogá-los na fornalha sobreviveram à missão. Diante da urgência de cumprir a ordem irracional do rei e do calor insuportável gerado pela fornalha, os encarregados foram incinerados. Mesmo assim, os três rapazes, amarrados com cordas, foram lançados na fornalha, rumo à sua aniquilação.

Nós sabemos, porque já lemos a história, que eles saíram ilesos. Sabemos como Nabucodonosor, depois de se sentar para vê-los queimar, “se levantou impressionado” e disse sem rodeios para aqueles à sua volta: “Não atiramos no fogo três homens amarrados?” (Dn 3.24).

“Sim, claro, Vossa Majestade”, responderam seus conselheiros (3.24). Mas

Nabucodonosor apenas apontou. “Olhem! Vejo quatro homens, desamarrados, andando ilesos dentro da fornalha; e o quarto parece um filho dos deuses” (3.25).

“Não há outro deus que possa livrar desta maneira”, exclamou Nabucodonosor quando Sadraque, Mesaque e Abednego saíram da fornalha (3.29). Ele ficou simplesmente impressionado com o fato de que esse Deus “enviou o seu anjo e resgatou os seus servos que nele confiavam” (3.28). E, então, emitiu um decreto dizendo que ninguém no reino poderia incomodar os três homens nunca mais.

A maneira mais simples de interpretar essa história, a razão mais óbvia pela qual ela termina de novo com Nabucodonosor louvando “o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego” (3.28) é porque o rei acabara de ver três homens serem lançados na fornalha e, depois, saírem de lá sem sequer um fio de cabelo chamuscado, sem nem mesmo cheiro de fumaça nas roupas, as quais também não se queimaram. Isso chamaria a atenção até do observador mais teimoso e insensível que existe.

Mas, na verdade, creio que foram os acontecimentos do dia inteiro somados que levaram a esse resultado. Foi a audaciosa coragem dos três homens que, entre milhares, perceberam que não estavam mais no controle do seu dia, mas ainda estavam no controle de sua adoração, e não abririam mão dessa convicção sob nenhuma condição. Eles não tentaram negociar um meio-termo. Eles não tentaram justificar o ato de se curvar fisicamente como uma atitude educada para com seus anfitriões no evento, mesmo que no coração eles estivessem adorando a Deus em silêncio. Não, este era um assunto claríssimo para eles. Eles dobravam os joelhos diante de Deus, e somente diante de Deus. Em todos os tempos, em todos os lugares.

Em seguida, o outro acontecimento notável foi a maneira como esses jovens falaram com o rei: Nós não precisamos discutir entre nós se sua sentença de morte nos levará a reconsiderar. Deus nos salvará ou não, mas, de qualquer maneira, ele é Deus. E ponto final. O tom adotado me lembra como Jó respondeu à admoestação de seus conselheiros depois de se encontrar nas profundezas de um sofrimento tão indescritível, em um momento em que Deus aparentemente não queria vir em seu socorro: “Mesmo que ele me mate, espero nele” (Jó 13.15). Se você acredita em um Deus que reina e que ressuscita mortos, pode se dar ao luxo de falar dessa maneira, mesmo que o homem ou a mulher que esteja ouvindo seja o ser humano mais poderoso da face da Terra.

E, por fim, e acima de tudo, foi o “quarto” homem na fornalha. Nabucodonosor pensou que estava vendo um anjo ou “um filho dos deuses”. Mas, na realidade, esse indivíduo era certamente o “Filho de Deus”, o próprio Jesus que, seja qual for a situação em que nos encontramos, responde à nossa fé entrando em nossa fornalha, absorvendo o julgamento feito contra nós, ministrando a nosso coração e caminhando conosco entre as chamas. (A maioria dos comentaristas acredita que a figura que foi vista nas chamas era uma cristofania, uma aparição pré-encarnada de Cristo na Terra.)

Sadraque, Misaque e Abednego não tinham garantia de que escapariam da conflagração que os eventos do dia haviam criado para eles. Nós também não temos garantia. Contudo, qualquer que seja o resultado final, Jesus estará lá antes de nós para nos resgatar ou nos levar para a glória com ele.

Independentemente do resultado, ainda é um testemunho.

Às vezes, o maior testemunho que podemos dar da realidade e do poder de Deus acontece quando sofremos por aflições e provações, quando outras pessoas nos veem confiando em Deus, e não somos tragados pela provação. Primeiramente, este pode ser um testemunho mais poderoso do que nunca: ter sido jogado na fornalha. Ou na cova dos leões. Ou em qualquer prova dos nossos dias que possa estar tentando nos derrotar hoje.

Quando adoramos e servimos somente a Deus; quando nos recusamos a nos curvar perante reis, poderes, ideologias e sistemas deste mundo; quando não permitimos que interrupções, inconvenientes e circunstâncias indesejáveis nos façam mergulhar em frustração e autopiedade, nós preparamos o cenário. Abrimos a porta para que o poder e a glória de Deus brilhem.

Quando adoramos e servimos somente a Deus; quando nos recusamos a nos curvar perante reis, poderes, ideologias e sistemas deste mundo; quando não permitimos que interrupções, inconvenientes e circunstâncias indesejáveis nos façam mergulhar em frustração e autopiedade, nós preparamos o cenário.

Abrimos a porta para que o poder e a glória de Deus brilhem. Cooperamos com ele para iluminar um caminho, de modo que mesmo aqueles que o rejeitaram ou o deixaram de lado possam ver que Deus realmente é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6). E a razão pela qual eles o veem em nós — “o seu Deus”, “o nosso Deus”, “O Deus de Sadraque, Misaque e Abednego” — é porque nós o vemos como nosso governante, aquele que reina sobre tudo o que nos diz respeito.

Nestes últimos anos, muitos são os momentos em que Robert e eu fazemos a seguinte oração antes de entrar em outra consulta médica ou em outro quarto de hospital: “Senhor, que possamos andar e reagir, viver e amar de tal maneira que as pessoas vejam a ti, Senhor, em nós”. Em todas as situações, não importa quão estressantes ou difíceis sejam, queremos que os outros vejam, conheçam e adorem “o Deus de Robert e Nancy”.

Somente o céu sabe o quão abrangente e transformador será o testemunho daqueles que realmente acreditam que o céu reina.

¹Joni Eareckson Tada, “Paralysis was his good plan: how predestination changed my suffering”, Desiring God, 12 de outubro de 2020, disponível em: www.desiringgod.org/articles/paralysis-was-his-good-plan. Acesso em: 13 mar. 2024.

²Esta é uma explicação amplamente usada em comentários. Veja, por exemplo, David Guzik, “Daniel 3 — saved in the fiery furnace”, Enduring Word, disponível em: <https://enduringword.com/bible-commentary/daniel-3>. Acesso em: 13 mar. 2024.

³De acordo com a Missão Portas Abertas, uma organização que publica a Lista mundial da perseguição, uma classificação anual dos cinquenta países mais perigosos para os cristãos, “Apenas no último ano [2021], houve [...] mais de 340 milhões de cristãos que vivem em locais onde sofrem altos níveis de perseguição e discriminação”. Veja “Christian persecution”, Open Doors (website), disponível em www.opendoorsusa.org/christian-persecution. Acesso em: 27 jan. 2022.

⁴“Jason Crabb — ‘There’s something about that name’”, Grand Old Opry, performance gravada ao vivo, 18 de dezembro de 2021, vídeo no YouTube, 5:29, disponível em: www.youtube.com/watch?v=TQTXGiS5yno. Acesso em: 13 mar.

2023.

⁵Jill Lyman, “Bremen man loses home to tornado, stops to play piano in praise”, 14 News disponível em: <https://www.14news.com/2021/12/13/bremen-man-loses-home-tornado-stops-play-piano-praise/>. 13 de dezembro de 2021

⁶Jill Lyman, “From destroyed home to Grand Ole Opry Stage, Bremen man continues song of praise”, 14 News, 18 de dezembro de 2021, disponível em: <https://www.14news.com/2021/12/18/destroyed-home-grand-ole-opry-stagebremen-man-continues-song-praise/>.

5

Humilhado

Quão tediosamente iguais foram todos os grandes tiranos e conquistadores; quão gloriosamente diferentes são os santos.¹

— *C. S. Lewis*

O rei Nabucodonosor morreu após um reinado de quarenta anos, e a Babilônia cambaleava. No imenso rastro de Nabucodonosor, uma sucessão de reis governou, cada um por um curto período de tempo. Depois veio Belsazar, que se igualou a Nabucodonosor em sua disposição geral.

Os dois eram muito parecidos. Tanto Nabucodonosor como Belsazar eram idólatras, extravagantes e gostavam de ostentação; ambos eram obcecados por riqueza e privilégios pessoais. Ambos governaram pela força e pelo medo, eliminando qualquer um que se interpusesse no seu caminho e, ao mesmo tempo, recompensando qualquer um que alimentasse seu ego ou apoiasse seu regime. O mais notável, porém, é que ambos tinham uma visão elevada — extremamente elevada — de si mesmos.

Eles são retratos da arrogância.

E arrogância, seja lá qual forma assuma, é inimiga do fato de que o céu reina, pois nos impede de reconhecer, ou mesmo de enxergar, a verdade sobre nós mesmos e sobre Deus.

Pense em como a arrogância dos dois monarcas os cegou para alguns dos princípios fundamentais que já observamos:

- a arrogância os impediu de ver que tudo o que possuíam lhes havia sido dado por Deus;

- a arrogância os impediu de ver que Deus era o poder soberano e supremo do mundo e que dependiam dele até para respirar e existir;
- a arrogância os impediu de ver que o Deus que os levantou poderia facilmente derrubá-los, que Deus controlava não apenas o alcance, mas também a duração de seus reinados individuais.

A arrogância também pode nos cegar para essas importantes verdades, e, o que é mais grave, nos impedir de vivê-las. Isso é um convite ao desastre em mais de um aspecto. A arrogância não apenas nos priva do consolo e da coragem que deveríamos receber por vivermos segundo a convicção de que o céu reina, mas também nos direciona inevitavelmente para uma queda, porque o céu reina, quer reconheçamos isso ou não.

Deus não reina porque lhe concedemos permissão para reinar. Deus reina simplesmente por quem ele é. Certos detalhes podem ser discutidos, mas sua soberania não está em votação. É um fato, como a gravidade. A única coisa a ser determinada não é como seremos afetados, mas como ajustaremos nossa vida: se será com uma arrogância cega ou com uma humildade que abre nossos olhos.

E como qualquer pessoa que tente desafiar a gravidade lhe dirá (ou gostaria de ainda estar por perto para lhe dizer), a diferença pode ser uma questão de vida ou morte.

Já vimos a arrogância de Nabucodonosor. Para outra lição viva sobre arrogância, vamos dar uma olhada em Daniel 5, que se concentra em um incidente que aconteceu no reinado de Belsazar. Na verdade, antes de continuar lendo, por que você não reserva alguns minutos para ler esse capítulo por conta própria? Ao fazê-lo, tome nota de quaisquer expressões de arrogância — e de humildade — que você perceber, bem como de suas consequências.

Um estudo sobre a arrogância

No início de Daniel 5, tornamo-nos intrusos em um banquete luxuoso realizado em homenagem ao rei Belsazar. É o único vislumbre que temos nas Escrituras da Babilônia sob seu governo real. O vinho corre livremente, e sua abundância provavelmente é um indicativo de extravagâncias desenfreada e frouxidão moral. O mais chocante de tudo, para nós, é a ordem embriagada do rei: “tragam os cálices de ouro e de prata que seu antecessor, Nabucodonosor, havia tirado do templo em Jerusalém, para que o rei e seus nobres, esposas e concubinas possam beber neles”. (Dn 5.2).

Para nós, que amamos a Palavra de Deus, é doloroso ler isso. Imaginar, então, chega a ser perturbador.

O confisco desses itens da casa de culto dos judeus diz muito sobre os babilônios, tanto na ocasião em que ocorreu, uma geração antes, quanto pela constância dessa prática ao longo dos anos. Simbolicamente, o confisco era uma confirmação do triunfo dos deuses dos babilônios sobre o Deus dos hebreus. Pois, se o Deus de Israel reinava, como diziam Daniel e outros, por que tantos de seus objetos sagrados foram levados de seu templo por mãos inimigas? Por que Deus não foi capaz de protegê-los? Por que esses objetos sagrados estavam agora guardados no palácio da Babilônia, onde podiam ser exibidos dessa forma em brindes ao rei da Babilônia e também a Bel, deus babilônico que (segundo os babilônios acreditavam) dera ao rei seu grande poder e até mesmo seu nome? (o nome Belsazar significa “Bel saúda o rei”).

No entanto, lembre-se deste momento. Lembre-se do momento de arrogância — de todos os momentos que vimos até agora em Daniel:

- o sonho de Nabucodonosor sobre uma “estátua colossal” feita de ouro e de outros metais (Dn 2);
- a estátua de ouro que Nabucodonosor construiu em homenagem a si mesmo, com 27 metros de altura e banhada a ouro (Dn 3);
- a árvore muito alta na visão noturna de Nabucodonosor (Dn 4).

Então, lembre-se da derrubada da primeira estátua; lembre-se da banalização da

segunda estátua pela libertação milagrosa da fornalha pelas mãos de Deus; lembre-se da árvore que foi cortada e de Nabucodonosor, após sua grande queda, finalmente recuperando o juízo, erguendo os olhos para o céu e dizendo: “Agora eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o Rei dos céus” (4.37).

Agora imagine esta cena naquela que acabou sendo a última noite do reinado do sucessor de Nabucodonosor: o brilho do ouro, quando os servos de Belsazar abrem os armários onde os cálices do templo de Jerusalém estavam guardados. Os respingos de vinho em cálices que antes continham água pura, a serviço do Deus vivo e no cumprimento de suas ordenanças. O tilintar dos cálices sagrados sendo usados para brindar, em debochado desrespeito ao seu propósito original, levantados para o alto na folia de risadas licenciosas e do canto áspero de velhos homens.

Visualize este momento em que a arrogância humana parecia ter triunfado, e quando Deus e tudo o que é santo e bom pareciam ter sido derrotados. Pois momentos como esse ainda acontecem nos dias de hoje.

Um pesquisador da equipe do nosso ministério me envia semanalmente um apanhado de links de artigos sobre vários fatos atuais e questões e tendências culturais em nosso mundo. Cada envio destaca dezenas de momentos como esse. Decisões judiciais, decisões de conselhos escolares e novas leis que vão contra a verdade e a justiça. Autoridades eleitas, celebridades e, com demasiada frequência, pastores e líderes cristãos chegam às manchetes por ostentarem o mal e desrespeitarem a lei de Deus. Regimes opressores que reprimem os seguidores de Cristo e procuram eliminar o testemunho do evangelho em praça pública.

A arrogância se propaga... por todos os lugares.

Mas “o céu reina” — sobre tudo e todos.

Deus não está perdendo, em nenhum sentido. A arrogância que parece estar vencendo aguarda apenas a hora da sua destruição.

E, em Daniel 5, Deus estampou essa verdade com suas próprias mãos.

Uma vez que o clima de festa atingiu seu ponto mais alto, de repente — “naquele momento” — a gritaria selvagem de celebração e glotonarias se transformou em guinchos de santo terror. Todas as cabeças se viraram quando

“os dedos de uma mão de homem apareceram e começaram a escrever no reboco da parede do palácio real” (5.5).

Até mesmo o arrogante Belsazar ficou em frangalhos. “Seu rosto se empalideceu e seus pensamentos o aterrorizavam tanto que”, de acordo com uma das versões da Bíblia, “ele se borrou e seus joelhos batiam um no outro” (5.6). Este homem, que considerava ter poder absoluto e invencível contra ataques, agora se via tremendo diante de um poder tão superior e capaz de demolir toda arrogância humana, e até mesmo a arrogância das mais pomposas potestades da Terra.

Apesar de tudo, a arrogância humana não se vence facilmente. E Belsazar não tremeu por muito tempo. Sem demora, esse arrogante rei passou a gritar ordens, convocando seus adivinhos e conselheiros. Acostumado a comprar a lealdade de seus súditos, ele arrogantemente começou a oferecer prêmios a qualquer um que conseguisse decifrar o que estava acontecendo no local e o que as estranhas palavras na parede poderiam significar (5.7).

Belsazar recusou-se a abandonar sua arrogância, mesmo na presença da poderosa mão de Deus. Mas essa arrogância seria a sua morte. Se não for tratada, ela também será a nossa morte. É sempre uma causa perdida. A arrogância só pode levar à perda daquelas coisas que de algum modo acreditamos controlar, apegando-nos a elas com tanta força. Poder. Segurança. Persuasão. Manipulação.

Então, por que nos apegamos à nossa arrogância? Porque ela, apesar de seu custo, é uma candidata resoluta e irresistível. Ao mesmo tempo atraente e enganosa, a arrogância nos mantém convencidos de que não podemos viver sem ela. Talvez, se a única face que nos mostrasse fosse a inconveniente presunção flagrante de Belsazar, não seríamos tão suscetíveis. Mas a arrogância pode mascarar-se de formas menos ofensivas e mais sutis — embora não passem de uma tentativa de afastar a convicção de que o céu reina.

Pense nisso. Ser super organizado, destacar-se na escola ou nos esportes, trabalhar mais horas do que o resto dos nossos colegas, manter uma casa impecável, ter uma caixa de entrada de e-mails sempre vazia, nunca chegar atrasado a um compromisso — qualquer uma dessas vantagens pode nascer do amor genuíno por Deus e pelos outros... ou pode revelar um impulso subjacente de controle ou de ser admirado pelos outros. O mesmo pode acontecer quando cobizamos e obtemos reconhecimento como líderes de igreja ou como

produtores de primeira linha, quando teimamos que a nossa posição sobre determinado assunto controverso é a “certa” e rejeitamos aqueles que não concordam, e quando somos excessivamente competitivos nos esportes ou nos negócios.

A arrogância só pode levar à perda daquelas coisas que de algum modo acreditamos controlar.

Ou pense no que chamamos de baixa autoestima, algo que aparentemente pode parecer precisamente o contrário da arrogância. Mas será que, às vezes, esse baixo senso de autoestima não pode ser uma forma de descontentamento latente com a forma como nosso Criador nos criou e pretende demonstrar sua glória através de nós? Em vez de ouvir o que ele diz sobre nós, ouvimos as vozes que alimentam nossos sentimentos, as mentiras debilitantes que diminuem o nosso valor e sufocam a nossa alegria. Validamos esses sentimentos por causa da dor e da rejeição que podem tê-los alimentado. Isolamos nosso coração ferido na esperança de evitar mais dores. Mas será que não percebemos o tom de arrogância que tinge a visão inferiorizada que temos de nós mesmos, como se nos conhecêssemos melhor do que o nosso amoroso Criador? Porventura não seria esse desprezo por nós mesmos, lá no fundo, uma descrença decepcionada e desiludida na convicção de que o céu reina?

E o que dizer da ansiedade? Acaso não buscamos às vezes a sensação de controle que ela nos dá sobre as nossas circunstâncias? Sobre nossos medos? Sobre a nossa preocupação com o bem-estar de nossos entes queridos? No entanto, quando estamos envolvidos em nossas preocupações, muitas vezes nós as colocamos acima de qualquer coisa. Mesmo acima da verdade de que o céu reina.

Robert e eu fomos lembrados da tenacidade dessa tentação quando recebemos uma mensagem de uma querida amiga de noventa anos. Ela perdeu o marido para a COVID há cerca de um ano; ela mesma lutou contra efeitos residuais da COVID em si; e mais recentemente foi diagnosticada com câncer de mama. Sua

mensagem detalhava alguns dos desafios que vinha enfrentando com problemas que se amontoavam uns sobre os outros a perder de vista. Essa amiga me disse que a batalha estava acabando com suas forças, especialmente enquanto tentava sobreviver às festas de fim de ano sentindo tanto a falta do marido, com quem fora casada por setenta anos. Ela sentia-se abandonada na luta contra o cansaço e o desânimo.

Mas “finalmente estou me sentindo melhor”, escreveu ela. “Acho que a ansiedade estava minando minhas forças. Uma coisa é dizer que os problemas estão nas mãos de Deus e outra coisa é pensar que você tem de ajudá-lo a carregá-los.”

Ah, esse impulso que sentimos de pensar que podemos administrar nossa própria vida e carregar nossos próprios fardos! Quão enganosamente cruel é essa tática do nosso inimigo — tão sedutoramente manejada e, ainda assim, tão perigosa. Não importa a fase da vida em que estivermos, a arrogância pode roubar nossa paz e sabotar nossa confiança de que o céu reina, escondendo-se atrás da preocupação natural com o nosso próprio bem-estar e dos instintos protetores que sentimos em relação a nossa família e amigos.

Podemos não ser arrogantes no mesmo sentido que Belsazar, mas a arrogância também pode nos afastar da verdade por outros meios, por outras formas que nos assaltam. Que a escrita em nossa parede seja feita com a tinta indelével da verdade de que o “céu reina”, sem que nenhuma das nossas próprias exigências imperiosas seja rabiscada por sobre ela.

Um estudo sobre humildade

Primeiramente, vimos Daniel como um adolescente exilado, defendendo com bravura suas convicções na corte do rei. Em Daniel 2, nós o vimos respondendo calmamente às ameaças de Nabucodonosor, depois de ninguém ter conseguido interpretar os sonhos enigmáticos do rei. Em Daniel 4, nós o vimos novamente se arriscando a desagradar o rei ao interpretar um sonho perturbador. No entanto, apesar de Daniel ter provado ser capaz e fiel em todas as posições que ocupou na Babilônia, e de ter se provado um homem hábil em transmitir a sabedoria e a verdade de Deus aos que delas precisavam, parece que ele passou vários anos à

margem: as suas palavras não eram procuradas nem seus conselhos solicitados. Quando chegamos ao capítulo 5, Daniel provavelmente estava com quase setenta anos, relegado à irrelevância e servindo em mais uma administração ímpia, sob a liderança de outro rei arrogante.

No entanto, quando os “sábios” (Dn 5.7), reunidos às pressas na corte de Belsazar, não conseguiram encontrar uma única pista para decifrar as palavras escritas pela mão misteriosa na parede do palácio de Belsazar, alguém se lembrou de ter ouvido histórias do passado sobre um homem chamado Daniel.

Há um homem em seu reino que tem o espírito dos deuses sagrados. Nos dias de seu predecessor, descobriu-se que ele tinha discernimento, inteligência e sabedoria, como a sabedoria dos deuses [...] um espírito extraordinário, conhecimento e a capacidade de interpretar sonhos, explicar enigmas e resolver problemas. Portanto, chame Daniel, e ele dará a interpretação (5.11-12).

Anote isto: “O céu reina”. A essa altura, o tempo e a influência de Daniel aparentemente já haviam passado. As pessoas que no passado o conheceram e valorizaram seus dons e sua visão já estavam mortas há muito tempo ou não ocupavam mais posições de liderança. Ele era uma relíquia de uma época anterior, uma vaga lembrança de um passado distante. E, ainda assim, não havia nenhum indício de amargura, competitividade ou ressentimento em Daniel. Ele ainda estava pronto para servir ao rei, pois continuava servindo humildemente a seu verdadeiro Rei.

Ora, se Daniel agisse com arrogância, teria diante de si algumas opções quando os mensageiros chegaram com o chamado de emergência do rei Belsazar.

Ele poderia recusar o chamado por estar ofendido pela forma como suas contribuições anteriores foram esquecidas. Isso é arrogância.

Ele poderia acompanhá-los, conforme fora ordenado, mas tentar tirar proveito da situação em benefício próprio. Isso também é arrogância. Afinal, Daniel os tinha em suas mãos. Se eles quisessem muito o seu conselho, e se ninguém mais pudera fornecer as respostas que procuravam, nada mais justo do que recompensá-lo com o que ele quisesse.

Ou, deixando a arrogância de lado, ele poderia ser simplesmente Daniel, e vir quando fosse convocado, confiando que Deus estava atuando naquela situação. E essa, claro, foi a escolha de Daniel.

Ah, a singeleza da humildade! Quando aceitamos que o céu reina, apenas seguimos para onde Deus nos guiar. Mas não de má vontade. Não de forma oportunista. Não petulantemente ou por medo. Seguimos, pura e simplesmente, por livre e espontânea vontade.

Humildemente.

É uma coisa linda de se ver.

“Daniel foi conduzido à presença do rei”, como nos dizem as Escrituras. E Belsazar, tendo se recomposto e agora se parecendo mais com seu eu habitual, disse-lhe: “Você é Daniel, um dos exilados de Judá que meu antecessor, o rei, trouxe de lá?” (5.13).

“Um dos exilados de Judá”. Perceba, nesta referência racial, uma nota de esnobismo, um sorrisinho de escárnio. E essa atitude fez com que a arrogância fosse captada pelo radar de Daniel: a arrogância cegante das emoções exaltadas, da desforra gratuita e de quem quer deixar registrada a repulsa.

Em vez de replicar, Daniel manteve a mente limpa e o espírito vigilante, enquanto Belsazar se lançava em um monólogo recheado de lisonja e suborno em iguais proporções: seu modo de agir como rei, a maneira como normalmente fazia as coisas em seu reino. “Se você puder ler esta inscrição e me dar sua interpretação”, disse ele, “será vestido de púrpura, terá uma corrente de ouro no pescoço e a terceira posição mais alta no reino” (5.16).

A pressão era grande. Ou não?

Não quando a humildade se faz presente. Pois a humildade de Daniel, sua compreensão clara de quem ele era e do que o seu Deus poderia fazer, permitiu que ele sentisse uma confiança serena.

Veja bem, a humildade é a forma de nos apropriarmos, em tempo real, de todas as bênçãos e benefícios de que o céu reina. É a porta que Deus usa para nos cobrir completamente, e de forma que vai muito além da nossa compreensão, com as dádivas de seu consolo e de sua coragem.

Acho que, em parte, é disso que Jesus estava falando quando alertou seus seguidores do primeiro século sobre eventos que um dia se tornariam comuns em suas experiências: “Sereis levados perante reis e governantes por causa do meu nome”, disse-lhes Jesus (Lc 21.12). Eles se veriam em lugares nos quais uma pessoa que anseia por controle se sentiria perdida, lugares nos quais aqueles cuja arrogância se alimenta de aprovação iriam querer dizer o que quer que fosse que os fizesse parecer bem. Mas “decidam em seus corações não preparar a sua defesa antecipadamente”, Jesus instruiu a eles — e a nós — “pois darei a vocês palavras e sabedoria às quais nenhum dos seus adversários será capaz de resistir ou contradizer” (v. 14-15).

A humildade é a forma de nos apropriarmos, em tempo real, de todas as bênçãos e benefícios de que o céu reina. É a porta que Deus usa para nos cobrir completamente, e de forma que vai muito além da nossa compreensão, com as dádivas de seu consolo e de sua coragem.

O que Jesus estava descrevendo é um momento em que o “céu reina”, bem como um momento de humildade: em que não pensamos que somos melhores nem piores do que ninguém, mas simplesmente não pensando em nós mesmos, mas apenas em como Deus governa sobre nós e sobre cada situação que encontramos. Quão libertadora e encorajadora é essa perpétua caminhada de fé pautada na convicção CR, o céu reina.

Isso é o que vemos em Daniel. E podemos esperar ver o mesmo em nós quando matamos a arrogância que procura nos manter no trono e atamos nosso coração e nossa mente à convicção de que o céu reina.

Ouçá isso, nesta resposta de Daniel ao rei Belsazar: “Você pode ficar com seus presentes e dar suas recompensas a outra pessoa”. Não estou aqui por dinheiro nem para engrandecer o meu nome. “No entanto, lerei a inscrição para o rei e lhe farei saber a interpretação” (5.17).

Daniel era capaz de servir a seu rei aqui na Terra sem motivações arrogantes

porque servia a seu Rei celestial com coração humilde. O que Belsazar poderia dar a ele que Daniel precisasse ou ainda não possuísse? Não se pode ter posição melhor do que ser servo do Deus Altíssimo. Então, o que Daniel tinha a perder por ser destemidamente leal ao governante celestial, neste momento desafiador? Ele era livre para falar a verdade aos poderosos, sem ansiar vantagens pessoais ou temer recriminação pública.

Completamente humilde... porque o céu reina.

Mas e quanto ao arrogante rei da Babilônia? Leia o que foi escrito na parede (ou, melhor, a interpretação que Daniel faz dela):

- “Deus contou os dias do seu reino e pôs fim nele” (5.26);
- “Você foi pesado na balança e considerado insatisfatório” (5.27);
- “O seu reino foi dividido e entregue aos medos e aos persas” (5.28).

Por que tudo isso estava acontecendo? Porque “você [...] Belsazar, não humilhou o seu coração”, mas, em vez disso, “exaltou-se contra o Senhor do céu”.

Os cálices da casa [de Deus] foram trazidos a você, e enquanto você e seus nobres, suas esposas e concubinas bebiam vinho neles, vocês louvavam deuses feitos de prata e de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não veem, não ouvem nem compreendem. Mas você não glorificou o Deus em cujas mãos está o seu fôlego de vida e que controla todo o curso da sua vida [o céu reina!]. Portanto, Deus enviou a mão, e este escrito foi traçado (5.23-24).

Humildade e orgulho: luz e trevas; vida e morte. É por isso que devemos escolher ser governados não por nós mesmos — nunca por nós mesmos —, mas por aquele “em cujas mãos está o [nosso] fôlego de vida”, aquele sem o qual não poderíamos sobreviver os próximos cinco segundos.

Esta é uma verdade que mata a arrogância daqueles que realmente querem viver.

Uma verdade que leva à humildade todos aqueles que realmente querem aprender.

E uma verdade vivificante para todos aqueles que de fato querem ser livres.

Mas e se fizermos a escolha errada? Já vimos que a arrogância pode nos cegar para a verdade. Então, o que acontece quando finalmente abrimos os olhos e percebemos que deixamos nossa arrogância nos manter cativos e nos levar à destruição?

Por causa da misericórdia de Deus, o arrependimento ainda é uma escolha que podemos fazer.

Um estudo sobre misericórdia

Isso é para que os que vivem saibam

que o Altíssimo governa

os reinos humanos (Dn 4.17).

Essas foram as palavras que o anjo disse ao arrogante rei Nabucodonosor em seu segundo sonho, aquele que Daniel interpretou como uma previsão da humilhante queda do rei. Como vimos, o sonho se tornou realidade e o rei foi realmente tirado do poder. Mas, como resultado, Nabucodonosor por fim reconheceu que o céu reina.

Se Nabucodonosor foi sincero em seu reconhecimento, ele terminou exatamente onde Deus deseja que todos nós estejamos: alinhados com a verdade do governo divino; confiando em seus caminhos e em sua sabedoria; caminhando com ousadia e confiança para onde quer que ele nos envie; consolados e encorajados, pois somos sustentados por sua mão que nos guia.

Nisso está nossa segurança. Nisso está nossa utilidade. Nisso está nossa oportunidade de seguir a vontade de Deus, de encontrar contentamento e de nos libertar do sentimento de que temos de carregar o peso do mundo, de confiar que nosso bom e generoso Pai é o responsável por todas aquelas coisas pelas quais erroneamente pensamos que nós éramos responsáveis.

Isso é viver. Isso é bênção. Isso é graça.

Então, você vai seguir em frente com Deus ao seu lado? Você entrará nessa jornada com ele? Melhor ainda, se a arrogância tem obscurecido a sua confiança e sua disposição de acreditar na bondade de Deus e de ir para onde ele quer que você o acompanhe, você abrirá os olhos e enxergará?

Há misericórdia para isso: a misericórdia de Deus; o poder do arrependimento; a promessa de mudança.

Sim, é humilhante — no bom sentido, de uma forma que organiza, que nos deixa dez quilos mais leve. Ainda assim, a humildade também é uma escolha difícil para nós, seres humanos, e Deus sabe disso. Ele nos criou e nos entende, e sabe com que firmeza nos agarramos às coisas que buscamos por segurança. Deus conhece nossa relutância em desapegar, e sabe como é difícil para nós confiarmos nele para governar este mundo. E Deus sabe que geralmente construímos essas fortalezas de arrogância ao nosso redor a fim de mascararmos nossos medos e inseguranças secretos.

Deus, portanto, é paciente e quer transformar essas lutas em um processo. Se o lugar para onde estamos indo é a humildade, ele reservará um tempo para caminhar conosco. E até nos colocará nas condições certas para nos guiar até lá, para termos a mente certa, para termos uma visão correta de nós mesmos — de acordo com a realidade; em paz.

Deus foi até mesmo misericordioso com Belsazar. Eu sei que sua morte pode parecer repentina e abrupta, e de certa forma foi mesmo. Mas se ouvirmos atentamente a mensagem que Deus lhe deu através de Daniel, vemos misericórdia divina. Vemos paciência. Vemos que Belsazar teve múltiplas oportunidades de aprender a ser humilde. Ele escolheu, no entanto, ignorá-las.

Surpreendentemente, todas essas oportunidades surgiram através do exemplo improvável do antecessor de Belsazar, o rei Nabucodonosor.

Lembra-se de como Nabucodonosor era? Lembra-se de sua ordem para executar todos os seus conselheiros? Lembra-se de sua ordem, mais tarde, para executar Sadraque, Mesaque e Abednego? Lembra-se de sua ordem para aquecer a fornalha sete vezes mais do que o normal, tornando impossível para alguém sobreviver a um comando tão feroz de um governante tão poderoso?

Belsazar, sem dúvida, lembrava-se das histórias sobre a notória arrogância de Nabucodonosor ou já as tinha ouvido. Caso tivesse esquecido, Daniel refrescou-lhe a memória:

Por causa da grandeza que [Deus] lhe deu [a Nabucodonosor], todos os povos, nações e línguas ficavam aterrorizados e com medo dele. Ele matava e mantinha vivo a quem queria; ele exaltava e humilhava a quem queria (Dn 5.19).

Não é verdade, Belsazar? Lembra-se? Não é assim que você se lembra dele?

Certamente o rei se lembrava de ter ouvido a história do sonho de Nabucodonosor — da grande árvore cortada, da qual restara apenas o toco. Não foi isso que aconteceu, Belsazar? Lembra-se?

O Senhor (novamente em sua misericórdia, mais uma vez em sua paciência) concedeu tempo para que Nabucodonosor mudasse, para que reorientasse seu coração e sua vida em torno da convicção de que o céu reina. Na verdade, depois de ter revelado a interpretação daquele sonho, Deus esperou um ano inteiro antes de aplicar sua disciplina a esse rei arrogante. Somente doze meses depois, quando Nabucodonosor estava apreciando a vista da cidade da cobertura de seu palácio, perdido em pensamentos grandiosos sobre si mesmo e seus êxitos, foi que Deus agiu para humilhá-lo.

Lembra-se do que Nabucodonosor disse? Você ouviu a arrogante mensagem “egocêntrica” em suas palavras?

Não é esta a grande Babilônia que eu construí para morada real, com meu vasto poder e para minha glória majestosa? (4.30).

Lembra-se, Belsazar?

Quando o coração [de Nabucodonosor] se exaltou e seu espírito se tornou arrogante, ele foi deposto do seu trono real, e sua glória lhe foi tirada. Ele foi afastado das pessoas, sua mente era como a de um animal; ele vivia com os jumentos selvagens, era alimentado com grama como gado e seu corpo foi encharcado com o orvalho do céu até... (5.20-21).

Até o quê, Belsazar?

... até que reconheceu que o Deus Altíssimo governa os reinos dos homens e coloca sobre eles a quem quer (5.21).

Não é verdade, Belsazar? Você se lembra? Nabucodonosor, embora soubesse de tudo isso (5.22), não se humilhou.

A história de Nabucodonosor era para ser de misericórdia, um conto de advertência para alertar aqueles que ocupariam o trono em anos futuros. É por isso que a queda de Belsazar, que se completou antes de o dia terminar — “Naquela mesma noite [ele] foi morto” (5.30) — não foi um julgamento cruel e desalmado, mas uma consequência da misericórdia que ele recusara.

E, então, aqui estamos nós hoje: em algum ponto do processo de nos humilharmos diante do governo e do governante do céu, ou, então, resistindo a Deus, afastando-nos dele, com medo de abandonar nossa tão estimada arrogância.

O caminho nos foi mostrado. Recebemos as promessas. Fomos expostos a uma infinidade de exemplos de pessoas que foram abatidas por causa de sua arrogância. Como diz Salmos 91.7, vimos cair “mil ao [nosso] lado”, talvez até

“dez mil à [nossa] direita”, e cada um deles enganado pelo mesmo padrão pecaminoso de adorar a si mesmo, exaltando seus próprios desejos, recusando-se arrogantemente a viver sob o domínio de qualquer outra pessoa.

Mas

Aquele que vive sob a proteção do Altíssimo descansa à sombra do Todo-Poderoso (Sl 91.1).

E ele, o Deus Altíssimo, em sua misericórdia, está nos chamando para vivermos à sua sombra, humilhados sob sua glória, mas exaltados em verdadeira grandeza por nossa união com ele.

Será que Nabucodonosor realmente chegou a um estado de genuína mudança e arrependimento? Não sabemos com certeza. A última vez que ouvimos falar dele, ele estava pelo menos dizendo as coisas certas, honrando o Altíssimo e vendo a si mesmo de uma perspectiva mais verossímil:

Todos os habitantes da terra são considerados nada, e ele faz o que quer com o exército do céu e os habitantes da terra. Não há ninguém que possa deter a sua mão nem lhe dizer: “Que fazes?” [...] Agora eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdadeiras e os seus caminhos, justos. Ele é capaz de humilhar aqueles que vivem com arrogância (Dn 4.35,37).

Sim, acredite ou não, é o rei Nabucodonosor que está falando. E talvez tenha sido assim que Nabucodonosor realmente viveu os últimos anos de sua vida. Espero que sim. Sabemos que o Senhor lhe restaurou o seu reino, dando-lhe “ainda mais grandeza” do que ele tinha anteriormente (4.36). E sabemos que Deus que lhe concedeu misericórdia e tempo para se arrepender, assim como concede pacientemente tempo e misericórdia a nós: não para nos derrubar, mas para nos exaltar.

Quem exaltar a si mesmo será humilhado, e quem a si mesmo se humilhar será exaltado (Mt 23.12).

Humilhem-se, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele os exalte no tempo devido (1Pe 5.6).

E se não fizermos isso? E se não nos humilharmos sob a mão de Deus? E se nos apegarmos aos nossos pensamentos e atitudes arrogantes? A última frase do discurso de Nabucodonosor, depois de abandonar sua arrogância e ser restaurado de seus anos de insanidade, nunca deixa de falar ao meu coração:

Ele é capaz de humilhar aqueles que vivem com arrogância (Dn 4.37).

Coisa terrível é resistir à verdade de que o céu reina. Aqueles que resistem podem até aparentar estarem vencendo — por um tempo. Mas, no fim, bem, é o céu que ainda reina.

Deus é capaz de nos humilhar. E o fará, se nos recusarmos a nos humilhar.

Você e eu precisamos deste lembrete. Precisamos dele para quando nós mesmos andarmos com impenitente arrogância nos iludindo. Deus é capaz de nos humilhar. E o fará, se nos recusarmos a nos humilhar.

Também precisamos desse lembrete quando vemos outras pessoas andando com

impenitente arrogância — sejam elas líderes, influenciadores ou celebridades que vemos nos noticiários ou pessoas com quem convivemos e trabalhamos todos os dias. Deus também é capaz de humilhá-las: e o fará, se elas se recusarem a se humilhar.

Mas devemos ter em mente que humilhar os outros é trabalho de Deus, e não nosso. Pois nossa própria arrogância pode fazer com que acentuemos o mal nos outros, ao mesmo tempo que ficamos cegos para o mal em nosso próprio coração.

Serei honesta: há um Nabucodonosor em meu coração. E provavelmente há um Nabucodonosor em seu também. Um arrogante Nabucodonosor.

“Meu poder.”

“Minha glória.”

“Meu caminho.”

“Minhas decisões.”

“Minhas ideias.”

“Meu controle.”

“Meu trabalho árduo.”

“Minhas opiniões.”

Quão grata sou porque há misericórdia para nos ajudar a deixar essas coisas de lado, a olhar para cima e ver o tipo de vida que podemos ter se escolhermos a saudável humildade em vez da doença da arrogância. Quão grata sou porque há misericórdia para nos ajudar a renunciar ao nosso impulso de governar nossa própria vida (e a vida das pessoas) e a abraçar humildemente o governo do céu.

¹C. S. Lewis, *Mere Christianity*, ed. rev. e amp. (New York: HarperOne, 2015), p. 227 [publicado em português por Thomas Nelson Brasil sob o título *Cristianismo puro e simples*].

6

Olhe para cima!

Deus conhece seu plano, e mesmo quando o revela a nós, Ele espera que oremos sobre isso.¹

— *Dr. Davi Jeremias*

Como um sargento aposentado do Corpo de Fuzileiros Navais, tendo servido em combate durante a Operação Tempestade no Deserto, Joe Kennedy tinha muito a oferecer ao time de futebol americano da escola quando foi contratado como treinador em 2008: disciplina, resistência, devoção ao dever e perseverança. Ele ainda está ensinando essas coisas hoje.

No entanto, não mais como treinador de futebol.

Isso porque, antes mesmo de colocar um apito no pescoço, Joe assumiu um compromisso. Inspirado por um filme cristão, ao qual assistiu antes de sua primeira temporada à beira do campo (Desafiando gigantes, dos cineastas cristãos Alex e Stephen Kendrick), ele prometeu a Deus que, depois de cada jogo, qualquer que fosse o resultado, expressaria gratidão ao Senhor fazendo uma oração antes de deixar o campo. Esse seria o seu singelo testemunho daquilo que mais importa para ele, daquilo que mais importa na vida. Um simples reconhecimento de que a oportunidade de treinar jovens atletas era uma bênção que lhe fora dada pelo Deus do céu, aquele de quem fluem todas as bênçãos.

Ao longo de sete temporadas, ao final de cada competição, o treinador Kennedy caminhava sozinho até a linha das cinquenta jardas, apoiava-se em um joelho e, durante não mais do que quinze segundos, inclinava a cabeça em uma simples oração.

Com o passar dos anos, um pequeno grupo de seus jogadores — e muitas vezes também vários jogadores do time adversário — se juntavam voluntariamente a

Joe naquele breve momento. Na verdade, um elogio feito a ele pelo administrador de outra escola foi o que primeiro chamou a atenção da administração de sua própria escola para o discreto ritual de oração do treinador Kennedy após os jogos. Eles o alertaram a parar ou modificar essa prática, dizendo que violava os regulamentos sobre a relação entre igreja e Estado. Recusando-se a obedecer, ele acabou recebendo um ultimato. Ou Joe Kennedy orava onde ninguém pudesse vê-lo, ou então teria de procurar outro emprego.

Na noite de sexta-feira seguinte, após o término do jogo, o treinador Kennedy fez sua costumeira caminhada até o centro do campo de jogo e fez sua oração habitual. Na noite da sexta-feira seguinte, Joe foi dispensado de suas funções de treinador.

O livro de Daniel, portanto, continua vivo. Histórias semelhantes ainda podem acontecer. O veredito pode ser proferido e os leões podem esperar. Mas não importa quantos conselhos escolares, quantos juízes e quantos tribunais de apelação continuem a tomar suas decisões infames, há um Governante no céu que supera todos eles. E que supera todos nós.

O Deus de Daniel ainda reina.

E o povo de Deus ainda ora.

Oração incessante

Se a oração é uma luta para você, assim como é para mim, provavelmente já se perguntou: Por que orar com consistência é um esforço tão grande? Por que minhas orações são tão mornas e forçadas? Por que raramente sinto que são eficazes? Por que há tão pouca paixão e poder por trás delas, diferentemente de como, muitas vezes, a oração de outras pessoas parece ser?

Não existe um botãozinho secreto que transforma nosso hábito de orações irregulares em uma vida de orações incessantes. Mas aqui está o que descobri e ainda estou descobrindo, enquanto me esforço para manter meu foco no governo do céu, à medida que ele atravessa o meu dia. Se lá no fundo eu acreditar que pessoas e forças deste mundo governam — sejam elas governos, pessoas que

fazem críticas, tomadores de decisão, tendências sociais —, se eu achar que são elas que têm maior peso e influência sobre minha vida e meu mundo, gastarei a maior parte das minhas reflexões e da minha energia pensando em como mudar mentalidades, como revidar, como defender as minhas ações, e em como fazer com que as pessoas gostem de mim. Vou querer impressionar aqueles que podem fazer algo por mim. Eu me inclinarei a me preocupar com aqueles que estão chateados comigo. Vou querer fugir de situações complexas, confusas e complicadas. Terei vontade apenas fazer palavras cruzadas ou assistir a Netflix ou algo assim, qualquer coisa que alivie a angústia que sinto em minha alma.

Mas se eu realmente acredito que o céu reina...

Ajude-me a terminar essa frase. Escreva este parágrafo comigo. Adapte-o às especificidades da sua vida e à sua própria sensação de ser bombardeado por pessoas que, talvez neste exato momento, estejam fazendo exigências a você (sejam elas justas ou injustas), ou aproveitando-se de sua gentileza e de sua generosidade, ou insistindo para que você concorde com a versão delas sobre a realidade, ou decidindo se lhe concederão uma bolsa de estudos ou aceitarão a oferta que você fez para comprar a casa delas. Se essas pessoas governarem, é melhor você investir cada partícula de si mesmo a fim de trazê-las para o seu lado ou no intuito de tirá-las do seu pé, qualquer que seja o resultado que se aplique a qualquer delas.

Mas porque o céu reina, a resposta sempre adequada é orar: conversar com aquele que reina. E pedir a ele o que você acredita ser certo e receber dele o que ele sabe que é o melhor. E colocar sua vida nas mãos desse rei e confiar que você não poderia estar em lugar mais seguro e nem encontrar provisão mais confiável. Na oração podemos ter certeza de que fomos ouvidos e podemos experimentar a calma e a coragem que nos sustentam e nos firmam, quando todas as outras soluções nada fizeram além de nos exaurir.

Sim, quando entendemos que o céu reina, até a nossa vida de oração muda.

Ou, como no caso de Daniel, se recusa a mudar.

Sua Bíblia está aberta? Neste capítulo, veremos três cenas da vida de oração de Daniel. Para estabelecer as bases, leia Daniel 2.17-19; 6.1-10 e 9.1-23. Como você descreveria as orações de Daniel? Que conexão você vê nessas passagens

entre a convicção de que o céu reina e as orações do povo de Deus?

O hábito de orar

A morte repentina de Belsazar não significava apenas que haveria um novo rei no trono, mas também toda uma nova estrutura de poder. Não foi apenas Belsazar que caiu; a Babilônia toda caiu. O sonho de Nabucodonosor sobre a estátua feita de várias partes, sendo ele próprio e o seu império a “cabeça de ouro” que seria dominada pela “prata”, pela ascensão de outro corpo geopolítico, estava desenrolando-se em tempo real no cenário mundial. Na “mesma noite em que Belsazar, rei dos babilônios, foi morto”, diz a Bíblia, “Dario, o medo, recebeu o reino com a idade de sessenta e dois anos” (Dn 5.30-31).

Novo xerife na cidade. Um novo poderoso no topo.

Você pode imaginar sobre o que as pessoas estavam falando nas ruas, o que se passava na cabeça da maioria delas e ocupava o lugar central na maior parte de suas conversas. Não é diferente do que acontece hoje quando uma nova administração assume o governo da cidade em que moramos ou quando a empresa para a qual trabalhamos é comprada e uma nova equipe de gestores é contratada. Todos se perguntam como será esta nova fase, que mudanças o novo regime fará e como as mudanças afetarão cada um pessoalmente.

No entanto, não parece ser esse o rumo que o pensamento de Daniel estava tomando. Enquanto a atenção de todos estava voltada para o novo rei, Dario, os olhos de Daniel estavam fixos no Rei que governava lá do céu. Isso é o que mais importava para ele.

Não estou dizendo que Daniel não estava interessado no que acontecia ou em acompanhar para qual direção os ventos imperiais estavam soprando. Ele certamente estava ciente de que Dario, o medo, assim como os reis da Babilônia antes dele, assumia uma postura intimidadora — definitivamente a postura de um líder “grande e no comando”. Segundo o costume medo-persa, o rei era infalível. Seus decretos reais não poderiam ser revogados por nenhum ato ou movimentação do povo, nem mesmo pelo próprio rei. Portanto, cabia a todos ficarem atentos às suas declarações e ações, para acompanhar de perto as

novidades diárias do noticiário persa.

Mas o principal método de Daniel para acompanhar o que realmente fazia diferença no mundo era uma prática sobre a qual o mundo pouco sabe, e entende ainda menos. Três vezes por dia, segundo nos é dito, pontualmente como um relógio, ele ia para casa (se já não estivesse lá), subia até um quarto que ficava no andar de cima, cujas janelas se voltavam para o sul em direção a Jerusalém, ajoelhava-se e orava.

Ora, ninguém consegue manter essa prática por toda a vida, como Daniel manteve, ou sequer por uma semana, um mês ou um ano, a menos que esteja convencido de que o céu reina. E você não consegue orar assim se não acreditar que o governo do céu é o que verdadeiramente determina o que acontece com você e como isso afeta a sua vida aqui na Terra e, o que é mais importante, na eternidade. Você pode dar testemunhos o quanto quiser, mas é a sua vida de oração que revelará em que você realmente acredita.

A sua vida de oração que revelará em que você realmente acredita.

E a vida de oração de Daniel revelava exatamente em que ele acreditava. Estamos vendo isso o tempo todo. Pense naquelas horas de tensão, em Daniel 2, depois de ter sido enviada a intimação que ordenava a execução em massa de todos os homens responsáveis por dar conselhos a Nabucodonosor. O rei teve um sonho angustiante; ele não conseguia se lembrar do sonho. Então, exigiu que sua equipe de bajuladores se lembrasse do sonho para ele. E quando eles não conseguiram se lembrar — afinal, quem conseguiria? — Daniel se viu em apuros, mesmo sem ter culpa na história.

Claramente era esse o momento de agir. Para a maioria das pessoas, essa seria a hora da insurreição: de tentar uma resistência armada ou simplesmente fugir para as montanhas. Em vez disso, Daniel correu até aqueles seus três amigos íntimos — Hananias, Misael e Azarias, mais conhecidos por seus nomes babilônicos, Sadraque, Mesaque e Abednego — “exortando-os a pedir misericórdia ao Deus

dos céus em relação a este mistério” do sonho do rei, para que eles “não fossem destruídos com o resto dos sábios da Babilônia” (Dn 2.18).

Eles oraram e clamaram. E quando Deus respondeu, quando revelou o “mistério” a Daniel, o que este servo fez? O que você e eu teríamos feito? Imagino que, sabendo que o tempo era essencial, sabendo que nosso pescoço estava em risco, provavelmente teríamos corrido imediatamente até o rei e contado a ele tudo o que o Senhor acabara de nos dizer. Mas Daniel, em vez disso, parou para louvar “o Deus do céu” (2.19). Não foi apenas um rápido agradecimento. Nem uma piscadela e um aceno de cabeça, quando já se encaminhava para a porta. Ele permaneceu lá, em um louvor prolongado — por quatro versículos enriquecedores em nossa Bíblia. E somente depois de orar e louvar foi que ele procurou o homem que fora incumbido da execução e solicitou um encontro com o rei.

Esse é o retrato que recebemos, nas Escrituras, do hábito de oração de Daniel, no tempo em que era mais jovem. Isso explica muito como ele desenvolveu seu espírito de sabedoria, o discernimento que possuía sobre assuntos que confundiam quase todo mundo. Também explica muito como Daniel conseguia evitar o pânico quando estava sob pressão, e como permanecia cortês e humilde em suas reações e comportamento, mesmo aos setenta ou oitenta anos.

Na escola da oração

Sabemos que Deus se move em resposta às orações, à humildade e ao arrependimento do seu povo, a fim de cumprir seus propósitos divinos em nosso mundo. Acreditamos que nossas orações são importantes. Mas como podemos aprender a orar de forma mais eficaz?

Uma maneira é ouvir outras pessoas orando: pessoas que não fazem apenas orações casuais ou apressadas, pessoas como Daniel, que abrem o coração ao Deus do céu porque o conhecem, o amam e têm a convicção de que ele reina.

De fato, Daniel tem muito a nos ensinar sobre oração. O capítulo 9 do livro de Daniel registra uma das orações mais longas e sinceras das Escrituras, oferecida por ele bem no início da tomada do poder pelos medo-persas. (Para captar o

máximo do seu impacto, acompanhe em sua Bíblia enquanto analisamos este comovedor exemplo de oração intercessória.)

Quando Dario chegou ao poder, Daniel tinha vivido toda a sua longa vida em um lugar que não teria escolhido se tivesse opção, lidando com problemas terríveis, respondendo a governantes terríveis, manobrando entre políticas públicas horríveis e testemunhando perseguições horrendas contra seus amigos e seu povo. Mas “no primeiro ano de Dario” (Dn 9.1), em vez de desistir, em vez de se aposentar, em vez de se mostrar demasiado cínico e cansado para tentar ajustar-se a mais outra mudança, Daniel manteve-se focado naquelas coisas que nunca mudam.

E como Daniel se manteve focado? Para começar, ele foi às Escrituras. Amo essa atitude.

No primeiro ano do seu reinado [de Dario], eu, Daniel, entendi pelos livros, de acordo com a palavra do Senhor ao profeta Jeremias, que o número de anos para a desolação de Jerusalém seria setenta (9.2).

Refleta sobre isso.

Enquanto a atenção de todos estava voltada para a nova administração, os olhos de Daniel estavam fixos no Deus Altíssimo e no seu reino. Ele estava ansioso para saber o que Deus tinha a dizer sobre os dias em que vivia.

Mas como Daniel poderia saber disso? Da mesma forma que nós podemos. Muitos de nós obtemos conhecimento do que está acontecendo no mundo ouvindo amigos, assistindo a notícias na TV a cabo ou lendo postagens nas redes sociais. Mas Daniel obtinha suas informações e perspectiva olhando para o alto, meditando na Palavra de Deus.

Pense no fato de que Daniel, o nosso Daniel, podia ler os mesmos escritos de Jeremias que em nossa Bíblia hoje, na qual nossos próprios olhos, as pontas dos nossos dedos e nossas canetas marca texto também têm repousado. Sinta essa conexão entre o povo de Deus ao longo dos milênios. Comece a sentir, mesmo que desta forma relativamente pequena, a eternidade em que nosso Deus existe,

e a qual criou para desfrutarmos com ele. Sente-se com Daniel na mesma sala, por um momento, enquanto ele lê passagens que hoje conhecemos pelos números dos capítulos, passagens como Jeremias 25 e 29, à medida que ele começa a perceber a verdade de que o povo escolhido de Deus não foi esquecido, mas está vivendo dentro do cumprimento dessas profecias.

A passagem que Daniel leu em Jeremias fala de como o cativo dos judeus — a sua remoção de Jerusalém — duraria setenta anos. Pelos cálculos de Daniel, esse período de setenta anos estava chegando ao fim. O Deus que orquestrou o exílio deles, de acordo com sua Palavra, estava prestes a orquestrar o seu retorno — mais uma vez, de acordo com a sua Palavra.

E qual foi a resposta de Daniel? Ele orou. Sua primeira reação quando Deus lhe revela essa verdade, quando seus olhos foram abertos para enxergar a perspectiva do céu sobre esses eventos correntes, foi orar.

Voltei minha atenção para o Senhor Deus, para buscá-lo com orações e petições, com jejum, pano de saco e cinzas (Dn 9.3).

A oração requer que estejamos dispostos a desviar a nossa atenção de quaisquer preocupações que possam estar nos pressionando, a deixar de lado distrações desnecessárias e voltar o nosso foco para o Senhor.

A oração requer que estejamos dispostos a desviar a nossa atenção de quaisquer preocupações que possam estar nos pressionando, a deixar de lado distrações desnecessárias e voltar o nosso foco para o Senhor.

Observe também que Daniel não ficou passivamente sentado, esperando que Deus cumprisse sua Palavra. (Os exilados judeus de fato retornariam à sua terra natal poucos anos depois.) Inspirado pelas promessas de Deus, Daniel

ativamente humilhou-se e orou.

Ele começou com adoração. “Ah, Senhor, Deus grande e temível, que guardas tua graciosa aliança para com aqueles que te amam e guardam teus mandamentos” (9.4). O foco de Daniel estava em Deus. Ele exaltou o caráter do Deus que guarda a aliança. A pessoa que louva primeiro, antes de qualquer outra coisa, dimensiona corretamente suas perspectivas ao avaliá-las corretamente no que concerne à natureza e ao caráter, à majestade e à fidelidade de Deus.

A adoração de Daniel o levou à confissão. Quando contemplamos a grandeza e a graça de Deus, nós nos vemos com mais clareza. A adoração de Daniel o levou a orar: “Nós pecamos” (9.5). Aí está o coração de Daniel. Observe que ele não fez menção aos pecados dos babilônios, aos pecados dos medos, aos pecados dos persas. E, acredite, essas pessoas tinham muitos pecados sobre os quais ele poderia ter falado. Mas isso não importa quando você tem um coração humilde e está orando pela perspectiva do céu.

Assim, Daniel fez uma confissão em nome do seu povo, o povo de Deus: “Não buscamos o favor do Senhor nosso Deus para abandonar nossas iniquidades nem prestamos atenção à tua verdade” (9.13). Para começo de conversa, foi em razão do pecado que o povo de Deus entrou nessa confusão toda. Somente quando admitissem esse pecado, aprendessem com isso e se arrependessem, eles se alinhariam com o Deus que lhes prometera libertação.

Depois de confessar, Daniel implorou a Deus que mostrasse misericórdia. Deus já havia feito isso antes, libertando seu povo do Egito, tirando-o de lá “com mão forte”, tornando seu nome “reconhecido como é hoje” (9.15). Ele faria isso de novo? Valia a pena orar por isso. (Afinal, havia aquela promessa sobre a qual Daniel lera no livro de Jeremias.)

Senhor, segundo todos os teus atos de justiça, afasta a tua ira e o teu furor da cidade de Jerusalém, do teu santo monte. [...] Faz resplandecer o teu rosto em teu santuário desolado. [...] abre os olhos e olha para nossas desolações e para a cidade que leva o teu nome. [...] Senhor, ouve! Senhor, perdoa! Senhor, ouve e age! Meu Deus, por amor de ti, não demores, porque a tua cidade e o teu povo levam o teu nome (9.16-19).

Daniel sabia que seu povo não merecia a misericórdia de Deus. Longe disso. Então, apelou para que Deus mostrasse misericórdia “por amor de ti”, reconhecendo, na verdade que “Isto não é sobre nós, Senhor, é sobre ti!”

Onde estão, nos dias de hoje, os homens e as mulheres que sabem orar dessa forma? Por que eu mesmo não oro dessa forma, sabendo da condição desesperadora do povo de Deus e das graciosas promessas do Senhor?

Os demais versículos de Daniel 9 (v. 20-27) revelam a resposta do céu à oração de Daniel. “Enquanto eu estava orando, Gabriel [...] me deu esta explicação” (9.21-22).

“Enquanto eu estava orando.” E se Daniel não tivesse orado? E se tivesse apenas lido a profecia de Jeremias e, em seguida, feito outra coisa? Veja, para Daniel a atitude seguinte foi orar. E foi enquanto ele orava que a resposta de Deus veio.

A resposta, trazida pelo anjo Gabriel, foi que Deus tinha ouvido a oração de Daniel. Ele faria o que Daniel havia pedido — mas de acordo com seu próprio cronograma. Enquanto isso, disse o anjo, o povo de Deus não deveria desanimar: eles deveriam perseverar e colocar sua esperança nas promessas de Deus. E o mesmo se aplica a você e a mim. Nós também devemos suportar as dificuldades, agarrando-nos com fé àquele que prometeu que um dia todos os erros serão corrigidos e todas as coisas serão redimidas e feitas novas.

Os dias em que vivemos não são menos complexos do que os de Daniel em sua época. Graças a Deus, podemos recorrer, assim como Daniel fez, à Palavra do Senhor, para aprender o que precisamos saber, o que devemos esperar e como devemos pensar e viver. Que o nosso estudo das Escrituras, assim como o de Daniel, nos leve à oração — à oração sincera e imperiosa. E que as nossas orações, assim como as de Daniel, sejam fundamentadas na Palavra de Deus e por ela alimentadas. Esse processo vai ancorar nossa mente e nosso coração na verdade do evangelho, vai nos encher de esperança e nos dar a mensagem de Deus para que a partilhemos com a nossa geração.

Orações para a cova dos leões

De todas as histórias do livro de Daniel que foram retratadas nas aquarelas das nossas memórias de infância, a história de “Daniel na Cova dos Leões” é quase certamente a mais amada, aquela que provavelmente nos lembramos com mais facilidade. Mas essa não é uma história apenas para os livros infantis de histórias bíblicas, para ser contada e recontada a uma certa distância, com uma certa suspensão da realidade, por sabermos tão bem o final há tantos anos.

A cova dos leões também é uma história para adultos: para nós que já ouvimos muito nas Escrituras sobre como as coisas terminarão, sobre como Deus no final tornará visível seu governo sobre o céu e a terra. Mas aqui, no meio de tudo isso, enquanto esse destino não chega, nesse já-mas-ainda-não, o que devemos fazer? Por quais coisas Deus exigirá que passemos? Tirando o fato de que devemos ser fiéis, vigiar e orar, nós nem sempre sabemos pelo que passaremos.

E aqui está o exemplo de Daniel para nós. Volte comigo para Daniel 6, onde vemos que ele se tornou alvo de uma conspiração invejosa por parte de alguns de seus colegas oficiais do governo. Eles executaram seu plano com tamanha habilidade que a Daniel não restou outro recurso a não ser deixá-los vencer — ou assim parecia.

Seus adversários, incapazes de encontrar qualquer transgressão em Daniel, recorreram a uma estratégia que o forçaria a escolher entre sua lealdade ao seu Deus e sua lealdade ao rei e ao império. Eles foram em grupo até o rei Dario e sugeriram que este, como consolidação adicional de seu poder, “baixasse um decreto segundo o qual, por trinta dias, qualquer um que fizer uma petição a qualquer deus ou a qualquer homem que não seja tu, ó rei, seja lançado na cova dos leões.” (Dn 6.7).

Naturalmente, o rei acatou essa ideia. Ele deu-lhe seu imprimatur, assinando o decreto com o mesmo floreio arrogante que acompanhava cada “lei dos medos e dos persas”, o que significava que essa lei era “irrevogável e [não podia] ser alterada” (6.8).

Porém, como acontece frequentemente com decisões tão precipitadas, a sua decisão teve uma consequência não intencional. Apesar de sua propensão para a arrogância e presunção, Dario gostava e confiava em Daniel, o judeu sábio e confiável. Daniel, por seu “espírito extraordinário”, havia “se destacado” dentre todos os outros que ocupavam posições de liderança no império, e se sobressaiu tanto que “o rei planejava colocá-lo para governar todo o reino” (6.3) como seu

braço direito.

Daniel, portanto, tinha muito a perder ao não cumprir esse novo decreto, o que deliberadamente (por parte de seus inimigos), embora não intencionalmente (por parte do rei), tornou sua prática de orar a Deus uma ofensa capital.

Mas, como vimos no seu encontro com o rei Belsazar, não muito tempo atrás, será que Daniel realmente tinha alguma coisa a perder?

A verdade é mais forte do que o risco. A Palavra fala mais alto do que o estardalhaço. O fim é mais certo do que o presente. E Deus reina sobre tudo.

Se o céu reina, não, não tinha!

É assim que devemos nos condicionar a pensar. A verdade é mais forte do que o risco. A Palavra fala mais alto do que o estardalhaço. O fim é mais certo do que o presente. E Deus reina sobre tudo. Você e eu enfrentamos muitos desafios, muitas distrações, muitos momentos críticos na vida, nos quais a conveniência e o impulso de autopreservação parecem se sobrepor ao que uma velha história do Antigo Testamento diria ser a nossa melhor e única escolha.

Se quisermos continuar nesta dança exaustiva pela aceitação e aprovação das pessoas, se acreditarmos que nossas esperanças estão mais bem firmadas nas promessas que outras pessoas nos fizeram, e se não quisermos fazer nada para perdê-las, então, continuemos a deixar que a Terra nos governe.

Vamos ver como isso vai acabar. Quando chegarmos aos sessenta, setenta ou oitenta anos, olharemos em volta e descobriremos quão pouco adquirimos de qualquer sentido real, pensando que a nossa sobrevivência dependia de apaziguar esses tiranos temporários. E o que é pior, vamos reduzir o testemunho de nossa vida à maneira como dançamos conforme a música, como jogamos o jogo, quando Deus nos deu oportunidades de fazer resplandecer o seu nome sendo diferentes da multidão.

Ou vamos “ousar ser um Daniel”, como diz a canção infantil. Deixemos de ouvir o que a Terra e suas vozes estridentes nos dizem que devemos pensar e acreditar — o modo como devemos viver e atuar, se quisermos ter sucesso neste mundo — e sigamos a caminhada fiel, determinada e inabalável de Daniel para casa, para seu quarto no andar de cima, para aquelas janelas abertas para o céu, para aquelas tábuas do assoalho onde ele dobrava os joelhos em oração.

E oremos como Daniel orava.

Daniel sabia que seu destino estava nas mãos de Deus, não nas mãos do rei... por isso, ele orava.

Ele sabia que seu Deus era (e é) mais poderoso do que qualquer poder terreno... por isso, ele orava.

Daniel sabia que seu Deus era (e é) aquele que ouve e responde às orações... por isso, ele orava.

Daniel sabia que o lugar mais seguro da face da Terra era (e é) na presença de Deus... por isso, ele orava.

A oração é onde a verdade de que o “céu reina” vive e respira.

E supera.

Não, nem sempre parece ser assim. As pessoas que estavam determinadas a apanhar Daniel orando a seu Deus, na privacidade de sua casa, encontraram todas as evidências que procuravam. E se apressaram em denunciá-lo ao rei Dario por cometer uma violação direta do decreto dos trinta dias, cuja tinta ainda secava no arquivo real. E o rei, tolamente obrigado por seu próprio decreto, com relutância levantou a mão e deu a ordem para que Daniel fosse atirado como comida aos leões.

A oração é onde a verdade de que o “céu reina” vive e respira.

Portanto, sim, naquele momento, assim como na maioria dos nossos momentos, não havia nenhuma evidência visível de “superação”. Pelo contrário, as coisas estavam de fato piorando. Não havia saída.

Mas voltemos um pouco e resgatemos alguns dos princípios e das aplicações CR que reunimos ao longo do caminho. Vamos observá-los em ação nesta situação impraticável e ver como podem ser aplicados como estratégias de superação em nossa própria vida.

ESTRATÉGIA CR N.º 1: Não entre em pânico — ore!

O rei Dario estava com os nervos à flor da pele no minuto em que se afastava da cova dos leões; talvez estivesse esfregando o resto da cera deixada em seu anel de sinete, com o qual havia selado a ordem para atirar Daniel lá dentro. Ele não conseguia comer, não conseguia dormir. O que quer que tentasse fazer, não encontrava alívio. Andou de um lado para o outro, vagou sem rumo e revirou-se a noite inteira, olhando para a janela a cada cinco minutos, para ver se o sol nascia, quando, então, poderia justificar uma visita real ao local da execução e descobrir o que havia acontecido com seu improvável amigo hebreu.

No entanto, de forma reveladora, não há nenhum sinal de pânico no homem que estava realmente dentro da cova dos leões, local em que estavam todas as presas e garras. Durante todo o tempo, Daniel permaneceu firme e calmo.

Por quê? A Bíblia não explica o motivo, mas imagino Daniel passando a noite em comunhão com Deus, em oração. Talvez ele tenha orado as palavras do Salmo 22, que provavelmente conhecia bem:

Salva-me da boca do leão. [...] [e]

proclamarei o teu nome a meus irmãos e minhas irmãs;

eu te louvarei no meio da assembleia.

Vocês, que temem ao Senhor, louvem-no! [...]

Pois ele não desprezou nem recusou

o tormento dos oprimidos.

Nem dele escondeu o rosto,

antes, ouviu quando clamaram por ajuda (v. 21-24).

ESTRATÉGIA CR N.º 2: Que sua oração seja um testemunho.

Desde o instante em que Daniel foi atirado à cova dos leões, ele pôde ouvir as palavras abafadas do rei que ecoaram em uma súplica ansiosa: “Que o seu Deus, a quem você continuamente serve, o salve!” (Dn 6.16).

Será que o rei Dario realmente acreditava nisso? Será que ele tinha sequer um fiapo de fé de que o Deus de Daniel poderia libertar uma pessoa trancada com animais selvagens e famintos? Provavelmente não. Mas Dario sabia o que tinha visto em Daniel, que nada mais fizera senão “servir continuamente” a esse Deus. E o rei certamente sabia o que seus olhos lhe diziam sobre um homem tão devotado ao seu Deus que não parava de orar, mesmo que isso significasse a pena de morte.

Na manhã seguinte, quando a primeira luz do dia já havia tingido o céu de rosa o suficiente para que Dario se aventurasse a sair, ele correu desenfreadamente até o local e “chamou angustiado por Daniel: ‘Daniel, servo do Deus vivo [...] o seu Deus, a quem você serve continuamente, conseguiu livrá-lo dos leões?’” (6.20).

Não sei bem como descrever adequadamente a incongruência dessa imagem. Não é possível que Dario acreditasse que ouviria a voz de alguém vivo respondendo à sua pergunta. No entanto, algo que vira naquele “espírito extraordinário” de Daniel despertou neste déspota pagão — cujo poder absoluto não fora capaz de salvar seu amigo dos leões — fé suficiente para fazê-lo acreditar que o Deus de Daniel poderia ser capaz de livrar seu servo daquela situação.

Isso é testemunho, meus amigos. Era isso que a vida de Daniel exalava, de modo que nesse momento de provação mais crítica, em vez de amaldiçoar a adversidade, ele pôde caminhar com uma confiança em Deus que mexeu até

mesmo com a teologia confusa do monarca medo-persa.

E nós também podemos fazer o mesmo. A maneira como você e eu caminhamos por esses vales da sombra da morte pode resultar em níveis iguais de testemunho nos dias de hoje. Acredite!

ESTRATÉGIA CR Nº. 3: Mantenha a perspectiva de que “o céu reina”

A oração nos ajuda a olhar para os acontecimentos da Terra com a perspectiva do céu. Se visto através de lentes terrenas, o destino deste cenário dramático era a eliminação de Daniel, a promoção dos seus acusadores e a continuidade da crueldade por todo o império. Mas o céu tinha outros planos.

Como sabemos, nem toda caminhada fiel em tempos de crise resulta no fechamento da boca dos leões. Por razões que só ele conhece, Deus às vezes permite que os leões prevaleçam. No entanto, de um jeito ou de outro, Deus faz avançar seu reino eterno através da nossa vida terrena uma vez que colocamos nossa confiança nele, e não naquilo que podemos ver e ouvir à nossa volta.

No caso de Daniel, a intervenção do céu foi dramática e visível para todos. Deus não apenas fez com que Daniel atravessasse a noite ileso, mas aqueles que planejaram essa conspiração foram eles próprios atirados na cova dos leões, e receberam um tratamento muito menos complacente. “Eles nem chegaram ao fundo da cova,” diz a Bíblia, “antes mesmo, os leões os dominaram e esmigalharam todos os seus ossos” (6.24).

O rei Dario emitiu, então, um novo decreto, ordenando que todo o seu povo “tremesse em temor diante do Deus de Daniel”.

Pois ele é o Deus vivo,

e ele permanece para sempre;

seu reino nunca será destruído,

e seu domínio não tem fim.

Ele resgata e liberta;
realiza sinais e maravilhas
nos céus e na terra,
pois ele resgatou Daniel
do poder dos leões (6.26-27).

Não era isso que a Terra esperava, mas a Terra não reina.

O céu reina.

Essa é a perspectiva a partir da qual vivemos, trabalhamos, reagimos e oramos.

Oração simples e humilde

George Müller, que durante mais de cinquenta anos dirigiu uma rede de orfanatos na Inglaterra, nos anos 1800, ficou famoso por nunca pedir uma única doação sequer: ele orava e confiava inteiramente em Deus para prover as necessidades dessa obra. George acreditava que o céu reina, mesmo quando todos os demais sentidos diziam o contrário.

Uma história frequentemente contada sobre a vida e a fé de Müller relata que ele estava a bordo de um navio com destino à América, quando uma forte neblina desceu sobre o mar aberto.² O capitão ficou acordado por um turno de quase 24 horas, diminuindo severamente a velocidade do navio, sem perspectiva de fim para as condições nebulosas que tinha diante de si.

A certa altura, uma batida em seu ombro alertou o capitão da presença de um passageiro na sala de direção. “Capitão, vim lhe dizer que preciso estar em Quebec no sábado à tarde.”

Isso não iria acontecer, garantiu o capitão ao homem preocupado. Será que o

homem não conseguia ver o que eles estavam enfrentando? De jeito nenhum a tripulação seria capaz de navegar com segurança por aquela espessa neblina a tempo de cumprir o cronograma original.

“Pois bem, se o seu navio não pode me levar, Deus encontrará outros meios. Nunca deixei de cumprir um compromisso em cinquenta e sete anos.”

O capitão, retomando sua tarefa como quem está encerrando a conversa, disse que sentia muito, mas o que o homem esperava que ele fizesse?

“Vamos descer à sala de mapas e orar”, respondeu George Müller.

Que absurdo! O capitão, embora se dissesse um cristão praticante, falou que nunca tinha ouvido nada semelhante. “Senhor Müller, não sabe quão denso está o nevoeiro?”

“Não”, disse Müller, “meus olhos não estão voltados para a densidade da neblina, mas para o Deus vivo, que controla todas as circunstâncias da minha vida”. Depois de dizer isso, ele se ajoelhou e orou o que o capitão mais tarde se lembrou como uma das preces mais básicas e infantis que um homem adulto poderia fazer. Tocado pela sinceridade da fé de Müller, mas incapaz de imaginar como qualquer oração proferida com tanta simplicidade poderia despertar o Todo-Poderoso, o capitão ficou ali parado por um momento, em silêncio, sem saber ao certo o que pensar daquele homem.

“Capitão”, disse Müller, quebrando o silêncio constrangedor, “conheço meu Senhor há cinquenta e sete anos e nunca houve um único dia sequer em que eu não tenha conseguido uma audiência com o rei. Levante-se, capitão, abra a porta e verá que a neblina desapareceu.”

George Müller compareceu ao seu compromisso no sábado.

Vamos acrescentar, então, uma conclusão final que vale a pena mantermos diante de nós quando pensamos em como se dá essa intersecção entre as orações do povo de Deus e o fato de que o céu reina. Tanto na oração de George Müller quanto na de Daniel vemos humildade. Ambos mantiveram uma noção clara de quem eles eram em relação a Deus. Ambos reconheceram a grandeza e o poder de Deus. Ambos se aproximaram de seu trono com fé simples e humilde.

Nunca confunda oração humilde com falta de ousadia. O que pode não se

destacar em razão do volume e da linguagem altamente sonora, é mais do que compensado por uma confiança inabalável.

Daniel não assumiu para si mesmo glória alguma nem crédito algum pelo milagre que tinha acontecido durante toda aquela noite e na manhã seguinte. “Meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca dos leões” (6.22). “Meu Deus”: o Deus que governa o céu, o Deus que governa os mares, o Deus que governa os lugares mais terríveis, mais sombrios e mais perigosos que podemos imaginar. Talvez você conheça esses lugares muito bem porque, neste momento, você se encontra na sua própria cova dos leões, e não se trata de alguma história infantil tirada de um livro ilustrado.

Mesmo que você esteja nessa cova, agora é hora de orar. Agora é a hora de se ajoelhar e se posicionar em verdade. Agora é hora de rejeitar a sabedoria mundana que diz que a oração é perda de tempo e de fôlego.

Pode ser que, ao olhar à sua volta, você pense que de fato a oração é perda de tempo e fôlego. Mas olhe para cima. Continue olhando. E continue orando.

¹C. C. Carlson, *The handwriting on the wall: secrets from the prophecies of Daniel* (Nashville: W Publishing, 2019), p. 174.

²Esta história foi contada pela primeira vez pelo evangelista britânico Charles Inglis (1848-1936), que a ouviu diretamente do capitão do navio. Veja Charles Inglis, “Mr Müller and the fog”, *Müllers.org*, disponível em: www.mullers.org/find-out-more-1875. Acesso em: 10 fev. 2022.

7

Grito de guerra

Ele é demasiadamente grandioso para que nossa mente finita compreenda,
E, ainda assim, suas misericórdias são demasiadamente grandes para que ele não
ouça nossos gritos de socorro.¹

— *Pastor Bobby Scott*

Minha amiga Colleen Chao é uma guerreira. Ela mal tinha completado os quarenta anos quando seus médicos descobriram a fonte ameaçadora que estava por trás de alguns problemas de saúde que ela vinha enfrentando. Depois de uma longa bateria de exames, confirmaram que uma forma agressiva de câncer estava em ação dentro do corpo dela e que, para combatê-lo, suas opções de tratamento teriam de ser igualmente extremas.

Enquanto escrevo hoje, o câncer de Colleen atingiu o estágio 4 e se espalhou para além do foco originalmente descoberto, atingindo os gânglios linfáticos e os ossos — um diagnóstico cruel e surpreendente. Neste momento, ela está em tratamento com o objetivo de ganhar um pouco mais de tempo aqui na Terra com o marido e o filho de onze anos (que também enfrentou problemas de saúde significativos). É possível que Colleen esteja no céu, quando este livro for lançado.

Colleen e sua família têm suportado essa provação indesejada com notável fé e coragem. O testemunho deles tem sido uma verdadeira inspiração.² No entanto, nem por um instante sequer eles se esquivaram de ser realistas sobre as características sombrias dessa batalha e sobre a dor devastadora e a incerteza que ela introduziu na vida deles.

Pouco depois de ter recebido o mais recente e terrível prognóstico de metástase do seu câncer de mama, Colleen enviou um e-mail para seus amigos e familiares no qual refletia sobre este mesmo Daniel que você e eu estamos aprendendo a

admirar ao longo das páginas deste livro. O Daniel que enfrentou adversários irascíveis. O Daniel que enfrentou sua própria sentença de morte. O Daniel que passou uma noite inteira em paz e sossego no lado de dentro da jaula do leão.

Mas o livro de Daniel, como talvez você já saiba, muda de tom e de direção uma vez que faz a transição para a sua segunda metade. Enquanto os primeiros seis capítulos são em grande parte narrativos e históricos, os seis capítulos finais são ocupados por visões, profecias e previsões de dias angustiantes que ainda virão, muitos dos quais ainda aguardam seu cumprimento em nossos dias ou em algum momento de um futuro próximo ou distante. Nesses capítulos, Daniel, agora em seus últimos anos de vida, fala de realidades assustadoras, de ataques frontais ao povo escolhido de Deus. Ele nunca perde de vista a grandeza de Deus, mas também não minimiza os verdadeiros horrores que o seu povo ainda enfrentará.

E o Daniel que vemos nesses momentos, embora não se mostre menos firme ou menos decidido, também mostra o seu lado humano. No e-mail que enviou, Colleen nos lembrou de que o espectro dos desastres futuros teve um grande impacto sobre Daniel, emocional e fisicamente:

- “Meu espírito estava profundamente angustiado dentro de mim” (Dn 7.15);
- “Eu, Daniel, desmaiei e fiquei doente por dias” (Dn 8.27);
- “Não sobrou nenhuma força em mim; meu rosto ficou mortalmente pálido” (Dn 10.8);
- “A angústia me oprime e fico impotente” (Dn 10.16);
- “Não há fôlego em mim” (Dn 10.17).

Talvez você conheça esse sentimento. Colleen certamente o conhece. E, ao ver essas emoções em Daniel — algumas das mesmas emoções que ela também tem sido susceptível a sentir, muitas vezes sem aviso prévio —, Colleen sentiu-se rodeada e compreendida nesta comunhão de sofrimento. “Sou muito grata”, escreveu em seu e-mail, “pelo fato de que um poderoso homem de Deus como Daniel” pudesse ser “destruído por más notícias, mesmo estando totalmente

convencido da abundante compaixão de Deus”.

Caso você esteja fazendo uma leitura dinâmica deste capítulo, pode ser que queira parar e ler a última frase novamente. Este era o cerne da questão para Daniel. E é o cerne da questão para qualquer pessoa cuja vida esteja envolta na certeza de que o céu reina. É um lembrete de que podemos estar rodeados de destroços por todos os lados e por dentro, e ao mesmo tempo afirmar o amor infalível de Deus.

Veja bem, confiar em um Deus bom e grande e sentir a presença de uma fraqueza avassaladora não são circunstâncias mutuamente excludentes. Elas podem coexistir sem entrar em contradição. A dor de Colleen não fere seu testemunho, mesmo quando a atinge violentamente em seu lombo, em suas costas, em seu quadril, em sua mente. Na verdade, ela conta que “uma amiga me incentivou desde o começo a aceitar a dor e o sofrimento que me consumiam, a ser gentil comigo mesma nas noites sem dormir, nas lágrimas constantes e no estresse físico de tudo isso”. É um conselho que Colleen precisava desesperadamente ouvir, uma resposta que ela vê modelada no exemplo de Daniel.

“Não há problema em ficar abalado com más notícias” de morte e destruição iminentes — não em um sentido definitivo, mas em um sentido humano imediato. Pois esta vida — pelo menos isso temos de admitir — é uma batalha. A vida nesta Terra será sempre uma batalha e nós, seres humanos, estaremos sempre vulneráveis à dor de combatê-la. Mas ser destruído pela batalha não é o mesmo que perdê-la.

Somos muito bem governados e muitíssimo amados para acreditar que estamos sozinhos em nossa dor. E não nos esqueçamos de que qualquer nível de “destruição” que possamos experimentar aqui e agora não é o fim da história, e não durará para sempre. Somos ajudados a suportar esta dor de hoje com a certeza de que tudo o que está agora destruído será um dia redimido.

Na primeira metade do livro de Daniel, o rei tem sonhos que Daniel interpreta. Na segunda metade do livro, Daniel recebe quatro visões que um anjo interpreta. Às vezes, essas visões parecem um romance épico extremamente fantasioso — pense, por exemplo, em O Senhor dos Anéis. Para ter uma ideia, leia Daniel 7.

Como você resumiria o enredo dessa visão em uma frase ou duas?

Problemas bestiais

Para manter uma compreensão sólida e fiel aos princípios bíblicos ao lidar com essas visões de Daniel, comece observando que a visão registrada em Daniel 7 ocorreu no “primeiro ano do rei Belsazar” (v. 1) e a de Daniel 8 “no terceiro ano do reinado do rei Belsazar” (v. 1). Então, estamos recuando no tempo. Essas visões foram dadas antes daquela noite em Daniel 5, quando a mão misteriosa apareceu e escreveu uma mensagem na parede do palácio, e também antes de Daniel 6, quando o rei Dario inadvertidamente colocou Daniel em rota de colisão com a cova dos leões.

Mais importante ainda, as muitas predições específicas nas visões de Daniel 7 a 12 foram reveladas a Daniel centenas e até milhares de anos antes de qualquer um desses eventos sinistros terem realmente acontecido na Terra.

É como se alguém que viveu em meados de 1600 tivesse escrito um livro descrevendo em detalhes a invasão da Polônia pela Alemanha, no início da Segunda Guerra Mundial; o Holocausto judaico; a guerra árabe-israelense de 1948; o assassinato do Presidente John F. Kennedy; a Guerra Irã-Iraque, a queda do Muro de Berlim; o genocídio em Ruanda; a pandemia mundial de 2020 e muitos outros acontecimentos como esses que ainda não tinham acontecido.

Não há como alguém fazer isso, diríamos nós. No entanto, as visões da segunda metade do livro de Daniel falam de batalhas futuras, de governantes futuros, de calamidades futuras e de esperança futura com uma certeza que somente Deus poderia ter.

Deus queria que Daniel — e os crentes de todas as épocas — tivesse um vislumbre dos acontecimentos na Terra a partir da perspectiva do céu. Ele queria que víssemos e entendêssemos que, por meio de toda essa ascensão e queda de reis e reinos na terra, o céu continua a reinar.

Na primeira visão de Daniel, relatada no capítulo 7, ele testemunhou que o céu reina sobre as forças da natureza: “De repente, os quatro ventos do céu agitavam

o mar Grande” (7.2). Esses ventos em espiral simbolizam que grande tumulto e destruição vêm sobre a Terra.

Soa familiar, não? Você não consegue sentir essa mesma agitação se formando ao nosso redor hoje — em nossas casas, em nossas cidades, em nosso mundo —, revolvendo-se como um ciclone? Mas não se iluda, essa perturbação, essa destruição, essa inquietação são sinais de que o céu está em ação.

O Deus do céu está controlando os eventos da Terra lá do alto, trabalhando em meio aos conflitos que assolam nosso mundo caído e através deles; trabalhando apesar de nossas próprias fragilidades e da nossa condição caída; transformando cada parte e cada peça em um padrão que um dia nos levará de volta para casa, para Deus, através da tempestade. Sim, as ondas são altas, mas não estamos à deriva sobre os escombros flutuantes do destino. Há poder e segurança no fato de que o céu reina, mesmo quando a circunstância nos machuca e dói. Mesmo quando é assustadora.

A primeira visão de Daniel foi definitivamente assustadora para ele. Pois, daquele mar turbulento, saíram “quatro bestas enormes” (7.3, NVT), uma depois da outra.

- “A primeira era como um leão, mas tinha asas de águia” (7.4). Então, enquanto Daniel observava, as asas foram arrancadas de suas costas, permitindo que a besta ficasse de pé e andasse como um homem.
- A segunda besta “se parecia com um urso” (7:5), exceto por estar estranhamente desequilibrada, pois “levantou-se sobre um dos lados”, e empanturrrou-se de três costelas carnudas, roendo-as furiosamente entre os dentes.
- A terceira besta tinha a aparência de “um leopardo” (7.6). Ela também era dotada da anomalia de quatro asas, além de ter quatro cabeças distintas, presas ao seu corpo horrendo.
- Por fim, emergiu uma quarta besta — “incrivelmente forte, com grandes dentes de ferro” (7.7). E chifres. Dez chifres. Então, de repente, brotou “outro chifre, pequeno” (7.8), que tinha olhos e uma boca, através da qual proferia ameaças sinistras.

“As visões em minha mente me aterrorizaram”, admitiu Daniel (7.15), levando-o a implorar por alguém que esclarecesse por que ele teve essas visões e o que significavam essas imagens horríveis.

A Daniel foi dito que essas quatro bestas representavam “quatro reis que se levantarão da terra” (7.17). Presumivelmente, estes são os mesmos reinos prefigurados no sonho de Nabucodonosor sobre a estátua feita de vários metais, e que são revelados agora com imagens mais nítidas e detalhes mais aterradores.

- A primeira besta parece representar a Babilônia. Sua transformação da forma animal para formas mais humanas remonta à época em que Nabucodonosor perdeu o juízo e mais tarde foi restaurado à sanidade.
- A segunda imagem contém marcas do Império medo-persa, que, como vimos, tomou o lugar da Babilônia no mapa. Das suas duas partes desiguais (Média e Pérsia), a que veio mais tarde a reivindicar o domínio foi a Pérsia.
- A terceira besta, que assim como a besta medo-persa reaparece de forma diferente em Daniel 8, é claramente uma descrição da Grécia. Alexandre, o Grande, derrotou os persas em meados do século 300 a.C.; contudo, após a sua morte prematura, o Império Grego que restou foi dividido entre os seus quatro principais generais — daí, as quatro cabeças.

A quarta besta, porém, está menos confinada aos livros de história e mais ligada ao nosso presente e futuro. Tenha em mente, contudo, que seu cumprimento se encontrava inteiramente no futuro, quando Daniel a viu pela primeira vez, e que suas implicações seriam percebidas, ao menos em parte, nas batalhas cada vez mais perigosas que o povo de Deus enfrentaria em breve.

Daniel parecia saber disso por intuição, de forma imediata.

Queria ser claro sobre a quarta besta, que era diferente de todas as outras,

extremamente aterrorizante, com dentes de ferro e garras de bronze, e devorava, esmagava e pisoteava o que restava. Eu também queria saber sobre os dez chifres que tinha na cabeça e sobre o outro chifre que subiu, diante do qual caíram três — o chifre que tinha olhos e uma boca que falava com arrogância (7.19-20).

“Este chifre”, disse ele — e essa era a parte da visão que o angustiou mais profundamente do que todo o resto — “travava guerra contra os santos e prevalecia sobre eles” (7.21).

Ora, os comentaristas têm opiniões variadas sobre o período de tempo específico e o significado desse mistério — ou melhor, de todos esses mistérios. Mas penso que fazemos bem em permanecer concentrados naquilo que Deus nos revelou com clareza e na forma como essas batalhas antigas se relacionam com as hostilidades que você e eu enfrentamos em nosso mundo atual, bem como com aquelas que ainda nos aguardam no futuro. E em tudo isso devemos nos lembrar de que nosso Deus nunca deixou e nunca deixará de governar cada nação, cada governante e cada fato prefigurado nestas visões.

A batalha piora

Qual foi o pior dia que você já viveu? Qual foi a pior coisa que já aconteceu com a sua família? Qual foi o pior acontecimento da história do seu país? Dos muitos momentos difíceis que você viveu e testemunhou pessoalmente, qual fato ou qual período foi o mais desafiador e doloroso?

A pior coisa que Daniel algum dia experimentou foi a invasão de Nabucodonosor à sua terra natal, que implicou a destruição do templo em Jerusalém e o exílio do seu povo. Em oração, ele chamou esse acontecimento de “uma calamidade tão grande que nada parecido com o que foi feito a Jerusalém jamais foi feito sob todo o céu” (Dn 9.12). Parecia impossível que isso pudesse ter acontecido. Esta terra lhes pertencia desde os dias de Abraão, Isaque e Jacó, e certamente desde os dias de Josué, Davi e Salomão. Agora, estava nas mãos de outro, e o povo de Deus pertencia à Babilônia. Daniel não conseguia conceber

nada pior do que isso. Mas, se o cativeiro e a demolição do templo enquadravam-se entre as piores experiências na história do seu povo, outra atrocidade já estava a caminho para se juntar a essa, ou mesmo para superá-la.

Voltemos à visão das quatro bestas, em Daniel 7. O “chifre pequeno” que surge na quarta besta obviamente representaria um grande problema. E seu título de “persona non grata” está afixado em todas essas visões que Deus transmitiu como uma advertência profética, na última metade do livro de Daniel.

Então, o que — ou quem — esse poderoso “chifre pequeno” representa? Agente firme e continue comigo. A resposta é um pouco complicada. Não é à toa que muitas pessoas nunca passam do capítulo 6, e perdem algumas das ameaças mais sinistras, bem como algumas das promessas mais magníficas encontrada nas Escrituras.

Após um conflito mundial, descrito metaforicamente em Daniel 8, e após duzentos anos de uma guerra crônica envolvendo Israel, conforme descrito em Daniel 11, um rei grego chamado Antíoco Epifânio subiu ao poder. Ele governou de 175 a.C. até sua morte, em 164 a.C. E de acordo com Daniel 11.21, tratava-se de um homem “abominável”. Esta palavra também foi traduzida por “desprezível” (ESV), “detestável” (NASB) e “vil” (NKJV). Não sou uma estudiosa de hebraico, mas eis o que deduzo de tudo isso: Antíoco Epifânio não era um cara legal.

E a sua animosidade para com os judeus resultou no massacre de milhares deles. Mas a sua agressão, embora física, foi também psicológica e espiritual. Diabólica. Veja como esse implacável e futuro governante foi descrito para Daniel, e veja por que aquilo que ele ouviu o deixou profundamente angustiado, mesmo a partir do seu ponto de vista privilegiado de centenas de anos antes da ascensão desse déspota cruel ao poder:

Ele causará uma destruição absurda

e terá sucesso em tudo o que fizer.

Ele destruirá os poderosos

junto com o povo santo.

Ele fará com que o engano prospere
através de sua astúcia e por sua influência,
e a seus próprios olhos ele se exaltará.
Ele destruirá muitos [...]
ele até mesmo se oporá ao Príncipe dos príncipes (Dn 8.24-25).
Ele se enfurecerá contra a santa aliança e agirá.
Ao retornar, ele favorecerá aqueles que abandonarem a santa
aliança. Suas forças se levantarão e profanarão o templo,
a fortaleza. Elas abolirão o sacrifício regular e estabelecerão
a abominação da desolação (Dn 11.30-31).

Em 168 a.C., quase quatrocentos anos depois da visão de Daniel sobre as quatro bestas, Antíoco Epifânio invadiu de fato Jerusalém, saqueando itens de propriedade privada, avaliados em mais de um bilhão de dólares em moeda atual, enquanto levava como escravas todas as vítimas que não massacrou. Ele também saqueou o templo, que havia sido reconstruído com esforço meticuloso nas décadas seguintes à volta do povo exilado. E talvez o mais revoltante de tudo é que esse conquistador ergueu um ídolo do deus grego Zeus bem no local onde o Deus do céu era adorado, e ali ofereceu um porco (a mais impura das oferendas) como sacrifício no altar sagrado de Deus.

Talvez desprezível não seja uma palavra suficientemente ruim para descrevê-lo, afinal.

Você pode se perguntar por que, no livro de Daniel, há tanta ênfase sobre esse governante vil e violento. À medida que o cenário todo se desenrola, aprendemos que Antíoco Epifânio foi um personagem importante no enredo da narrativa que Deus está escrevendo na história humana.

E, ao que parece, Antíoco e suas atrocidades, por mais horríveis que tenham sido, um dia serão superados por mais um governante desprezível.

Uma das coisas que aprendemos ao ler a profecia bíblica é que ela muitas vezes contém tanto uma visão de perto quanto uma visão de longe. A visão de perto, é claro, ainda pode estar a vários séculos de distância, como nestas visões relativas ao governante renegado. Mas grande parte da linguagem que Deus usou para alertar o seu povo sobre Antíoco também descreve outro governante que se oculta à distância, para além do reinado de terror de Antíoco. Um falso messias poderoso surgirá no fim dos tempos para fazer oposição a Deus, perseguir o seu povo e procurar controlar o mundo. Nós o conhecemos como o Anticristo.³

Veja como esse opressor, inspirado pelo Diabo, é descrito no Novo Testamento:

Ele se opõe e se exalta acima de tudo que se chama deus ou que seja objeto de adoração, de modo que se assenta no santuário de Deus, autoproclamando-se como Deus (2Ts 2.4).

E começou a proferir blasfêmias contra Deus: a blasfemar contra seu nome, seu tabernáculo e aqueles que habitam no céu. E foi permitido travar guerra contra os santos e vencê-los (Ap 13.6-7).

Agora você sente que essas passagens de Daniel fazem mais sentido para você, não é? Essa não é apenas mais uma história antiga. Ainda não vimos a última face, talvez de fato nem a primeira, e certamente ainda não vimos o pior deste Anticristo, que será semelhante a Antíoco. Mas a hora dele está chegando, talvez muito mais cedo do que imaginamos. E mesmo enquanto estamos aqui, hoje, sentados, com o fim dos tempos próximo ou distante de nós, somos alvos de forças e de governantes espirituais (“anticristos”) que odeiam Deus e o povo de Deus, e cuja forma de atacar Deus é atacando o povo de Deus.

E até mesmo sobre isso aprendemos com Daniel.

A última visão dada a Daniel está registrada em Daniel 10—12. É uma passagem que assusta até os estudantes mais perspicazes da Bíblia. Mas sabemos que toda a Palavra de Deus é proveitosa para a nossa instrução e o nosso crescimento; por isso, encorajo você a perseverar. Leia o capítulo 10, pedindo a Deus que lhe dê discernimento. Como você descreveria o que estava acontecendo na Terra nessa visão? O que estava acontecendo no reino celestial invisível? Como Daniel foi afetado pelo que viu? Como Deus encorajou seu servo?

O “grande conflito” que Daniel profeticamente descreveu na visão registrada no capítulo 10 (v. 1) viria a se intensificar nas gerações vindouras contra aqueles que adoravam o Deus de Israel. Mas descobrimos que essas batalhas na Terra eram, na verdade, expressões visíveis de uma batalha que ocorria muito acima da Terra. (Lembre-se de que não é suficiente ver as coisas a partir da perspectiva da Terra. Precisamos também ver tudo o que está acontecendo aqui na Terra a partir da perspectiva do céu — e confiar que Deus sabe e vê tudo, mesmo quando há muita coisa oculta à nossa vista.)

A consternação de Daniel diante dessas visões de revoltas e perseguições contra o seu povo o sobrecarregou tanto que ele mergulhou em três longas semanas de oração e jejum marcados por grande pesar. E, mesmo assim, Daniel nada recebeu que pudesse chamar de alívio. Ele estava tão inconsolável três semanas depois como quando teve essa revelação pela primeira vez.

Então, algo aconteceu. Um anjo lhe apareceu, trazendo notícias de mais batalhas e conflitos (veja Dn 11). Mas essa dura notícia foi precedida por uma palavra de encorajamento:

Desde o primeiro dia em que você se propôs a compreender e a humilhar-se diante do seu Deus, suas orações foram ouvidas. Eu vim por causa de suas orações (10.12).

Deus ouvira Daniel. Deus estava ouvindo. Que segurança maravilhosa isso deve ter trazido ao angustiado profeta.

Mas se as suas orações foram ouvidas e uma resposta fora enviada há três semanas, por que esse atraso? Eis o porquê: “O príncipe do reino da Pérsia opôs-se a mim durante vinte e um dias”, relatou o anjo. O conflito poderia ter durado mais tempo, não fosse pelo fato de que “Miguel, um dos principais príncipes, veio me ajudar” (10.13). Em outras palavras, havia mais coisas acontecendo do que os olhos de Daniel podiam ver.

Os comentaristas concordam que “príncipe do reino da Pérsia” se referia um governante humano como aqueles que Daniel serviu durante toda a vida. O anjo estava falando de um ser espiritual de alto escalão, que exercia poder e influência sobre o Império Persa. Isso parece sugerir que existem demônios poderosos — anjos caídos, mensageiros de Satanás — que estão ligados a impérios, governantes e governos deste mundo. Eles trabalham, de maneiras invisíveis, nos bastidores de muitos desdobramentos políticos e culturais visíveis, e estão sempre tentando sabotar o governo de Deus e prejudicar o seu povo.

As batalhas que acontecem ao nosso redor na Terra refletem um conflito espiritual maior: um conflito que acontece nos céus. As batalhas que observamos em nosso mundo — entre o bem e o mal, entre a verdade e as mentiras, ou entre o povo de Deus e aqueles que se opõem a Deus — refletem algo desta guerra sobrenatural. O mesmo ocorre com as batalhas que irrompem dentro da nossa família, dentro da nossa igreja, dentro das células do nosso corpo, ou em qualquer outro lugar da nossa vida ou de nosso mundo.

“Nossa luta”, diz o apóstolo Paulo, “não é contra carne e sangue, mas contra os governantes, contra as autoridades, contra os poderes cósmicos deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Ef 6.12). Isso não é apenas a Bíblia falando “coisas que a Bíblia costuma dizer”. É a Palavra de Deus abrindo nossos olhos para realidades mais reais do que o próprio “mundo real”.

Não vivemos em um mundo puramente físico, no qual tudo o que vemos acontecer à nossa volta é simples resultado decorrente de causa e efeito das pessoas interagindo com outras pessoas, de processos estritamente naturais que ocasionalmente nos apanham no fogo cruzado. Vivemos aqui na Terra em meio aos choques e estrondos de um conflito que ocorre na dimensão celestial invisível. E às vezes os inimigos de Deus e do seu povo parecem estar vencendo. Na verdade, Daniel é diretamente informado sobre um tempo terrível em que

muitos do povo de Deus “cairão pela espada e pelo fogo, e serão capturados e saqueados” (Dn 11.33).

Esse período terrível aconteceu séculos depois de Daniel ter tido essa visão, aconteceu repetidas vezes desde então e ainda acontece hoje. Em épocas assim, às vezes parece que Deus é impotente para deter os adversários ou para ajudar o seu povo. Mas isso simplesmente não é verdade. Todas essas adversidades estão sob o controle divino e, o que é mais importante, acontecem apenas “por um tempo” (11.33).

Esse espírito maligno que estava sobre a Pérsia tentou impedir o mensageiro angelical de levar até Daniel a resposta às suas orações. E esse espírito maligno teve sucesso por um certo tempo — até que Deus disse “seu tempo acabou” e enviou um de seus anjos principais, Miguel, para ajudar o anjo mensageiro, que finalmente conseguiu chegar até Daniel.

Os exércitos do mal são fortes. São capazes de criar obstáculos, dificuldades e de gerar atrasos para o povo de Deus. Mas tenha certeza disto: eles só podem se opor; eles não podem prevalecer. Essas forças estão sob o governo do céu e não podem impedir que a obra de Deus seja realizada.

No fim das contas, qualquer problema que possam causar já foi derrotado pelos planos e propósitos de Deus em Cristo para transformar a maldição do mal em bênção para todos os redimidos.

Mesmo enquanto estamos no meio da batalha.

Quando as coisas parecem ir mal

Mark e Michelle Leach são parentes do meu marido por afinidade. A segunda filha deles, que se chama Blair, nasceu com uma mutação genética rara que lhe causou graves deficiências físicas e cognitivas e afetou gravemente quase todo o funcionamento do corpo. Seus primeiros dois anos de vida foram passados indo e vindo do hospital, incluindo a realização de uma cirurgia de coração aos dois meses de idade. Como você pode imaginar, a vida com a Blair está muito longe da vida que qualquer pai ou mãe espera quando descobre que um filho está a

caminho.

O casal disse a Deus, vinte semanas após o início da gravidez — quando ficaram sabendo dos primeiros indícios da condição de Blair, tendo a outra filha ainda menos de um ano de idade — que a única coisa com que não conseguiriam lidar era uma criança com necessidades graves e de longo prazo. Eles oraram para que os exames de imagem e as amostras estivessem errados, que os piores cenários estivessem sendo apresentados a eles apenas como uma forma de lhes fornecer uma perspectiva, de equilibrar suas perspectivas, e esperavam desesperadamente que o resultado final certamente não fosse tão crítico quanto estavam sendo informados de que poderia ser.

Assim que Blair nasceu, porém, o primeiro vislumbre de seu rostinho já lhes mostrou o contrário. Apesar de todos questionamentos e de todas as súplicas, apesar da genuína sinceridade de todas as suas orações, a resposta de Deus aos seus clamores parecia estar retida no reino celestial, ignorada. O que viam era ruim e dificilmente ficaria melhor.

E não ficou.

Após um mês de heroica terapia intensiva, o hospital os enviou para casa com um suprimento de tubos, fios e equipamentos médicos complexos, para que comesçassem a cuidar — 24 horas por dia, sete dias por semana — da nova filha, que amavam de todo o coração, mas da qual realmente não faziam a menor ideia de como cuidar.

Mark e Michelle abertamente reconhecem que “a vida com Blair é realmente difícil. Pelos padrões do mundo, ela pouco dá em retorno.”⁴ A maioria dos dias chega com mais perguntas do que respostas, com um cansaço que raramente dá trégua, com os nervos à flor da pele e com o silêncio de Deus fazendo com que às vezes se sintam como se o Senhor não quisesse ser incomodado com os problemas deles.

É uma batalha diária e aparentemente interminável — física, espiritualmente, em todos os sentidos. “Tivemos um embate com o Senhor”, admitem, “imploramos a ele que curasse a Blair e nos desse uma filha sem esses desafios. E sua resposta foi não. Mas sua resposta foi não para que nos desse algo muito, muito maior.” A saber: novos níveis de profundidade de compaixão no coração; perspectivas mais verdadeiras sobre o seu papel como pais e dos dons de Deus; e oportunidades

para testemunhar sobre a fiel provisão divina.

E mais de Deus do que jamais haviam experimentado antes.

Michelle diz:

Sinto a proteção do Senhor contra os pensamentos que transitam pela estrada dos dias desconhecidos que teremos pela frente. Ele coloca cercas à minha volta quando sinto a tentação de comparar Blair com outras crianças. Somente por sua graça é que me sinto livre de uma vida regida por comparações, ansiedade e medo.

Embora seja doloroso — ah, tremendamente doloroso — Mark e Michelle estão começando a perceber que o “não” de Deus não é algo insensível ou aleatório, mas, na verdade, faz parte de seu bom plano para a vida deles. Estão começando a perceber que o Deus deles está vencendo uma batalha difícilíssima, sem que o inimigo possa fazer nada a respeito. Michelle conta que essa paz veio quando ela começou a perceber que

Deus está em uma missão de graça para, por meio de Blair, transformar-me em uma mulher que seja mais semelhante à imagem de Jesus. Como o ouro passa pelo fogo, Deus está usando Blair para queimar em mim o pecado que o desagrada, a fim de me refinar.

Aqui está, porém, a declaração deste jovem casal que mais me impressionou, não apenas no sentido de como o fato de que o céu reina pode nos ajudar em nossas batalhas, mas também no sentido de como o Senhor usa essas batalhas para moldar a vida de pais entristecidos como Mark e Michelle — e também de pessoas como nós —, em meio a provações nas quais nos sentimos em ponto de ruptura ou mesmo além dele:

Ele está usando Blair para nos ajudar a ajustar o foco naquilo que é eterno e para fixar nosso olhar na direção do céu, a fim de que estes breves anos aqui na Terra sejam mantidos em seu devido lugar, quando comparados com uma eternidade com Jesus.

Esta palavra, como a palavra de Colleen Chao, soa muito como as de Daniel.

As batalhas que eles enfrentam parecem tão aterrorizantes, e seus fardos tão insuportáveis. No entanto, seus olhos continuam olhando para cima.

Continue olhando

Uma das coisas que quase não se consegue deixar de notar, nesta tapeçaria de visões registradas no livro de Daniel, é a consistência com que ele manteve uma postura “vigilante”. Você pode destacar essas referências em sua Bíblia, como destaquei na minha. Por exemplo: “eu estava olhando” (Dn 7.2), “continuei olhando” (7.6), “eu continuava olhando” (7.7)

Mesmo quando se sentia exausto e oprimido pelas batalhas que aconteciam ao seu redor e pelas que ainda estavam por vir, Daniel permanecia espiritualmente alerta, com os olhos do coração bem abertos, voltados para cima.

Temos a tendência de limitar nossa visão às realidades terrenas: assistindo ao noticiário em um ciclo interminável, observando como nosso cônjuge, nossos filhos ou nosso chefe agem. Tiramos conclusões e determinamos como reagir com base no que podemos ver aqui, neste mundo. Mas Daniel olhava para o que Deus estava fazendo acima e além de toda intriga política e caos que aconteciam ao seu redor, aqui na Terra. Era isso que mantinha seu coração e sua mente calmos e lhe dava excelência de espírito e sabedoria para saber o que fazer.

Observar as coisas certas, olhar na direção certa é o que nos dará coragem e consolo em meio ao turbilhão de tudo o que possa estar acontecendo ao nosso redor. Esse é o segredo para permanecer firme no longo prazo, para não se deixar agitar pelos conflitos, ameaças, pressões e pessoas deste mundo. Esse é o

segredo para continuar a servir ao Senhor em tempos tempestuosos, confusos, degenerados e ímpios.

Mas não é apenas uma questão de olhar, de observar. Jesus disse aos discípulos para “vigiar e orarem” (Mt 26.41, ESV). E foi exatamente isso que Daniel fez.

E não estamos falando apenas de olhares ocasionais, rápidos e distraídos na direção de Deus. Vigiar era um modo de vida constante e consolidado para Daniel: “enquanto eu olhava” (Dn 7.9), “continuei olhando” (7.13).

Quando parece que Deus não está fazendo nada em nossa situação ou em nosso mundo, somos tentados a desistir de observar o Senhor e o seu agir. Acredito que esta seja uma das razões pelas quais tantos cristãos sofrem de ansiedade e desânimo crônicos — porque pararam de olhar. Ou porque fixam sua atenção no que está acontecendo aqui na Terra, mas se esquecem de levantar os olhos para o céu.

Então, não pare de olhar. Não pare de procurar por aquilo que Deus está fazendo. E continue olhando para as coisas certas. Mantenha seus olhos na Palavra de Deus. Observe quais planos ele está desenvolvendo aqui na Terra. E sempre, sempre mantenha os olhos em Cristo, o Senhor ressurreto de toda a criação.

Certo dia, depois de três semanas de oração fervorosa (Dn 10.2-3), Daniel estava entre um grupo de pessoas, às margens do rio Tigre, quando instintivamente “olhou para cima” (v. 4-5), tendo ainda muito em mente todas as coisas que o preocuparam, durante sua longa e intensa temporada de batalha espiritual.

Agora veja o que ele viu quando olhou para cima. Veja quem ele viu:

... um homem vestido de linho, com um cinto de ouro de Ufaz na cintura. Seu corpo era como berilo, seu rosto como o brilho de um relâmpago, seus olhos como tochas acesas, seus braços e seus pés como o brilho de bronze polido, e o som de suas palavras como o som de uma multidão (10.5-6).

Se esta descrição lhe parece familiar, não é por acaso. Compare-a com a

descrição que João fez da figura que falou com ele em uma visão celestial, no primeiro capítulo de Apocalipse:

... alguém semelhante ao Filho do Homem, vestido com um manto e com uma faixa de ouro em volta do peito. Os cabelos de sua cabeça eram brancos como a lã, tão brancos como a neve, e seus olhos eram como uma chama ardente. Seus pés eram como bronze refinado em uma fornalha, e sua voz como o som de muitas águas (Ap 1.13-15).

Quase idêntico, não é? Isso porque a visão que Daniel teve, e que ninguém mais ao seu redor pôde ver (talvez por que não estivessem olhando para cima?) é outra cristofania ou aparição de Cristo no Antigo Testamento. Ali, bem diante dos olhos, visitando Daniel em sua angústia, estava o Filho de Deus, o Messias prometido, que um dia viria à Terra como homem para redimir este mundo caído.

Ali estava o Filho de Deus respondendo à dor e às orações de Daniel com sua presença. E nos dizendo algo que precisamos saber a respeito do nosso próprio lugar nas batalhas que nos cercam.

A batalha é real, mas o céu reina. E de maneiras que não podemos compreender, ainda que sejamos frágeis e pequenos, nossas orações aqui têm um papel a desempenhar no grande plano de Deus.

Achamos que estamos apenas orando. Que estamos apenas sentados ali, com as mãos entrelaçadas, ao lado da cama, ou com livros espalhados diante de nós, na mesa da cozinha. Sentindo que estamos no meio de uma batalha que é maior do que nós. E nos perguntando por que não estamos vendo nem ouvindo nada do céu. Será que, talvez, estamos falando as palavras erradas? Ou Deus simplesmente está muito longe para nos ouvir? Ficamos imaginando, enfim, por

que as respostas pelas quais tanto ansiamos não estão vindo.

Daniel também achou que estava apenas orando. Ele orou durante toda a sua vida e, durante três semanas inteiras, orou mais intensamente do que nunca. Mas Daniel estava apenas começando a compreender que tipo de guerra estava travando de joelhos: descobrindo as batalhas que estavam sendo travadas; os reinos em conflito aqui embaixo, no globo terrestre, e muito acima, nas dimensões espirituais invisíveis; os soberanos terrenos que pensavam estar no comando e os ainda mais poderosos seres demoníacos e angelicais, invisíveis; o passado e o futuro. E acima de tudo, inquestionavelmente vitorioso, estava o Deus Altíssimo. Daniel nunca tinha visto seu Deus assim, irradiando brilho e glória tão visíveis e lhe inspirando mais temor do que qualquer oponente bestial, por mais intolerável ou aterrorizante que fosse.

A lição é olhar para cima, sempre vigiar, sempre orar.⁵ A batalha é real, mas o céu reina. E de maneiras que não podemos compreender, ainda que sejamos frágeis e pequenos, nossas orações aqui têm um papel a desempenhar no grande plano de Deus.

Três gritos de guerra para a batalha

Quando analiso essas quatro visões na última metade do livro de Daniel, vejo uma série de coisas que Deus comunicou enquanto Daniel observava, enquanto olhava para cima. Esses três gritos de guerra, proferidos em meio ao estrondo das contínuas batalhas violentas aqui na Terra, infundiram em Daniel coragem e consolo em meio a todo o caos e ao brandir das armas inimigas. Eles farão o mesmo por você e por mim, se os recebermos.

GRITO DE GUERRA CR N.º 1: “Eu te direi a verdade”

Todos temos nossos sentimentos. Todos temos nossos desejos e vontades sobre como gostaríamos que nossa vida transcorresse. Mas, tal como acontece com Mark e Michelle, muitas vezes é a batalha que nos motiva a olhar para cima, em meio a circunstâncias muito mais difíceis do que jamais imaginamos ser

possível, e que nos motiva a ver a verdade de uma forma que, talvez, de outra maneira, nunca tivéssemos tido tempo para perceber. É o que nos motiva a ver a verdade e a ser transformados por ela. A ser conquistados por ela. A ser inspirados por ela. A ser abençoados por ela.

Satanás, o resoluto inimigo de Deus e de seu povo, é um mestre das mentiras. Ele mente, os seus demônios mentem, e o mesmo fazem as pessoas e instituições através das quais eles agem na Terra. As mentiras estão por toda parte à nossa volta: poderosas, difundidas, como se quisessem comunicar, pelo simples peso e alcance de seus argumentos, que o governo eterno de Deus está à nossa disposição, que certamente há mais verdade no que o mundo diz, com toda a sua arrogância, avocações e comparações, do que naquilo que Deus diz. E insiste que “a sua verdade” é o que realmente importa.

Mas o anjo disse a Daniel: “Eu te direi a verdade” (Dn 11.2). E nós também temos a Palavra da verdade, a Palavra de Deus, que nos sustenta, nos apoia, nos fortalece e nos protege. A verdade é o nosso superpoder, nossa arma na batalha: “a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6.17). Em linguagem esportiva, é aquilo que usamos tanto na defesa quanto no ataque.

Sim, às vezes estamos exaustos da batalha e, sim, às vezes nos ferimos profundamente. Mas então olhamos para cima e vemos aquele Filho do Homem vestido de linho, e recalibramos nossa vida de acordo com a sua verdade, conforme nos é revelada nas Escrituras vivas e diariamente vivificada para nós pela habitação do Espírito Santo. E de alguma forma, nessa verdade, encontramos forças para continuar lutando.

GRITO DE GUERRA CR N.º 2: “Paz seja com você, seja muito forte”

“Já não tenho forças”, disse Daniel, “e não há fôlego em mim” (Dn 10.17). Ele chegou a um ponto em que não havia mais nele forças para lutar. Contudo, o Senhor enviou-lhe ajuda: o toque do anjo e suas palavras de encorajamento: “Paz seja com você; seja forte” (10.19).

A maioria de nós não fala muito sobre anjos no dia a dia, pois nossa mentalidade ocidental está muito condicionada ao que é natural, visível e passível de explicação. Mas a Bíblia deixa claro que os anjos são reais — “espíritos ministradores, enviados para servir aqueles que herdarão a salvação” (Hb 1.14).

Esses servos de Deus estão entre os muitos meios que ele possui para fazer sua paz e sua força chegarem até nós.

Portanto, nunca desanime de procurar ajuda, mesmo nos momentos em que estiver mais fraco e sem fôlego. “O céu reina” não significa que Deus seja uma potestade impessoal, indiferente e que não responde, distanciada das nossas, bem concretas, preocupações e crises. Embora ele seja o Deus soberano e poderoso, embora seja glorioso além de qualquer comparação, o Senhor ouve e responde às orações de seu povo e lhe dá força e paz.

Assim como uma mãe é atraída pelo choro de seu pequeno bebê indefeso, nosso grande Deus se compadece e nos traz consolo e suprimento ao ouvir nossas orações, que são derramadas em meio à batalha mais atroz. Essas orações são o “grito de guerra” que o céu adora ouvir; elas incitam nosso Rei a enviar reforços sobrenaturais para entrar conosco na briga.

GRITO DE GUERRA CR N.º 3: “Você é muito amado por Deus”

Creio que isso não era novidade para Daniel, e espero que não seja novidade para você.

“No início das suas petições, saiu uma resposta”, disse-lhe o anjo, “e eu vim para transmiti-la” — e por quê? — “porque você é muito amado por Deus” (Dn 9.23). Não apenas uma, mas três vezes, Daniel recebeu essa mesma garantia do anjo (veja 10.11,19). Aparentemente, Daniel precisava ser lembrado disso — assim como você e eu.

Deus, desde os tempos antigos, disse que escolheu Israel “para ser um povo de sua preciosa possessão” (Dt 14.2, ESV). O povo de Deus é estimado por ele. Deus os ama. E quer você sinta que isso é verdade quer não, Deus ama você. Ele ouve você e responde às suas orações.

Permaneça acorrentado à verdade. Seja forte e fique em paz. Você é amado por Deus.

Você e eu enfrentamos tantos desafios ao longo da vida. Somos forçados a suportar todos os tipos de pressão humilhante e degradante das batalhas deste mundo. Mas olhe para cima e lembre-se de quem você é. As Escrituras dizem que Jesus foi “rejeitado pelos homens, mas diante de Deus, eleito e precioso” (1Pe 2.4, ESV). Você pode ser rejeitado pelas elites e pelos escarnecedores deste mundo. Mas se você está em Cristo, aos olhos de Deus, você é “eleito e precioso”. Deus diz aos seus: eu amo você. Eu escuto você. Eu conheço você. Eu entendo você.

Mesmo na presença inflexível e interminável de tamanho conflito titânico, Deus quer que você seja repetidamente lembrado de que é precioso para ele, de que está ternamente prestando atenção em você. Que você é estimado por ele.

“Então, nossa família se colocou no lugar de Daniel”, escreveu minha amiga Colleen, ao encerrar sua atualização por e-mail.

Nós choramos de tristeza. Contamos com a compaixão e a fidelidade de Deus. Sentíamos-nos derrotados, fisicamente doentes e emocionalmente esgotados, além de qualquer coisa que já tínhamos vivido. Também sentíamos profundamente que somos “amados por Deus”, mesmo em meio à dor.

Ela encerrou com estas palavras:

Deus pode confiar a mim e a você notícias devastadoras. Mas, quando somos amados por Deus, temos todos os seus recursos infinitos ao nosso alcance. Temos paz, mesmo enquanto trememos. Temos forças, mesmo em meio à grande fraqueza.

Essa é a mensagem de Colleen e de Daniel que espero que você leve a sério.

Permaneça acorrentado à verdade.

Seja forte e fique em paz.

Você é amado por Deus.

Lute.

¹Bobby Scott, “Suffering taught me the sovereignty of God”, Desiring God, 22 de novembro de 2021, disponível em: www.desiringgod.org/articles/suffering-taught-me-the-sovereignty-of-god. Acesso em: 13 mar. 2024.

²Revive Our Hearts produziu um vídeo comovente sobre a história de Colleen: Revive Our Hearts, “She laughs at the time to come | Colleen’s story”, vídeo, Revive Our Hearts (website), disponível em: www.reviveourhearts.com/videos/she-laughs-at-the-time-to-come-colleens-story. Acesso em: 10 fev. 2022.

³A palavra anticristo (gr., antiehristos), literalmente, aparece na Bíblia nas epístolas de 1 e 2João, que falam tanto deste “Anticristo” por excelência quanto de “muitos anticristos” ao longo da história, que se opõem a Cristo através de falsos ensinamentos e da perseguição aos santos. Às vezes, o termo também é aplicado a falsos messias e a governantes cruéis descritos nas profecias bíblicas.

⁴As citações de Mark e Michelle nesta seção são baseadas em uma atualização que eles deram à família da igreja local. Você pode ver o testemunho deles em Brandywine Grace Church Media, “Testimony on self-reliance from Mark and Michelle Leach”, de 2 de maio de 2021, culto realizado na Brandywine Grace Church, Downingtown, PA, vídeo do YouTube, 14:45, disponível em: www.youtube.com/watch?v=Rf-vTj64VkM. Acesso em: 10 fev. 2022.

⁵Esta passagem é um lembrete de que devemos, segundo as palavras de Paulo, orar “em todo o tempo no Espírito, com toda oração e súplica” (Ef 6.18) como um aspecto chave da batalha espiritual.

8

A visão de longo prazo

Algum dia, este mundo de cabeça para baixo

Será virado de cabeça para cima.

E nada, em toda a eternidade, o fará voltar ao que era.¹

— *Randy Alcorn*

Na primavera de 2020 dos Estados Unidos, quando os primeiros lockdowns da COVID começaram a entrar em vigor (lembra disso?), muitas pessoas famosas e outras não tão famosas assim recorreram às redes sociais para se comunicarem com o mundo exterior. Uma delas foi a atriz Gal Gadot, mais conhecida como a estrela do filme *Mulher maravilha*. Junto com uma lista de amigos famosos, Gadot criou um vídeo no YouTube, com o objetivo de levantar o ânimo daqueles que estavam desanimados pelos temores e incertezas dos dias que viriam pela frente. Com câmeras selfie que captavam o rosto de cada celebridade, uma por uma, tendo por cenário suas próprias casas, quintais, closets e pátios, o vídeo reuniu pessoas cantando, linha por linha, o hino da paz mundial de John Lennon, “Imagine”.²

Você conhece essa música, não é? Desde que tocou pela primeira vez, em 1971, tem sido difícil ignorá-la. Mas você já ouviu realmente a letra? A canção de Lennon nos pede para imaginar um mundo no qual não há vida após a morte — nenhum paraíso a ser conquistado, nenhum inferno a ser evitado. Não há nada pelo que viver, exceto o hoje. O que podemos ver, ouvir, tocar e experimentar aqui e agora — isso é tudo o que existe.

A interpretação de Gadot deste clássico do rock me fez pensar sobre as implicações de um mundo assim, se fosse possível. Para alguém que está passando por uma crise, como poderia trazer esperança e consolo imaginar que não há céu acima (e, por implicação, não há Deus)? Como isso poderia levantar

o ânimo de alguém ou lhe dar esperança?

Para mim, a própria ideia de um mundo assim é totalmente deprimente. E não creio que esteja sozinha nesse pensamento, a julgar pela pandemia de ansiedade e depressão que nos assola hoje. Se realmente não existisse céu — ou se o céu fosse impotente para fazer qualquer coisa a respeito do que está acontecendo na Terra —, se alguém ou se alguma coisa que não o Deus do céu governasse... realmente não teríamos nenhuma esperança, nenhum consolo.

Diante do mal e da dor, seríamos forçados a confiar em nossa própria sabedoria, em nossa própria força, em nossas próprias estratégias. Estaríamos sozinhos, indefesos contra os dilúvios que nos assolam.

Mas graças a Deus (sim, existe um Deus no céu) há uma opção muito melhor. E não é uma invenção da nossa imaginação. É verdade.

Nos últimos meses, tenho meditado em outra letra. Eu a recito com frequência: quando deito a cabeça no travesseiro à noite; quando acordo durante a madrugada; antes de meus pés tocarem o chão pela manhã; às vezes enquanto estou arrumando o cabelo, preparando o jantar ou dirigindo para realizar alguma tarefa. Essas palavras, agora costuradas ao tecido do meu coração, trouxeram-me grande encorajamento e paz. E me deram coragem e força.

Essas palavras vêm do Catecismo de Heidelberg, um documento didático publicado pela primeira vez em 1563. Organizado no formato típico de perguntas e respostas usado para instruir os crentes e seus filhos nos fundamentos da fé cristã, o catecismo começa perguntando: “Qual é o seu único consolo,³ na vida e na morte?”

Pense nisto: há mais de 450 anos, as pessoas procuravam por consolo, assim como procuram hoje. Todos nós procuramos por consolo, quando somos confrontados pelos desafios da vida e pela perspectiva da morte — não apenas a morte literal, mas a morte de sonhos, de esperanças, da segurança, dos planos, dos relacionamentos e muito mais.

Então, como você responderia a essa pergunta? Onde você busca consolo e esperança quando o mundo parece estar fora de controle, quando sua vida não se desenrola como você esperava? Sua resposta é importante.

Aqui está a resposta que se encontra no Catecismo de Heidelberg. Vale a pena ler

(e reler) essas palavras antigas lentamente.

P. Qual é o seu único consolo, na vida e na morte?

R. Que não pertenço a mim mesmo,
mas pertenço —
de corpo e alma,
na vida e na morte —
ao meu fiel Salvador, Jesus Cristo.

Ele pagou plenamente por todos os meus pecados com seu precioso sangue,
e me libertou da tirania do diabo.

Ele também cuida de mim de tal maneira
que nem um fio de cabelo pode cair da minha cabeça
sem que seja da vontade de meu Pai que está nos céus;
na verdade, todas as coisas devem juntas cooperar para a minha salvação.

Porque pertenço a ele,
pelo seu Espírito Santo, Cristo
me garante a vida eterna
e me torna disposto e pronto, de todo o coração,

de agora em diante, a viver para ele.⁴

Sabe qual é o nosso único consolo na vida e na morte? O fato de que existe um Deus. E de que ele reina lá do céu. E porque ele reina, estamos livres da culpa e da vergonha do nosso passado; nossas circunstâncias presentes estão sendo perfeitamente ordenadas e orquestradas por ele; e nosso futuro brilha, cheio de esperança.

Podemos ficar em paz. Tudo está sob controle. Para sempre.

Imagine isso.

O que esperar

Difícilmente se passa um dia sequer sem que eu tenha contato com uma pessoa (ou com várias) que esteja passando por situações realmente difíceis. Em alguns casos, essas provações parecem se estender indefinidamente, sem que tenham um fim à vista. Vários exemplos recentes me vêm à mente:

- uma amiga que teve de se mudar de sua bela casa após anos de uma doença crônica e grave que impossibilitou seu marido de trabalhar, exigiu que ela cuidasse dele em tempo integral, e arruinou-os financeiramente (ela me mandou uma mensagem: “Agora somos oficialmente sem teto.”);
- um casal que passou anos cuidando dos pais idosos, os dele e os dela, que sofriam de demência e de graves problemas de saúde;
- uma mulher solteira de meia-idade que teve de abandonar sua carreira décadas atrás para se dedicar aos cuidados da sua mãe idosa e viúva;
- uma mulher solteira que sempre desejou ter uma família a quem amar e servir, embora já tenha passado da idade fértil;

- um homem envolvido em um processo complicado e prolongado na justiça, relacionado a um acidente fatal ocorrido em um imóvel de sua propriedade;
- um casal com dois filhos adultos que estão partindo o coração dos pais com escolhas insensatas e destrutivas;
- uma mulher cujo marido anunciou, há doze anos, que não era mais cristão, parou abruptamente de ir à igreja com ela e não tem interesse em nada que seja de natureza espiritual — sem que haja de fato uma razão para isso, a não ser dizer que “aqueles lá são todos hipócritas” (Essa esposa continua com o marido. Ela o ama. E ela crê o suficiente que o céu reina para aceitar o chamado de viver sua fé em casa, de uma forma que ela espera o atrair de volta para Jesus. Mas essa mulher não consegue deixar de ficar imaginando quanto tempo mais as coisas serão assim.)

Sabe qual é o denominador comum entre essas situações? Problemas que se prolongam e não têm solução evidente ou alguma esperança de mudança. Diante de dores e problemas que parecem não ter fim, todas essas pessoas lutaram com as mesmas questões. Talvez você também tenha passado pela mesma experiência de se perguntar:

- Quanto tempo isso vai durar? (Seja lá o que for esse isso.);
- Como isso vai se desenrolar? (O que quer que seja esse isso.)

Não é errado fazer essas perguntas e desejar saber as respostas. Daniel, já com mais de oitenta anos, quando se lembrou das provações que enfrentou ao longo de sua vida, e depois recebeu essas mensagens de Deus sobre a perseguição e a opressão que ainda viriam contra seu povo no futuro, viu-se confrontado pelas mesmas perguntas:

- “Quanto tempo haverá até o fim destas [...] coisas?” (Dn 12.6);

- “Qual será o fim destas coisas?” (12.8).

Queremos saber quanto tempo mais vai durar. Sentimos que precisamos saber como isso vai acabar. Onde isso vai dar? Como será a minha vida daqui a um ano, daqui a cinco anos, daqui a dez anos? Estarei mesmo aqui? Pensamos que faria toda a diferença no mundo se pudéssemos saber; que faria diferença na forma como vivemos agora.

Estamos cansados de ficar imaginando.

Imaginar não ajuda em nada. Mas o fato de que o céu reina ajuda.

“O céu reina” é grande parte da resposta para tudo.

Imaginar não ajuda em nada. Mas o fato de que o céu reina ajuda. “O céu reina” é grande parte da resposta para tudo.

Não é uma resposta fácil. Não é uma resposta mágica que melhora tudo. Pode não parecer sequer uma resposta suficientemente específica para as perguntas dolorosas que você tem feito e para o impacto delas em sua vida e em sua família.

Mas imagine como seria se Deus não tivesse resposta para dar. Imagine se o céu não reinasse. Imagine se ninguém estivesse trabalhando acima e no interior de nossas questões, se ninguém estivesse trabalhando antecipadamente e em resposta às nossas orações — esse alguém que não apenas sabe para onde tudo está caminhando, mas também está ativamente conduzindo tudo para esse ponto e entregando tudo na hora certa. Em seu próprio tempo. Na hora perfeita. Esse alguém que nos conhece, nos ama e nos faz parte desta grande história que está escrevendo.

Mas realmente não precisamos imaginar como seria a vida sem a convicção de

que “o céu reina”. Porque o céu de fato reina, mesmo quando não entendemos o que está acontecendo ao nosso redor e conosco.

Daniel queria entender. Repetidamente ele implorou ao céu e aos mensageiros do céu para que o ajudassem a entender.

Aproximei-me de um dos que estavam ali e pedi-lhe que esclarecesse tudo isto (Dn 7.16).

Eu queria saber a verdade (7.19-20).

Eu, Daniel, estava observando a visão e tentando entendê-la (8.15).

Fiquei muito perturbado [...] ninguém conseguia entendê-la (8.27).

E o Senhor, longe de ficar irritado ou indiferente a esses apelos, não apenas respondeu ao desejo que Daniel tinha de compreender, mas muitas vezes lhe ofereceu ao menos uma explicação parcial, através de seus anjos mensageiros:

Gabriel, explique a visão a este homem (8.16).

Estou aqui para lhe dizer o que vai acontecer (8.19).

Daniel, vim agora para lhe dar compreensão (9.22).

Eu vim para ajudá-lo a entender (10.14).

Portanto, não é que Deus fique incomodado com essas perguntas ou não esteja disposto a respondê-las. Ele sabe por que perguntamos. Mas também sabe o que precisamos saber, e nos deu sua Palavra e seu Espírito para que não fiquemos sem entender as coisas. Com liberalidade, ele nos dá o que precisamos, mesmo quando nos nega o que não precisamos, sabendo que se ele fosse como um mecanismo de busca, as suas respostas apenas nos levariam a mais perguntas, diminuiriam nossa necessidade de fé e, na verdade, aumentariam nossos medos e inquietações.

Deus possui conhecimento sobre nós e sobre como ele decide governar a nós e ao nosso mundo e, para o nosso próprio bem, essas palavras “estão lacradas e seladas até o tempo do fim” (Dn 12.9) — estão lacradas, exceto para nos dizer que nós estamos sendo “purificados, limpos e refinados” (12.10) através da vivência diária de todas essas incógnitas. Deus está nos preparando através da espera — a nós, seus “santos” — para “receber o reino e possuí-lo para sempre, sim, para todo o sempre” (7.18).

Em outras palavras, quando Deus diz “eu sei de algo que vocês não sabem”, não diz isso com um balançar presunçoso de cabeça, mas com uma piscadela paternal de entusiasmo, como se dissesse “espere só para ver”. E enquanto esperamos — por mais difícil que seja essa espera — podemos ter certeza de que Deus sabe quanto tempo nossa situação vai durar e que ele sabe como tudo vai acabar.

A verdade é que tudo vai acabar ainda melhor do que imaginamos.

A suprema história de sucesso

Ao analisar esta segunda metade de Daniel, minha intenção foi permanecer a quilômetros de distância, ao nível panorâmico, mantendo uma perspectiva ampla

e geral. Há muita coisa que não podemos saber, ou sobre as quais apenas podemos especular, quando descemos o avião a um nível muito mais baixo. Mas mesmo nas grandes altitudes, sem tentar identificar cada um dos vilões que desempenham um papel nessas profecias, Deus nos fornece vários marcos importantes que dificilmente poderiam ser mais claros.

A seguir estão quatro lembretes importantes que se firmaram em meu coração enquanto eu meditava nesta última parte do livro de Daniel.

Leia Daniel 7 mais uma vez. O que você encontra nesta passagem que pode encorajá-lo em meio a quaisquer circunstâncias difíceis em sua vida (ou na vida de alguém que você conhece), para as quais parece não haver fim? Agora mantenha sua Bíblia por perto enquanto voltamos a sobrevoar esta colcha de retalhos no solo — essas imagens proféticas que inicialmente assustaram tanto a Daniel — e procure por detalhes que talvez não tenhamos notado da primeira vez. Vejamos se a pressão das nossas próprias batalhas e a difusão de todo este conflito pelo mundo podem ter obscurecido as respostas que Deus já tinha dado para o nosso consolo e coragem.

LEMBRETE CR N.º 1: Há um fim

Olhe novamente para a quarta besta de Daniel 7, aquela com chifres, dentes, garras e voz arrogante de desafio, aquela que “fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles” (7.21). Certo, essa última descrição é verdadeira. Aquela besta horrível “prevalecia” sobre o povo de Deus — dominando-o, derrotando-o, até que... Daniel 7.22 diz claramente que isso aconteceu apenas “até que veio o Ancião de Dias e foi proferido um juízo a favor dos santos do Altíssimo”.

Como eu amo essa palavra até. O que ela representa às vezes me dá arrepios. Penso em você e em mim e em nossas muitas batalhas exaustivas, mas penso também nos lugares deste mundo onde os “santos” de Deus estão sendo abertamente atormentados e perseguidos, tratados de forma vergonhosa por causa de governantes injustos e ímpios.

Por quanto tempo isso vai durar? Até.

Existe um “até” para cada uma de nossas perdas, de nossas dores e queixas. Todos esses terrores e atrocidades têm permissão para durar até que “o tribunal se reunirá e seu domínio [o domínio do inimigo que nos oprime] será tirado, para que seja completamente destruído para sempre” (7.26).

Você prestou atenção no que acabou de ler? Sim, um dia o Ancião de Dias realizará o julgamento, e o justo Juiz de toda a terra proferirá o veredicto de “Culpado!” para cada um desses governantes anticristãos cruéis e arrogantes, para cada causador de qualquer tipo de conflito. O poder deles chegará ao fim e começaremos a reinar com Cristo para sempre.

Por quanto tempo isso vai durar? Até. Existe um “até” para cada uma de nossas perdas, de nossas dores e queixas.

Enquanto isso, é claro, “haverá guerra” (Dn 9.26). Na verdade, um desses fomentadores de guerras, segundo o livro de Daniel, “destruirá a cidade e o santuário” (9.26) — profecia que, a curto prazo, cumpriu-se quando Jerusalém e seu templo foram destruídos novamente, em 70 d.C., pelos romanos. Com uma visão mais de longo alcance, fala da atividade destrutiva do Anticristo, que ainda está por chegar, e virá perto do fim dos tempos. E nesse intervalo de tempo entre a visão de curto prazo e a visão de longo alcance, os inimigos de Deus vomitam implacavelmente o seu veneno contra os santos do Senhor.

Mas a violência e o sacrilégio infligidos por estes adversários só continuarão

até que a destruição decretada seja derramada sobre o desolador (9.27).

Está decretado. A destruição e a desolação que esses malfeitores derramaram sobre os outros um dia serão derramadas sobre eles mesmos. E eles não mais existirão.

LEMBRETE CR N.º 2: Há um tempo

O céu não reina apenas em sentido geral. O fim do domínio do mal não é algo que, embora inevitável na teoria, ainda está sendo discutido no que se refere ao momento exato em que as coisas realmente acontecerão. Não. O fim não está apenas próximo; o fim está determinado. Já está marcado no calendário. À tinta. Em sangue. O relógio está correndo e a contagem regressiva já foi estabelecida.

Para ter uma noção mais clara deste ponto, folheie o livro de Daniel e destaque cada aparição das palavras tempo ou tempos.

Uma das coisas que muitas vezes vem à mente quando pensamos nos últimos capítulos de Daniel, é que essas profecias incluem uma série de intervalos de tempo específicos, embora enigmáticos. O anjo que falou com Daniel no capítulo 9, por exemplo, disse:

Setenta semanas estão decretadas

sobre o seu povo e a sua cidade santa (9.24).

Esse período de setenta semanas é subdividido em “sete semanas” mais “sessenta e duas semanas” (9.25), e mais outra “uma semana”, e se faz até menção a algo que acontecerá “na metade da semana” (9.27).

O que, afinal, tudo isso significa? E o que dizer dessas referências a “um tempo, tempos e metade de um tempo” (Dn 7.25; 12.7)?

Muito disso nos parece desconcertante, nos entorpece a mente. Mas eis aqui o que está claro: na mente de Deus, o plano já está determinado e cuidadosamente cronometrado.

Não posso dizer o que cada parte dessa cronologia implica, pois simplesmente não sei. Nenhum ser humano sabe, com certeza. Mas o fato de a matemática ser utilizada como instrumento de ensino nessas descrições nos diz tudo o que realmente precisamos saber. Deus, que é o maior dos matemáticos, tem uma resposta exata para nossas perguntas sobre “quanto tempo”. Todas as coordenadas estão no lugar. Todas as linhas, arcos e parábolas estão traçados. Sua batalha e a minha terminam... bem ali! O dedo de Deus já apontou o local exato.

Então, quando a Escritura diz “chegou o tempo” (Dn 7.22) para que o juiz reine e seu povo seja justificado, ela está falando do tempo perfeito de Deus, de seu tempo estabelecido, de seu “tempo determinado” — uma expressão que aparece ao longo dessas profecias (veja Dn 8.19; 11.27,29,35).

O fim não apenas está próximo; o fim está determinado. Já está marcado no calendário. O relógio está correndo e a contagem regressiva já foi estabelecida.

Nosso inimigo será capaz de obter sucesso contra nós por um tempo. Por quanto tempo? “Até que se complete o tempo da ira” (11.36). Em outras palavras, você, eu e todo o restante do povo de Deus continuaremos a enfrentar lutas e oposição à medida que caminhamos pela vida, e talvez até nossa morte — que, inclusive, pode resultar dessa oposição. Mas a promessa de Deus é que seremos “refinados, purificados e limpos” através dessas provações (11.35).⁵ E nada pode impedir que a nossa libertação e o desaparecimento de cada inimigo cheguem “no tempo determinado” (11.35).

Negócio fechado. Última chamada. Deus controla o relógio do jogo. E no exato instante em que chegar ao ponto zero, nossa espera por respostas terminará.

LEMBRETE CR N.º 3: Há um vencedor

Não acho que seja coincidência o fato de a primeira besta da primeira visão de

Daniel ser “como leão” (Dn 7.4). Fico imaginando se, anos depois, uma das razões pelas quais ele não teve medo da cova dos leões, o que seria naturalmente esperado, é porque Daniel já tinha visto um leão — e um urso, e um leopardo, e qualquer que fosse a quarta besta carnívora, e viu todos eles encontrarem sua contraparte imortal — naquela noite em que estava deitado na cama tendo essa visão.

Os tronos foram postos no lugar,

E o Ancião de Dias se assentou.

Suas roupas eram brancas como neve,

E os cabelos da cabeça como a lã mais alva.

Seu trono era de fogo ardente;

Suas rodas estavam em chamas.

Um rio de fogo fluía,

saindo de sua presença.

Milhares de milhares o serviam;

E milhares de milhares estavam diante dele.

O tribunal foi convocado,

e os livros foram abertos (7.9-10).

Daniel estava olhando para o céu (assim como você e eu podemos ter vislumbres do céu através de descrições como essa e outras que Deus nos deu em sua Palavra). E, ao redor do trono de Deus, no céu, ele viu fogo. Fogo flamejante. Labaredas. Um rio de fogo. Fogo por todos os lados.

O fogo é um símbolo de intensa pureza. O fogo de Deus é o que nos purifica

para que nós, por mais profanos e impuros que sejamos, possamos comparecer em sua presença e não sermos aniquilados. Precisamos do fogo de Deus. Precisamos da purificação e do refino de Deus, porque nada, nem ninguém, que seja corrompido, contaminado ou impuro pode sobreviver na presença do Deus santo.

Em um trono, no meio desse fogo, totalmente inatingido pelas chamas, estava assentado o eterno governante soberano do universo, o juiz supremo da Suprema Corte do Céu. Multidões de anjos anfitriões o serviam, prontos para realizar sua vontade e executar seu justo juízo na Terra.

Essa é a visão celestial. Mas vamos seguir os olhos de Daniel de volta à Terra, depois de ter visto uma exibição tão incrível do poder de Deus. E vamos trazer o governo do reino de Deus para o nosso próprio campo de visão, enquanto olhamos em volta e ficamos angustiados com a arrogância dos líderes humanos em nossos dias. Continue observando, assim como Daniel fez:

Então, olhei, por causa do som das palavras arrogantes que o chifre estava proferindo. Enquanto continuava olhando, a besta foi morta e seu corpo destruído, e entregue ao fogo ardente (7.11).

Campeão, vitorioso, besta assada no almoço! Essas bestas, as nossas bestas, têm “um período de tempo” (7.12). Não sabemos quanto tempo pode levar. Somente Deus sabe. Mas podemos ter certeza de que o tempo delas é limitado, de que sua derrota é certa e que nosso Deus está providenciando a destruição delas. Pessoalmente. Através de seu Filho.

Daniel também viu isso, enquanto observava:

De repente alguém como um filho de homem
vinha nas nuvens do céu.

Ele se aproximou do Ancião de Dias

e foi levado diante dele.

Ele recebeu domínio

e glória e um reino,

para que todos os povos,

nações e línguas

servissem a ele.

Seu domínio é um domínio eterno

que não passará,

e seu reino é tal

que não será destruído (7.13-14).

Que lembrete empolgante de que o inferno pode se levantar, mas o céu reina — e reinará para sempre.

Mas isso nos traz de volta à pergunta sobre “quanto tempo”. Quanto tempo teremos de esperar que tudo isso aconteça? Quanto tempo até que o mal seja derrotado e toda a criação se curve diante de Deus e o reconheça como o rei indiscutível do universo?

Um cântico espiritual bem conhecido afirma que será em breve:

Em breve me verei livre dos problemas do mundo,

Não mais chorar nem lamentar,

Com Deus vou morar.⁶

Mas quando será esse “em breve”? Quanto tempo até terminarem os problemas deste mundo? Quanto tempo até que não existam mais choro e lamento?

Até os anjos querem saber isso. Ouvimos um deles perguntar, em Daniel 8:

Quanto tempo durarão os eventos dessa visão — o sacrifício contínuo, a rebelião assoladora e a entrega do santuário e do exército para serem pisoteados? (v. 13).

Boa pergunta. Existe uma resposta?

Sim, existe e está marcada no calendário de Deus: “Durante 2.300 noites e manhãs; então o santuário será restaurado” (8.14).

Não tenho certeza de quando será. Nem você. Mas aqui está o que sabemos: Deus tem isso programado, até mesmo a hora. E quando esse momento chegar, nosso inimigo não mais existirá. “Ele será quebrado”, embora “não por mãos humanas” (8.25). A mesma pedra que se soltou da montanha e esmagou a estátua de Nabucodonosor até o pó — “sem auxílio de mãos” (Dn 2.34) — esmagará todos os inimigos, acabará com todas as batalhas, silenciará todos os acusadores. “E o aniquilará por completo” (Dn 7.26).

E então:

O reino, o domínio e a grandeza dos reinos debaixo de todo céu serão dados ao povo, aos santos do Altíssimo. Seu reino será um reino eterno e todos os governantes o servirão e lhe obedecerão (7.27).

Há um claro vencedor no ringue. Todos os governantes deporão as armas e se curvarão diante do Rei dos céus. E venceremos com ele, porque...

LEMBRETE CR N.º 4: Há um Salvador

Por que você acha que Deus preservou na Bíblia histórias como a de Sadraque, Mesaque e Abednego e sua libertação da fornalha ardente? Ou como a de Daniel e sua libertação da cova dos leões? Ele fez isso para deixar a impressão de que sempre acudirá qualquer problema que enfrentemos e nos tirará dele, a fim de permanecermos ilesos?

Não creio que as suas experiências de vida ou as minhas confirmem isso. De fato, vivemos sob o teto e o governo de Deus, mas os problemas certamente podem entrar pela porta. E às vezes, ao que parece, eles vêm para ficar, não importa o quão fervorosamente oremos por libertação.

Mas a libertação de que mais precisamos — como uma visão correta de Deus deixa claro para nós — é sermos resgatados da justa ira de Deus pelo nosso pecado. Essa é a fornalha ardente, a boca do leão faminto, da qual nem mesmo a morte nos deixa escapar. E esse julgamento é algo que todos nós merecemos.

Mas Deus, em sua bondade, misericórdia e graça — Deus, o único que tem o direito e o poder para fazer isso — nos deu um Libertador: Jesus Cristo. E essas histórias em Daniel, escritas muitos anos antes do aparecimento de Jesus na Terra, apontam-nos para estas boas novas do evangelho, sem as quais nenhum de nós poderá ser salvo.

“Nós pecamos”; assim Daniel orou no capítulo 9, em nome de si mesmo e de seu povo. Nós “fizemos o que é errado”. Nós “agimos perversamente” e “nos rebelamos” contra o que Deus nos ordenou (Dn 9.5). “Nós não demos ouvido” (9.6); não seguimos “as instruções que ele nos deu” (9.10). Nós “quebramos a tua lei e nos desviamos, recusando-nos a te obedecer” (9.11). “Não buscamos o favor do Senhor, nosso Deus, abandonando as nossas iniquidades e prestando atenção à tua verdade” (9.13).

Daniel nunca se esquivou de fazer uma avaliação honesta da própria pecaminosidade e da pecaminosidade de seu povo. Ele sabia muito bem o que eles mereciam. Mas, ainda assim, implorou a Deus que fosse misericordioso, que “ouvisse e agisse” em seu nome, que fornecesse uma saída.

E Deus ouviu. E prometeu agir. Enquanto Daniel ainda estava orando e abrindo seu coração a Deus, o Senhor enviou seu mensageiro Gabriel para dar a Daniel “entendimento” (Dn 9.22) do seu plano redentor em desenvolvimento:

Setenta semanas estão decretadas [...]

para pôr fim à rebelião,

para acabar com o pecado,

para expiar a iniquidade,

e trazer a justiça eterna (9.24).

O anjo também falou de um “Ungido” que governaria por um tempo e, então, seria “tirado” (9.26), após “sete semanas e sessenta e duas semanas” (9.25). A maioria dos estudiosos da Bíblia concorda que as “semanas” mencionadas em Daniel 9 são semanas de anos — e cada “semana” representa sete anos. Portanto, “sete semanas e sessenta e duas semanas” seriam 483 anos, o que guarda correlação (dependendo de como você fizer a contagem) com o período de tempo entre o retorno dos exilados a Jerusalém e a morte de Cristo nos arredores de Jerusalém.

Mas e as “setenta semanas” descritas no versículo 24? Muitos intérpretes bíblicos conservadores acreditam que a septuagésima “semana” deste período — o período final de sete anos na grande história da redenção de Deus — ainda está por vir e se cumprirá no fim dos tempos, culminando com a volta de Cristo.

Mas, novamente, não é necessário ficarmos presos a números. Não precisamos ser capazes de descobrir o cronograma exato. Temos de saber apenas que esses números fazem todo o sentido na mente de Deus. Ele é o único que precisa conhecê-los, porque é quem está encarregado deles.

Ao tentar compreender essa passagem complexa, não perca o ponto principal da mensagem do anjo, enviada em resposta à fervorosa oração de confissão e intercessão de Daniel: Deus prometeu pôr fim ao pecado — ao nosso pecado, e a tudo o que o pecado nos fez — e inaugurar uma nova ordem mundial, onde não exista pecado de nenhum tipo. E está fazendo tudo isso através de seu Filho, Jesus.

Que maior esperança poderíamos ter?

A Bíblia deixa claro que chegará um dia em que a obra de redenção de Cristo em nossa vida e no mundo estará totalmente completa. Naquele dia, o anjo disse a Daniel, a corte celestial se reunirá, os livros serão abertos (Dn 7.10) e todos cujo nome for encontrado “escrito no livro escaparão” (Dn 12.1).

O livro do Apocalipse pinta essencialmente o mesmo quadro, descrevendo “o livro da vida do Cordeiro que foi morto” (Ap 13.8). Todos aqueles cujos nomes estão inscritos nesse livro — aqueles que depositaram a sua fé no sacrifício de Jesus pelos seus pecados — serão libertados da condenação eterna dos impenitentes não redimidos.

Centenas de anos antes de Cristo aparecer na Terra, Daniel orou para que esse dia chegasse: antes do ministério terreno de Jesus, da crucificação e da ressurreição, e milhares de anos (só Deus sabe exatamente quantos) antes dos eventos finais descritos em suas visões. Portanto, nunca pense, quando estiver orando, que suas orações não estão chegando a lugar nenhum. Deus enviou um anjo até Daniel para relatar que havia ouvido a oração de Daniel e faria o que este pedia. Na verdade, Deus já estava realizando o que Daniel pedira em um cronograma muito específico. E seu plano para a redenção do seu povo ainda está em andamento hoje.

Por quanto tempo? Ele sabe.

Como isso vai acabar? Nós sabemos.

A história de Daniel, como todas as histórias, mostra tanto a nossa necessidade de um Salvador como a fidelidade de Deus em nos proporcionar a salvação. E a sua história — bem como a minha história também — nos leva direto ao seu trono.

Ele vence. Ele salva. Ele reina.

O céu reina.

E assim perseveramos porque Deus já nos resgatou. Nós nos apegamos à fé porque Deus já nos prometeu visão. Oramos: “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no céu” (Mt 6.10) porque sabemos o que está sendo feito no céu: a vontade de Deus, no tempo de Deus, na vitória eterna de

Deus. E, por causa de Cristo, pela fé, já estamos vivendo nessa vitória, mesmo enquanto esperamos, vigiamos e oramos aqui neste mundo caído.

Até o fim

Foi dito a Daniel, em referência às profecias arrepiantes que ele tinha visto, que

desde o momento em que o sacrifício diário for abolido e a abominação da desolação for estabelecida, haverá mil duzentos e noventa dias. Feliz é quem espera e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias (Dn 12.11-12).

Não consigo fazer as contas de cabeça tão rápido, mas o que isso significa?

O que isso significa para mim é que posso esperar. Você e eu podemos esperar. Deus está trabalhando, e por isso podemos esperar. O tempo de Deus é perfeito, então, podemos e iremos esperar. Na verdade, se esperarmos nele, mesmo com todas as coisas ao nosso redor que gostaríamos que se apressassem, Deus prometeu nos fazer felizes e abençoados... enquanto esperamos.

O salmo 112 nos promete isso:

Bem-aventurado aquele que teme o Senhor [...]

Ele nunca será abalado.

O justo será lembrado para sempre.

Ele não temerá más notícias;

seu coração está firme, confiando no Senhor.

Seu coração está seguro; ele não terá medo.

No final, ele olhará triunfante para seus adversários (v. 1,6-8)

Eu posso conviver com isso. Posso esperar, sabendo disso. Você não pode? Pois esta é a vida de longo prazo vivida no curto prazo.

A primeira vez que meu coração foi cativado pela noção de que “o céu reina” foi há alguns anos, quando passei meses escrevendo um diário sobre o livro de Daniel. Quando cheguei aos capítulos finais, eu me vi percorrendo as longas e detalhadas visões apocalípticas, tentando entender o que Deus pretendia que Daniel, bem como nós, tirássemos delas. Foi assim que finalmente resumi esses capítulos. É isso que me dá a força e a esperança de que preciso para prosseguir hoje, amanhã e todos os dias... até aquele dia.

Governantes poderosos

Agressivos, arrogantes

Verdade pisoteada

Mentiras prevalecem

Santos perseguidos

Santuário profanado

Por quanto tempo?!

Deus sabe

Malfeitores derrotados

Santuário restaurado

Deus vence

O fim

O céu reina

Para sempre.

¹Randy Alcorn, *Money, possessions, and eternity*, ed. rev. (Carol Stream: Tyndale House, 2021), p. 38.

²On Demand Entertainment, “Gal Gadot leads a star-studded cover of John Lennon’s ‘Imagine’”, vídeo do YouTube, 3:09, disponível em: www.youtube.com/watch?v=0fDIZj9BX9U. Acesso em: 13 mar. 2024.

³A maioria das traduções do Catecismo de Heidelberg para o português traz nessa pergunta a palavra “fundamento” (e não consolo). Contudo, por necessidade de seguir a argumentação da autora nesse trecho, tivemos de traduzir por “consolo” a palavra *comfort*, conforme a autora colocou na obra original: ““What is your only comfort in life and in death?” (N. da T., grifo acrescentado).

⁴“Heidelberg Catechism”, tradução aprovada pelo Sínodo de 1975 da Christian Reformed Church, Christian Reformed Church (website), disponível em: www.crcna.org/welcome/beliefs/confessions/heidelberg-catechism. Acesso em: 13 mar. 2024.

⁵Se você acha que já leu essa expressão antes, é porque de fato a leu, apenas algumas páginas atrás. Ela é repetida literalmente em Daniel 11.35 e Daniel 12.10. Quão gentil da parte de Deus lembrar a Daniel — e a nós — não uma, mas duas vezes, que nossas tribulações têm um propósito e resultarão em nossa maior santificação.

⁶Este maravilhoso cântico espiritual parece ter sido coletado por John Wesley Work Jr., conhecido como o primeiro compilador afro-americano de cânticos folclóricos e espirituais. A primeira publicação conhecida foi em *Folk songs of the American negro*, publicado em 1907 sob o nome do irmão de Work,

Frederick Jerome Work. Esse cântico ficou popular a partir de um arranjo de William L. Dawson, na década de 1930, e foi cantado por muitos artistas conhecidos, entre eles Mahalia Jackson. Veja Azizi Powell, “Early published versions of the African American spiritual ‘Soon I will be done (with the trouble of the world)’”, pancocojams (blog), 29 de setembro de 2019, disponível em: <https://pancocojams.blogspot.com/2019/09/early-published-versions-of-african.html>. Acesso em: 13 mar. 2024.

9

Estrelas brilhando resplandecentes

O céu reina, e salpica nossa vida com admiração ao longo do caminho.¹

— *Dawn Wilson*

Tenho certeza que agora minha paixão pelo assunto deste livro é evidente. A convicção de que o “céu reina” galvanizou meu pensamento e minha visão de mundo, minha perspectiva em todos os dias da minha vida, e de forma tão significativa quanto “Deus é amor” e “Jesus salva”. Espero que você esteja experimentando o mesmo.

Uma vez iniciada a busca por lembretes do tipo CR, você começa a vê-los por todos os lugares. Você lê sua Bíblia e... Tcharam! Outro versículo CR, outro vislumbre de que o céu reina. Você ouve uma citação de que gosta, talvez em um sermão ou um podcast, e... Tcharam! De novo você capta algo sobre o fato de que o céu reina de novo: algo que fala do governo do céu, seja da sua necessidade ou da sua realidade.

Então, um meteorologista do noticiário da TV atribui o clima daquele dia, seja sua beleza ou sua fúria, à obra da “Mãe Natureza”. E você responde com “O quê? Não!”, pois agora é alguém que pensa com base na convicção de que o “céu reina”.

Você ouve as coisas de maneira diferente. Vê as coisas de maneira diferente.

E o que é mais importante, você reage às coisas de maneira diferente.

Do mesmo jeito que Daniel.

Ele percebeu que nenhuma situação deste mundo tinha somente uma explicação terrena, o que significava que cada situação terrena exigia mais do que apenas uma resposta terrena típica. Um rei humano, por exemplo, poderia ordenar a

execução de Daniel. Mas nenhum rei humano poderia ordenar a reação de Daniel ou mudar as suas crenças e prioridades. Somente Deus poderia fazer isso.

O céu governava o mundo. Portanto, o céu governava Daniel.

E, sendo assim, que o céu nos governe; que o Deus do céu nos governe. É isso que nos encherá de coragem e de consolo em meio a todo o caos e às batalhas que enfrentamos aqui neste mundo.

Daniel 12 é um capítulo curto, que encerra a última visão de Daniel. Leia este capítulo destacando cada referência ao “fim”. O que precede o fim dos tempos? Que esperança foi dada a Daniel a respeito do fim? E que incentivo ele recebeu sobre como viver até que esse dia chegue?

Plano de ação CR

“O céu reina” é uma teologia ativa. Não é algo que fica guardado em uma pasta, dentro do nosso sistema de arquivos mentais ou doutrinários. É algo que nos acompanha ao longo de nossos dias. Que nós levamos na bagagem. Que mantemos na mala de mão. Que pegamos e usamos o tempo todo.

E é melhor que façamos isso mesmo. Porque, certamente, há muitas ações sendo tomadas contra nós.

De volta a Daniel 11, onde são descritos os próximos movimentos e métodos de Antíoco Epifânio (e, por extensão, os movimentos e métodos de outros governantes anticristos e do próprio Anticristo final, que ainda está por vir), lemos como esse inimigo concentraria o peso de sua ira contra o povo de Deus (Dn 11.28-35). “Ele se enfurecerá contra a santa aliança e agirá” (11.30).

“O céu reina” é uma teologia ativa. É algo que nos acompanha ao longo de

nossos dias. Que nós levamos na bagagem. Que mantemos na mala de mão. Que pegamos e usamos o tempo todo.

“Agirá”. Consegue sentir a força dessa ação que está sendo tomada hoje contra nós e contra nossos irmãos e irmãs ao redor do mundo? Isso acontece dia após dia — ações intermináveis e desgastantes contra a verdade e contra aqueles que amam a verdade.

Então, estamos impotentes para fazer algo a respeito? Vamos simplesmente aceitar? Será que a mentalidade de que o “céu reina” nos leva a uma resposta passiva e que nada faz diante do mal?

Na verdade, há algo que podemos fazer. Algo que faremos, se conhecemos o Rei do céu. Sim, os inimigos de Deus agirão contra o povo de Deus. “Mas”, as Escrituras nos dizem, “o povo que conhece o seu Deus será forte e agirá” também (11.32).

Não agiremos da mesma forma que nossos oponentes. Não com rancor nem com reclamações, não ridicularizando ou hostilizando pessoas nas redes sociais, não retribuindo o mal com o mal, não recorrendo a partidos políticos nem colocando a nossa esperança no mais recente candidato promissor.

Pois embora vivamos na carne, não guerreemos segundo a carne, já que as armas da nossa guerra não são da carne, mas são poderosas em Deus para destruir fortalezas (2Co 10.3-4).

Portanto, em vez de agirmos “segundo a carne”, levemos a sério a garantia das Escrituras de que “o céu reina” e que, no final, Deus vence. E então, deixemos que essa perspectiva molde tudo a respeito de como pensamos, reagimos e interagimos neste mundo.

Como é isso? Aqui estão dez lições extraídas da vida de Daniel, que ficarão evidentes em nossa vida se realmente acreditarmos que o céu reina:

LIÇÃO CR N.º 1: Decidimos viver como o povo santo de um Deus santo, em vez de nos assimilarmos à cultura que nos rodeia

O governo do céu significa que a verdade de Deus é constante e eterna. Em contraste, as opiniões e políticas públicas mudam com o tempo e podem nos pressionar a mudar também os nossos padrões. Mas o povo do “o céu reina” permanece preso à Palavra de Deus como seu guia para toda a vida.

Daniel, como você deve se lembrar, mesmo ainda adolescente, decidiu que não se contaminaria com as exigências do programa do rei, evitando tudo aquilo que se desviava do que sua consciência permitia. Ele e seus amigos estavam dispostos a nadar contra a corrente, em vez de se deixarem levar pela maré para obter a aceitação lisonjeira das pessoas ao seu redor. A devoção ao Altíssimo era a sua principal motivação. Que assim também seja para nós, hoje.

LIÇÃO CR N.º 2: Não entramos em pânico nem nos desesperamos quando os inimigos de Deus parecem estar vencendo, quando coisas difíceis acontecem, quando nossas liberdades são ameaçadas ou quando o conforto nos é tirado

“Senhor, nosso mundo está de cabeça para baixo!” Essas palavras foram ditas por meu marido enquanto orávamos, pouco antes de dormir, certa noite não muito tempo atrás. E isso é verdade. Nosso mundo está realmente de cabeça para baixo. O mundo de Daniel também estava. E, embora eu relute em dizer isso, nosso mundo quase certamente permanecerá de cabeça para baixo até que Jesus venha para colocá-lo novamente do jeito certo e nos dar uma “nova terra” inteiramente restaurada (Ap 21.1).

Entre agora e esse dia, o mal continuará descontrolado, os problemas nos sobrecarregarão, a moral decairá, a velhice e as doenças irão nos exaurir. Mas o céu ainda reina, e podemos viver nessa segurança. Como resultado, podemos caminhar com calma e contentamento por circunstâncias que deixam outras pessoas nervosas.

Não estou dizendo que nossas emoções nunca sairão do controle. Elas sairão. Elas saem. Mas manter a perspectiva de que o “céu reina” nos faz lembrar do que é verdadeiro e definitivo, acalma nosso coração ansioso e nos protege de

entrarmos em pânico por causa das convulsões do mundo atual.

LIÇÃO CR Nº 3: Desistimos de tentar controlar as pessoas e as circunstâncias

Aqueles que não se convenceram de que o céu reina têm a tendência de pensar que eles devem fazer o trabalho de Deus. Mas brincar de Deus pode se tornar um fardo. E que presente é saber que não se exige isso de nós. A pressão para mudar as pessoas, a insistência para que a nossa voz seja ouvida, a manipulação para ganhar tempo e vantagens — simplesmente desaparecem. Considerem ser este o fim do seu reinado. Você e eu podemos viver sem todas essas coisas, uma vez que realmente acreditarmos que nosso Deus está governando lá do céu e fazendo com que tudo trabalhe para seus propósitos maiores. Em vez de girarmos a roda para fazer com que os outros se movam no nosso ritmo e em nossa direção, podemos confiar em Deus, permanecer no lugar que nos pertence e...

LIÇÃO CR N.º 4: Nós oramos

Brincar de Deus pode se tornar um fardo. E que presente é saber que não se exige isso de nós.

De todas as coisas que podemos aprender e aplicar com o exemplo de Daniel, esta pode ser a mais poderosa — e a mais necessária. Daniel habitualmente “voltava sua atenção para o Senhor Deus, para buscá-lo com oração” (Dn 9.3). Se acreditarmos que o céu reina, também teremos esse hábito. Se existe um Deus que reina, como Daniel acreditava e como nós acreditamos, por que não recorreríamos a ele em busca de ajuda e respostas, em vez de recorrermos ao governo, aos tribunais, a eleições ou a qualquer outra coisa ou pessoa?

Se você está procurando incentivo e motivação para mergulhar mais profundamente e com mais fervor na oração, então, essa perspectiva de que o

“céu reina” pode ser exatamente o que precisa. Olhar a vida pelas lentes da perspectiva de que o “céu reina” faz com que praticamente qualquer coisa que não seja a oração pareça improdutivo.

LIÇÃO CR N.º 5: Vivemos como o povo da esperança, e não como o povo da ira

Quando as pessoas observam a igreja e os cristãos, temo que muitas vezes nos vejam ou como pessoas que se esforçam muito para conquistar a aceitação e a aprovação da sociedade, ou como pessoas que fazem muito barulho, de maneira irada e repulsiva, para mostrar sua oposição ao mundo. Mas o princípio CR nos protege contra ambos esses extremos problemáticos.

Será que devemos abandonar a verdade bíblica em troca do barco furado da acomodação cultural? É claro que não. Mas devemos expressar nossas frustrações atacando outras pessoas que, sim, são caídas e pecadoras (como nós somos, quando separados de Cristo), mas que também precisam desesperadamente da misericórdia de Deus? De jeito nenhum.

A Palavra de Deus, apesar da condição em que o nosso mundo se encontra, nos dá esperança de que ele está trabalhando e que seu caminho prevalecerá, sem que precisemos açoitamos outros pecadores com a verdade.

LIÇÃO CR N.º 6: Servimos a Deus fielmente onde ele nos colocou

Em Daniel 8, lemos sobre uma visão intensa que deixou Daniel “desmaiado e [...] doente por dias” (v. 27). O versículo continua e conta o que Daniel fez a seguir: “Então me levantei e fui cuidar dos negócios do rei”.

Você captou a mensagem? Daniel voltou a trabalhar... na Babilônia! Servindo a um rei pagão. Nenhum de seus chefes ou dos governos sob os quais trabalhou compartilhava de seu sistema de crenças. Aqueles a seu redor procuravam abertamente minar sua influência. Ele tinha pouco apoio emocional ou espiritual de outras pessoas. E, ainda assim, agregava valor a todos os contextos em que atuava. Daniel demonstrava respeito pelos líderes, mesmo quando estes eram inconstantes e irracionais em suas expectativas. Deus o colocou lá, na Babilônia, e foi lá que ele representou o reino do seu Deus.

Sim, Daniel estava preocupado com os acontecimentos angustiantes que sabia que aconteceriam na Terra nos anos seguintes. E ele estava bem ciente de que Babilônia e todos os outros reinos terrenos que ainda viriam acabariam desmoronando e se reduziriam a nada. Nesse ínterim, porém, Daniel cumpria fielmente o trabalho que Deus lhe havia incumbido de fazer a serviço do rei — sabendo que, em última análise, ele estava servindo ao Rei do céu.

Foi Deus quem nos colocou em nossa situação atual, e devemos servir onde quer que ele nos tenha colocado — seja nosso local de trabalho, seja uma escola, um bairro ou uma nação — enquanto mantemos nosso coração firmemente plantado no céu.

Vivemos em um mundo caído e trabalhamos para sistemas humanos que estão destinados ao fracasso. Há coisas profundamente perturbadoras acontecendo ao nosso redor, e às vezes podemos nos sentir sobrecarregados e enojados com tudo isso. No entanto, foi Deus quem nos colocou em nossa situação atual, e devemos servir onde quer que ele nos tenha colocado — seja nosso local de trabalho, seja uma escola, um bairro ou uma nação — enquanto mantemos nosso coração firmemente plantado no céu e nos apegamos firmemente à esperança de que os propósitos e as promessas de Deus serão cumpridos.

Em vez de criticar a nossa situação, enxerguemos como é a fidelidade e a integridade nela. Esse é um testemunho do tipo CR.

LIÇÃO CR N.º 7: Nós resistimos à arrogância e buscamos a humildade

Investigue, cave bem fundo mesmo, todas as percepções errôneas relativas ao fato de que o céu reina — as razões pelas quais lutamos contra isso ou lutamos para acreditar nisso — e você descobrirá que a arrogância está sempre no topo da lista dos fatores contribuintes. Dependemos da nossa arrogância para nos defender, para nos proteger e para impedir que outros se aproveitem de nós. Mas sermos libertos da arrogância, como a convicção de que o céu reina nos

possibilita, liberta-nos de muitas coisas que atuam contra nós: barreiras relacionais, angústia em relação à nossa vocação, nervosismo por nos sentirmos ofendidos, comparações inúteis. Muito do que tornou a vida de Daniel tão eficaz e inspiradora foi a sua humildade. Quando dimensionamos corretamente a nossa visão de Deus e a nossa visão de nós mesmos, a vida começa a parecer algo totalmente diferente.

LIÇÃO CR N.º 8: Permanecemos firmes e calmos em uma cultura que é caótica e fora de controle

Um senso de estabilidade equilibrado, com uma visão de longo prazo é uma das maiores bênçãos que você pode trazer para sua família, sua igreja, seu ambiente de trabalho e qualquer outro lugar que possa às vezes ser dominado por hostilidade e conflito.

Por que as pessoas perdem o controle? Por que nós mesmos às vezes perdemos o controle? Porque estamos clamando por alguém que assuma o controle, alguém que conserte tudo! No entanto, todas as situações que enfrentamos, mesmo as mais estressantes e insolúveis, já estão sob o controle de alguém.

A maioria das pessoas não opera a partir desse paradigma e, por isso, luta, exaspera-se, desabafa e desiste. Mas o fato de você crer no governo do céu pode fazer com que a sua voz calma e tranquila seja a mais alta do ambiente.

LIÇÃO CR N.º 9: Acreditamos que Deus pode mudar o coração do mais arrogante e ímpio dos líderes

Lembra-se do rei Nabucodonosor, que revogou seu decreto precipitado? E do rei Dario, que alterou suas percepções religiosas? E não se esqueça de Ciro, o rei persa que governou a Babilônia perto do fim do tempo de Daniel por lá (Dn 10.1), que reverteu setenta anos de uma política estabelecida na Babilônia, permitindo que os exilados da Judeia voltassem para casa (2Cr 36.22-23).

O coração dos líderes pode ser mudado. Deus pode mudá-los. Deus pode não fazer isso da maneira que esperamos; ele pode não seguir o cronograma que prevíamos. Mas, como crentes da verdade CR, de que o céu reina, oramos por

isso. E, enquanto isso não acontece, exercitamos a paciência. Escolhemos o perdão. Continuamos dando o exemplo, assim como Daniel deu, de como se vive a verdadeira fé.

Quer os líderes em questão estejam na sua casa, no seu escritório, na sua igreja, na capital do seu país, ou em qualquer nível de influência que seja sobre você, não se desespere com a dureza de coração deles. Deus os tem em suas mãos.

LIÇÃO CR N.º 10: Vemos cada crise em nosso mundo e em nossa vida como uma oportunidade para expor a impotência dos falsos deuses e para mostrar a grandeza e o poder do Deus vivo

Em outras palavras, adversidade e dificuldade não são coisas que devem ser evitadas a todo custo. Além do mais, elas nos atingirão de qualquer maneira. (Nosso inimigo está tentando “agir” contra nós, lembra-se?) Não poderíamos evitá-las, mesmo que tentássemos.

Mas não apenas devemos viver à espera de desafios; podemos viver tirando o máximo proveito deles. O testemunho que damos de Cristo destaca-se de forma mais vívida em tempos de crise. O nosso maior impacto é sentido naqueles momentos em que é mais difícil acreditar que “o céu reina”, mas, ainda assim, pela fé, mantemos o coração e a mente firmemente ligados a Cristo. É nessas horas que nós mostramos que nosso Deus é forte: quando nós, como “povo que conhece o [nosso] Deus”, tomamos uma atitude.

Tudo isso faz parte do nosso plano de ação “o céu reina”, que nos transforma de pessoas cheias de preocupações em guerreiros; de azarões em sobreviventes e vencedores caracterizados por longanimidade e superação; de murmuradores a irresistíveis exemplos de que o poder e a glória de Deus reinam. Nossa vida testifica a todos que nos veem que eles também podem aceitar a sua verdade como o evangelho vivo.

Discernimento e influência

Como vemos em Daniel, o discernimento que temos — decorrente da percepção CR, de que o céu reina — nos dá influência.

As pessoas que conhecem o seu Deus serão fortes e agirão. Aqueles que têm discernimento entre o povo darão entendimento a muitos (Dn 11.32-33).

O verbo hebraico traduzido por “têm discernimento” nesta passagem é sakal.² Esta palavra importante é usada nove vezes no livro de Daniel.³ Pode significar “ser sábio”, “entender”, “ter habilidade” ou “ter discernimento” e, às vezes, é traduzida por um adjetivo como “sábio” ou por um substantivo como “compreensão”. Refere-se à sabedoria, habilidade e compreensão que todos desejam, mas que somente o povo de Deus pode ter.

Sakal nos torna diferentes. Torna nossa fé inconfundível. E, de acordo com as palavras ditas a Daniel pelo anjo,

Aqueles que têm discernimento [sakal] brilharão
como o fulgor do firmamento,
e aqueles que conduzem muitos à justiça brilharão
como as estrelas, para todo o sempre (Dn 12.3).

Mais tarde, Paulo diria essencialmente a mesma coisa, descrevendo como nós, os “filhos de Deus”, uma vez que vivemos a nossa fé entre “uma geração corrompida e perversa”, somos capazes de “brilhar como estrelas no mundo, mantendo-nos firmes na palavra da vida” (Fp 2.15-16).

Somos informados em Provérbios 19 que “a esposa prudente [sakal] vem do Senhor” (v. 14). Sua sabedoria e discernimento fazem dela uma bênção para seu marido e sua família. Ela brilha como uma luz contra o fundo sombrio de sua

época.

Daniel era um homem sakal. Tendo sido levado cativo, ainda na adolescência, por uma nação idólatra que odiava os judeus, ele viveu em um mundo pagão que amava as trevas em vez da luz. Uma vez na Babilônia, ele foi colocado por Deus em posições estratégicas de influência. Teve acesso aos líderes mais poderosos do mundo e foi promovido a cargos de alto escalão. Mas Daniel nunca deixou o sucesso lhe subir à cabeça. Ele nunca se permitiu ser absorvido pela cultura intoxicante ao seu redor. Daniel não buscava se autopromover e nem fazer seu nome grande. A sabedoria, a compreensão e a habilidade que Deus lhe concedeu, somadas a seu comportamento humilde, de alguém dedicado à oração, fizeram dele uma luz resplandecente que se destacava como estrelas nas noites mais escuras. Sua vida fez a diferença. Homens e mulheres que são sakal sempre fazem a diferença.

Há algum tempo, quando eu estava me preparando para ensinar o livro de Daniel através das lentes de que o “céu reina”, descobri que o marido de uma amiga minha, um cristão comprometido, fora escolhido para ser o reitor de uma das principais universidades dos Estados Unidos: uma faculdade da Divisão 1, com dezenas de milhares de alunos. Era uma grande honra. Mas, pelas notícias que cercaram a sua nomeação, ficou claro que este homem teria um trabalho difícil pela frente. Ele enfrentaria uma série de questões difíceis para as quais precisaria de sabedoria, graça e proteção sobrenaturais.

Mandei uma mensagem para minha amiga, expliquei o que estava estudando e disse a ela que me parecia que o marido dela era um Daniel dos dias atuais. Anexei uma foto da famosa pintura de Briton Rivière, intitulada *Daniel's answer to the king* [A resposta de Daniel ao rei].⁴ Ela mostra o idoso Daniel de pé, ereto e sereno, na sala subterrânea de pedra onde passou a noite. Meia dúzia de leões ronda atrás dele — de boca fechada, é claro. Daniel olha para a janela onde, presumivelmente, Dario deve estar, depois de sua (do rei!) noite agitada. O aspecto mais marcante da imagem é a luz dourada que entra por aquela janela, brilhando sobre Daniel e à sua volta. O rosto do idoso Daniel quase parece brilhar.

Escrevi para minha amiga:

Estou orando por você e [seu marido] ao iniciar este novo capítulo. Tenho certeza de que haverá momentos difíceis e trechos acidentados, mas o céu e os anjos estão vigiando e prontos para se levantar em nome de vocês sempre que Deus der a ordem! [Eu estava revivendo Daniel 12 naquela semana e tinha anjos em minha mente!]

Depois de compartilhar com ela a passagem de Daniel 12.3, que diz que aqueles que têm discernimento (sakal) brilham como estrelas, concluí: “Que presente você é para o seu marido — em um momento como este! E que presente ele será para esta instituição e para aqueles com quem serve”. Pessoas sakal não têm necessariamente uma vida fácil, mas trazem luz e bênçãos para todos a seu redor.

Assim como Daniel serviu a uma sucessão de reis na Babilônia, este reitor de universidade está servindo o conselho e os líderes de uma grande instituição secular. Mas, tal como Daniel, ele sabe que, em última análise, está servindo “o Rei”. Este casal sakal vive para a eternidade e para o reino de Deus que nunca terá fim. Como resultado, a vida brilha como luz resplandecente, e conduz muitos a Cristo.

Mesmo com o exército inimigo trabalhando contra nós, mesmo com uma chuva constante de conflitos caindo sobre nossa cabeça (resultante do conflito entre os reinos espirituais), não ficamos paralisados no processo. Não ficamos desamparados. Em vez disso, somos capacitados a viver a verdade das nossas convicções, a visão que o nosso Deus nos deu. Ele não apenas nos cobre com seu consolo, e não apenas nos capacita com sua coragem: ao nos iluminar com sua sabedoria, Deus nos torna pessoas que refletem a sua luz em um mundo sombrio, simplesmente à medida que “agimos” todos os dias.

Não é preciso ser brutal, nem rude ou irritante. Apenas uma mentalidade e um estilo de vida focados, inspirados na convicção de que o céu reina e no sakal.

E acho que falo por mim e por você quando digo que quero participar dessa ação.

Quero que as minhas palavras, o meu exemplo, a minha resposta às dificuldades e à pressão — e toda a minha vida — declarem que o futuro é plenamente conhecido por Deus e está plenamente sob o seu controle: o meu futuro, o seu futuro, o futuro da sua família, o futuro do seu cônjuge e dos seus filhos. Nosso

mundo, nossos dias, nossa saúde, nossos passos. Ou seja, tudo.

Tudo é dele e ele governa sobre tudo:

- sobre todos os poderes, nações, governos e reis;
- sobre toda a história — passado, presente e futuro;
- sobre ditadores, déspotas e dinastias;
- sobre eleições nacionais e partidos políticos;
- sobre os mercados financeiros e as economias mundiais;
- sobre esferas e assuntos geopolíticos;
- sobre o mundo da ciência e da natureza;
- sobre padrões climáticos e tempestades;
- sobre mudanças no clima;
- sobre os planetas em órbita;
- ao longo das estações;
- sobre o sol.

E assim como nada escapa ao seu domínio e atenção na dimensão macro, Deus governa com igual cuidado sobre tudo o que nos toca na dimensão micro:

- sobre mágoas e feridas que ninguém mais conhece;
- sobre expectativas frustradas por um cônjuge ou um filho;

- sobre desafios financeiros e planos de aposentadoria;
- sobre problemas relacionais e filhos pródigos;
- sobre cônjuges não atenciosos ou até mesmo infiéis;
- sobre questões de saúde e preocupações de trabalho.

É isso que Deus diz que está fazendo. Ele está no controle de todas essas coisas e de muito mais. Então, é isso que pretendo fazer, e convido você a se juntar a mim: a viver em um alinhamento tão ativo com essas verdades da sua Palavra, que Deus possa transformar nossa vida em estrelas resplandcentes, em exemplos vivos que proclamam: “O céu reina.” Para nós e para eles. Para o nosso bem e para a glória dele.

Siga seu caminho

Ah, como adorei conhecer melhor Daniel através deste estudo. Conhecer seu coração. Sua fé. A coragem e a calma que estavam por trás de seus princípios. A vida que ele viveu, tanto a pública quanto a privada. As coisas que Deus fez através dele. A maneira como Deus iluminou o mundo em volta de Daniel, para que todos vissem, através de sua confiança singela e de sua fidelidade ousada.

No entanto, uma das minhas imagens favoritas de Daniel aparece no capítulo do livro que leva seu nome. A essa altura, Daniel já tinha visto e ouvido a última das profecias que ele registrou para nós nas Escrituras.

Ele ouviu, olhou, observou. Ele suportou uma visão que fez seu coração acelerar, a visão de bestas do tamanho de monstros marinhos e até contemplou o Ancião dos Dias, vestido de luz e fogo, assentado em seu trono. Ele desmaiou e perdeu os sentidos algumas vezes, durante suas visões. Nós mesmos teríamos desmaiado algumas vezes.

Acaso você não consegue ouvir a perplexidade na voz de Daniel quando ele

olhou para cima, no final de tudo, e disse: “Eu ouvi, mas não entendi” (Dn 12.8).

Daniel era brilhante. Adorava aprender. Ele queria entender essas coisas difíceis, que mesmo um homem sábio e dotado de discernimento como ele não conseguia compreender. Daniel tinha ouvido coisas; tinha visto coisas. Mas simplesmente não sabia o que fazer com tudo isso.

Duvido que você nunca teve em seu rosto essa mesma expressão de Daniel. Duvido que você nunca sentiu a mesma sensação de perplexidade. O que Deus está fazendo? O que ele está dizendo? Por que Deus está permitindo isso? O que isso significa?

Nós também ouvimos coisas. No entanto, não temos certeza se as entendemos. Nós sabemos que o céu reina. Acreditamos nisso. A Palavra de Deus nos convence disso. Não estamos nos esquivando dessa convicção. Ela se tornou a forma como pensamos e vivemos. Mas a Palavra de Deus às vezes se aplica a circunstâncias em nossa vida tão difíceis de processar e de viver. Então, em algumas manhãs, ainda lutamos para compreender como essas situações e o fato de o céu reinar podem coexistir.

Mas eu me dou por satisfeita com a resposta do anjo ao clamor de Daniel por compreensão. Chega tão perto de não ser de fato uma resposta, que é quase preciso se sentar e pensar nela por um minuto antes de seu impacto tomar conta de você. Mas quando isso acontece você percebe que é a resposta perfeita:

Siga seu caminho, Daniel (Dn 12.9).

Quanto a você, siga seu caminho até o fim (12.13).

Daniel já era um homem idoso. Mas ele deveria continuar seguindo em frente, e não se acomodar a uma vida de lazer; não se assimilar à cultura ímpia ao seu redor, mas continuar a viver como um servo fiel do Senhor em uma terra estrangeira, “até o fim” de sua vida. E confiar que Deus estava cuidando habilmente de tudo o que ele não conseguia entender.

O que aconteceria no final? “Você descansará”, Deus prometeu a Daniel, “e então se levantará para receber a herança que lhe cabe, no final dos dias” (12.13).

No fim de sua vida na Terra, depois de ter servido e trabalhado fielmente, Daniel entraria no descanso pelo qual tanto havia labutado. No fim dos tempos, ele levantaria e seria ressuscitado. E, então, seria recompensado.

Descanso. Ressurreição. Recompensa. Era isso que Daniel tinha a esperar. E é isso que você e eu também temos a esperar.

Esta é a palavra de Deus para todo o seu povo: “Quanto a vocês, sigam seu caminho”. Não se preocupem com o que todo mundo anda fazendo nestes tempos loucos. Apenas continuem servindo, sendo fiéis e perseverem “até o fim”, mantendo-se firmes na certeza de que o céu reina.

E esta é a promessa de Deus: “Você descansará, e então se levantará para receber a herança que lhe cabe”. Nossa recompensa será no futuro, e não agora.

Portanto, siga seu caminho e deixe o céu continuar governando, ao seu redor e através de você. Um dia desses, assim como aconteceu com Daniel, Deus vai chamá-lo a “descansar, e então você se levantará”. Ressuscitado deste corpo corruptível, você viverá eternamente na presença de Deus, sob seu governo majestoso e amoroso, sem nada que lute contra isso ou que interfira nisso de novo, jamais.

- As pressões e os problemas não terão a palavra final.
- Aqueles que zombam de Deus e rejeitam a sua verdade não terão a palavra final.
- Governantes perversos e familiares cruéis não terão a palavra final.
- Aqueles que perseguem o povo de Deus não terão a palavra final.
- Os demônios imundos do inferno não terão a palavra final.
- A doença e a dor não terão a palavra final.

- O pecado e os seus efeitos secundários não terão a palavra final.
- Nem mesmo a própria morte terá a palavra final.

“Siga seu caminho, Daniel.”

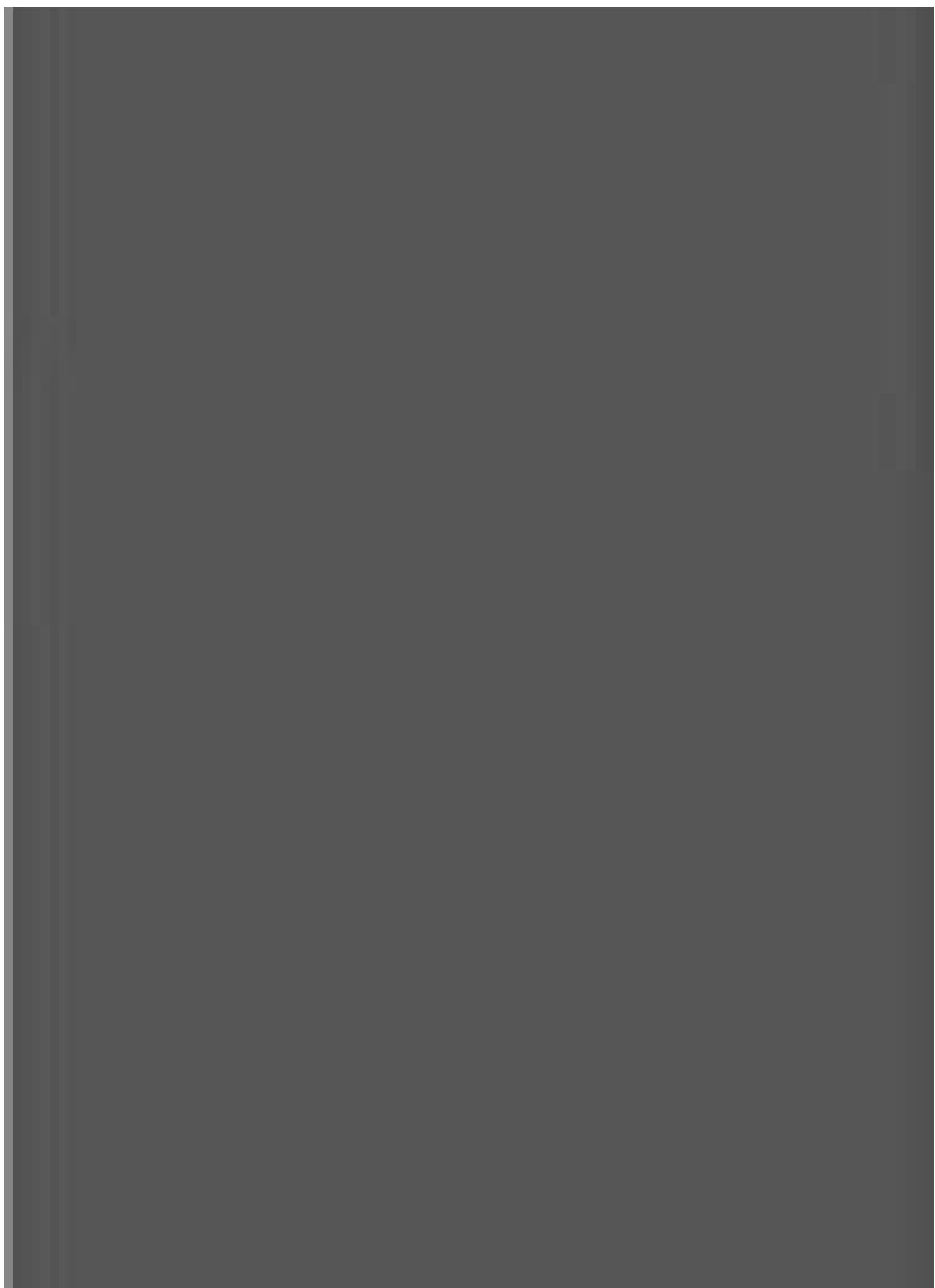
O céu reina.

¹Minha querida amiga Dawn Wilson trabalhou como pesquisadora na organização Revive Our Hearts por muitos anos. Enquanto escrevo este livro, ela está sendo submetida à quimioterapia em virtude de uma recorrência de mieloma múltiplo. Foi assim que ela assinou um e-mail para mim recentemente.

²“Lexicon: Strong’s H7919 śākal”, Blue Letter Bible, disponível em: www.blueletterbible.org/lexicon/h7919/kjv/wlc/0-1. Acesso em: 13 mar. 2024.

³Daniel 1.4,17; 9.13,22,25; 11.33,35; 12.3,10.

⁴Briton Rivière foi um artista britânico com raízes huguenotes, que viveu entre os anos de 1840 a 1920. A obra Daniel’s answer to the king foi pintada em 1890. Você pode ver uma imagem dela em https://en.wikipedia.org/wiki/File:Daniel%27s_Answer_to_the_King.jpg. Acesso em: 13 mar. 2024.



Epílogo

Aqueles que conhecem o seu Deus

O povo que conhece o seu Deus será forte e agirá.

— *Daniel 11.32*

Conhecemos alguns personagens importantes no livro de Daniel.

Vários desses personagens foram grandes estrelas no cenário mundial: notadamente Nabucodonosor, rei da Babilônia, bem como seus sucessores babilônicos e medo-persas, cada qual cercado por uma constelação de nobres e conselheiros. Do ponto de vista mundano, estes eram homens poderosos, renomados e reverenciados como líderes, guerreiros, monarcas e influenciadores.

Também fomos apresentados a Daniel e a outros três exilados hebreus. Em contraste com os reis a quem serviram, eles foram “estrelas menores” na Babilônia, e menores ainda em outras partes do mundo conhecido. Do ponto de vista mundano, o seu poder, sua influência e seu controle eram limitados, crescendo e diminuindo de acordo com os caprichos dos seus superiores e pares. Na maior parte do tempo, foram forçados a nadar contra as correntes da cultura, da política e da religiosidade de sua época.

Descobrimos que por trás dessas figuras e desses eventos históricos, supostamente exclusivamente humanos, forças invisíveis estavam em ação; os chamados deuses da Babilônia (na verdade, representando a atividade demoníaca)¹ e o Deus de Israel: aqueles em luta contra este, em uma batalha cósmica por controle.

Desde o início, por exemplo, vimos “a casa do deus [de Nabucodonosor]” em guerra contra “a casa do Deus [de Daniel]” (Dn 1.2). Os povos antigos acreditavam que se um rei conquistasse os deuses de outra nação, ele provaria que seu deus era mais poderoso. Nabucodonosor estava dizendo, na verdade: “Meu deus é melhor do que o seu Deus!” Ele estava desafiando o Deus de Israel a se justificar, a falar em defesa de si mesmo.

A batalha começou.

O que se tornou evidente é que todos esses homens, tanto os ímpios quanto os piedosos, eram pequenos atores em comparação com o personagem principal deste drama — assim como são todos os seres humanos, independentemente de suas credenciais e seus currículos.

Os reis que governaram durante a vida de Daniel consideravam-se muito importantes, e gostavam de engrandecer a si mesmos. Era importante para eles serem reconhecidos.

Mas para Daniel e seus amigos o que importava não era serem conhecidos, mas conhecerem o Deus único, vivo e verdadeiro. E eles queriam que todos ao seu redor, abaixo e acima deles conhecessem o seu Deus também.

Como meditei longa e repetidamente no livro de Daniel nesses últimos anos, uma das coisas mais impressionantes para mim foi ver a centralidade do Deus de Daniel em todo o livro. Agora, é claro, sabemos que Deus é central nas Escrituras como um todo, de capa a capa. Mas o livro de Daniel (ao contrário, digamos, do próximo, o livro de Ester, que ironicamente não contém referências diretas a Deus) contém quase oitenta referências a Deus em seus doze capítulos, incluindo mais de duas dúzias de nomes, títulos e descrições diferentes para Deus!

Tente ler o livro de Daniel e destacar cada referência explícita a Deus. Faça uma lista do que você descobriu sobre quem Deus é e o que ele faz. Você verá que essa lista será um lembrete profundamente encorajador de que nosso Deus é mais grandioso, maior e mais real do que qualquer coisa que possa estar pressionando sua vida ou nosso mundo nesta época. Nas palavras do salmista: “Aqueles que conhecem teu nome confiam em ti” (Sl 9.10).

Aqui está o que eu quero que você veja: Daniel conhecia seu Deus.

Foi isso que o tornou forte — capaz de resistir às poderosas forças contra Deus em sua época. Foi isso que lhe deu coragem para “agir” em nome do seu Deus, quando reis e legisladores agiam contra o seu Deus. Foi isso que o consolou diante de mudanças indesejadas e de perdas inesperadas. E foi isso que o manteve calmo, apesar do turbilhão caótico e convulsivo da cultura que o cercava.

Conhecer o seu Deus fará o mesmo por você.

Veja bem, assim como o tema da Bíblia toda, em certo sentido, é “o céu reina”, o propósito de toda a nossa vida, em outro sentido, é conhecer o Deus do céu: é se atentar para aquilo que ele nos deu a conhecer sobre si mesmo na criação, em sua Palavra, e através de seu Filho; experimentá-lo em meio aos problemas e às pressões de cada dia; e torná-lo conhecido aos outros.

A questão não é apenas que o céu reina, mas que o Deus que reina lá do céu é real. Este Deus é poderoso. Ele está perto. É gentil. Ele é o Deus altíssimo e exaltado, e não há nada desconhecido para ele. No entanto, Deus se dá a conhecer a nós — sim, a nós — e está ansioso para se relacionar conosco em um nível profundamente pessoal.

O propósito de toda a nossa vida é conhecer o Deus do céu.

Em nossa análise da história de Daniel, vimos que quem Deus é tem tudo a ver com a nossa história como seus filhos: tem a ver com o que comemos, como trabalhamos, como respondemos a crises inesperadas, como vivemos como filhos de Deus em um mundo que se opõe a ele, como reagimos a líderes irracionais ou ímpios e como reagimos a leis que exigem que violemos convicções bíblicas.

Conhecer deus pelo nome

Não preciso lhe dizer que nosso mundo está desmoronando — ou, pelo menos, é o que parece. A discórdia, a ira e a violência estão em alta. Estamos lidando com uma rejeição aberta e direta a Deus e à sua Palavra, e o conflito entre o bem e o mal está se tornando mais intenso em todas as frentes.

É por isso que precisamos conhecer o nosso Deus: este Deus que governa e reina para todo o sempre sobre cada rei e cada reino, sobre cada circunstância complexa, sobre cada tribulação dolorosa, sobre cada ideologia falsa e sobre cada oponente determinado.

E é por isso que me parece apropriado terminar este livro destacando os vários nomes e descrições do nosso Deus que se encontram no livro de Daniel. (Incluí uma lista completa no apêndice.) Você descobrirá novas fontes de graça e paz ao meditar no que esses nomes revelam a respeito do caráter e dos caminhos do nosso Deus.

Deus

Pelos meus cálculos, esse nome (ou variações dele) aparece mais de cinquenta vezes no livro de Daniel. É o primeiro nome de Deus que encontramos nas Escrituras: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). O nome hebraico Elohim ou sua forma abreviada, El, refere-se ao “Supremo, o Poderoso”. Este é o Deus que deu a Daniel favor perante seus captores pagãos (Dn 1.9) e uma compreensão dos tempos (1.17). É o nome que Daniel usou quando agradeceu em oração (6.10); o “Deus grande e temível” que motivou a adoração de Daniel (9.4), mas que amava e estimava Daniel com ternura (10.19), assim como ele nos ama e nos valoriza.

O SENHOR

Em quase todas as nossas traduções da Bíblia, este nome para Deus é escrito assim: SENHOR — com “S” em versal, e as demais letras em versalete. Essa é a tradução dada às consoantes hebraicas para o nome YHWH (frequentemente escrito como Yahweh).

Este é o nome pessoal de Deus, o nome revelado a Moisés na sarça ardente: “o SENHOR, o Deus dos seus antepassados, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó” (Êx 3.16). Este nome fala da autoexistência e da eternidade imutável de Deus. Daniel dirigiu-se a ele em oração como o “SENHOR, meu Deus” (Dn 9.4) — o “SENHOR, nosso Deus” que guarda a aliança e que “é justo em tudo o que faz” (9.14).

O Senhor

O nome hebraico Adonai também é traduzido como “Senhor”, mas sem as letras maiúsculas — mas não como forma de diminuí-lo, mas simplesmente como forma de identificá-lo. Este nome de Deus é mais parecido com a forma como entendemos a palavra senhor no uso comum, como dono ou alguém que detém o senhorio. Somos seus servos e ele está acima de nós, é soberano sobre nós.

Em outras palavras, “ele tem o mundo inteiro em suas mãos”.

Este é o “Senhor” que “entregou Jeoaquim, rei de Judá”, a Nabucodonosor (Dn 1.2), e o “Senhor” a quem Daniel pediu “afasta tua ira [...] da tua cidade Jerusalém, do teu santo monte” (9.16).

O Altíssimo

Este nome, que aparece com frequência no livro de Daniel, diz-nos que não há ninguém superior, não há ninguém igual, não há ninguém que se compare a este Deus. Ele é maior. Ele é o mais grandioso. Ele é mais poderoso do que qualquer outro deus.

Naquela passagem em que Daniel interpretou o sonho em que Nabucodonosor tinha visto uma grande árvore — que havia sido cortada e dela restara apenas um toco —, Daniel declarou a visão como sendo “o decreto do Altíssimo” (Dn 4.24). A insanidade do rei, que veio a seguir, duraria até que este reconhecesse que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (4.25). “O céu reina”, é claro (4.26), é outra maneira entre muitas de colocar isso.

Deus de meus antepassados

Algumas versões traduzem este nome como “Deus de meus pais”. A questão é que Daniel reconhecia que fazia parte de uma longa linhagem e de um extenso legado de fé. Ao olhar para trás, ele repassava como Deus havia sido fiel para com aqueles que vieram antes dele, e sabia que esse mesmo Deus seria fiel para com ele:

Dou graças e louvor a ti,

Deus de meus antepassados,

porque me deste

sabedoria e poder (Dn 2.23).

Quando olhamos para trás e vemos como Deus foi fiel para com Daniel e aqueles outros três jovens hebreus, somos lembrados de que Deus também será fiel para conosco, pois ele também é o Deus de nossos antepassados — talvez

não de nossos antepassados por sangue, mas, com certeza, de nossos antepassados espirituais. Esse que era o Deus de Daniel — o Deus de Abraão (e de Sara), de Isaque (e de Rebeca), de Jacó (e de Raquel e de Lia), de José (e de seus irmãos) — esse mesmo Deus é o nosso Deus.

O Deus que segura nosso fôlego de vida em suas mãos e que controla todo o curso da nossa vida

Esse é um “título” bem extenso para Deus, mas é incrível. Jó nos diz,

A vida de todo ser vivo está em suas mãos, assim como o sopro de toda a humanidade (Jó 12.10).

Fôlego de vida, respirar: essa é a necessidade humana mais essencial. Você não pode viver sem respirar, e não pode respirar sem Deus. Somos totalmente dependentes dele para tudo em nossa vida. E isso é verdade para todas as pessoas do planeta, não importa quão poderosas ou invencíveis elas possam pensar que são.

Foi assim que Daniel descreveu Deus a Belsazar, na mesma noite em que o rei da Babilônia foi morto e seu reino foi dado a Dario, o medo (Dn 5.23). Tudo porque o rei se recusou a glorificar este Deus.

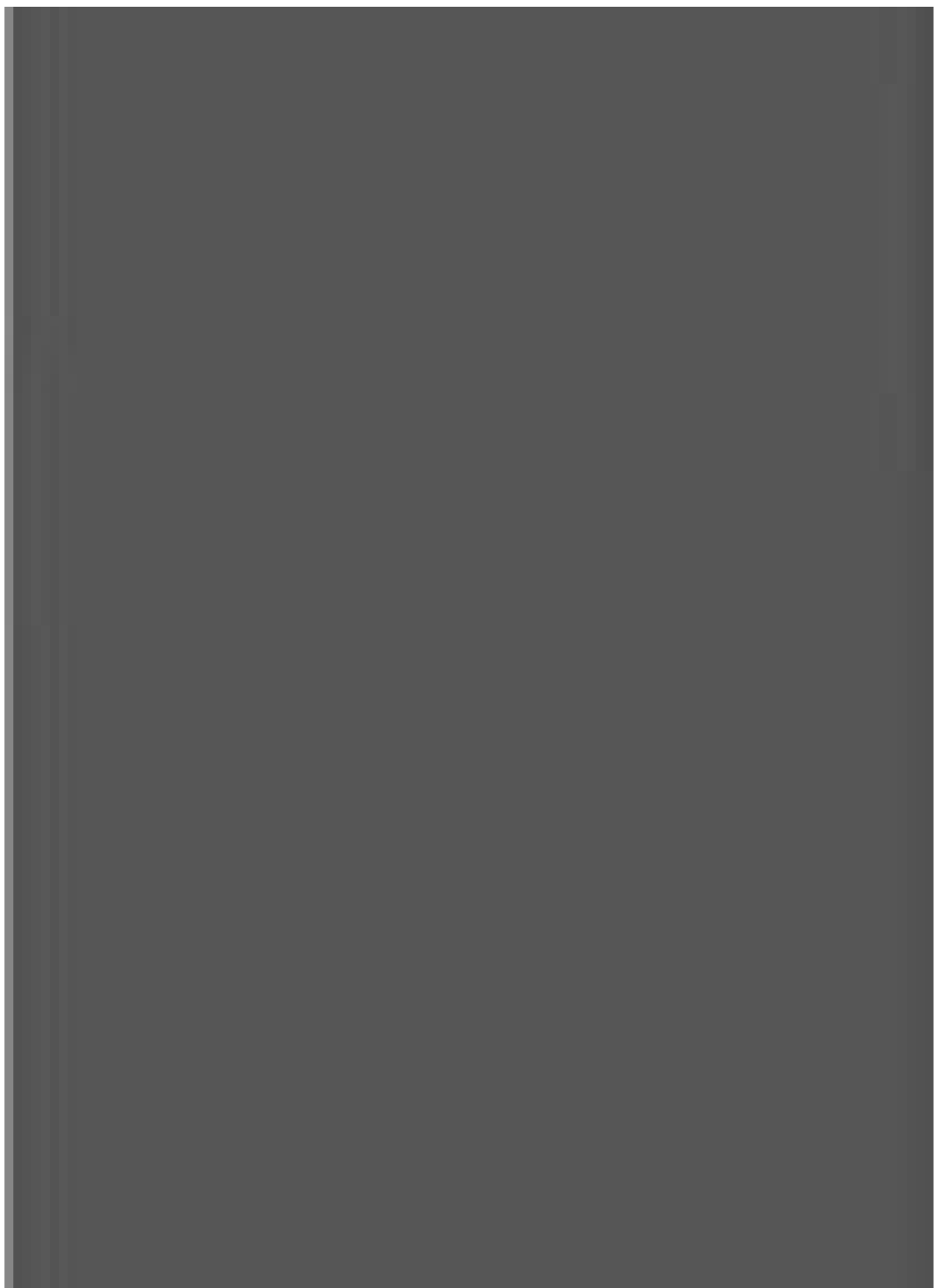
Aquele que vive eternamente

Este nome vem da visão registrada em Daniel 12.7. Ela atesta a realidade de que nunca, jamais, haverá um tempo, nesta era ou na eternidade, em que Deus não será Deus, em que ele não estará presente, não estará no controle, não será

soberano sobre cada detalhe de nossa vida.

Se você deseja ter a mentalidade de que o “céu reina”, dedique-se à tarefa e à alegria de conhecer a Deus. Ao meditar sobre os nomes e os títulos divinos que se encontram no livro de Daniel e em outras partes das Escrituras, sobre o que eles revelam a respeito de quem Deus é e do que ele faz, você “será fortalecido” e saberá como “agir”. Você será encorajado e consolado quando entender que esse Deus que está no controle. Deus seja louvado para sempre!

¹Veja Dt 32.17; Sl 106.37; 1Co 10.20.



Apêndice

Nomes, títulos e descrições de Deus no livro de Daniel

Os nomes abaixo estão listados pela ordem de sua primeira aparição no livro de Daniel. Diferentes versões da Bíblia traduzem alguns desses nomes de maneira ligeiramente diferente, mas a essência é a mesma. Nos casos em que um nome tem muitas referências, listei alguns versículos representativos.

Em vez de apenas dar uma olhada nesta lista, espero que você se aprofunde nesses nomes, em cada um deles, ao longo dos próximos dias, semanas ou até meses. Leia os versículos onde cada um deles aparece. Pesquise em um dicionário ou em um comentário bíblico, ou mesmo em um site como BlueLetterBible.org. Anote o que você aprendeu sobre o significado ou a importância de cada nome ou descrição, juntamente com quaisquer reflexões pessoais sobre o que o nome significa para crentes fiéis que vivem em um mundo sem fé.

1. Deus (1.2,9,17; 2.20; 5.23,26; 9.11,18,23; 10.19)
2. O Senhor (1.2; 9.7,16-17,19)
3. O Deus do céu/Deus no céu (2.18-19,28)
4. Deus de meus antepassados (2.23)
5. Deus no céu (2.28)
6. Vosso Deus (2.47)
7. Deus dos deuses (2.47)
8. Senhor dos reis (2.47)
9. Revelador dos mistérios (2.47)
10. O Deus a quem servimos (3.17)
11. O Deus Altíssimo (3.26; 4.2; 5.18,21)
12. O Altíssimo (4.17,24-25,32,34; 7.18,22,25,27)
13. O Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego (3.28)

14. O Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens (4.17)
15. O rei do céu (4.37)
16. O Deus que segura nosso fôlego de vida em suas mãos e que controla todo o
17. Vosso Deus (6,5,10)
18. Vosso Deus, a quem servis continuamente (6.16)
19. O Deus vivo (6.20,26)
20. Meu Deus (6.22)
21. O Deus de Daniel (6.26)
22. O Ancião de Dias (7,9,13,22)
23. O S ENHOR (9.2,8,14)
24. O S ENHOR Deus (9.3)
25. O S ENHOR , meu Deus (9.4,20)
26. O S ENHOR , nosso Deus (9.9)
27. O S ENHOR , nosso Deus (9.10,13)
28. Nosso Deus (9.17)
29. Aquele que vive eternamente (12.7)

Recursos recomendados

Vários recursos foram valiosos para me ajudar a esclarecer detalhes históricos (quem viveu e governou quando e onde), bem como várias questões de interpretação (principalmente as relacionadas a visões e profecias) no livro de Daniel. Não incluí citações para fatos já conhecidos e que são consenso, nem para interpretações extraídas de vários comentários, em que há consenso entre intérpretes conservadores.

Os sites a seguir oferecem muitas ferramentas para as línguas grega e hebraica, bem como Bíblias de estudo, concordâncias, dicionários e comentários que costumo consultar para obter ajuda na compreensão de passagens específicas:

- BibleGateway.com
- BibleHub.com
- BibleStudyTools.com
- BlueLetterBible.org
- EnduringWord.com
- PreceptAustin.org

Por mais úteis que essas ferramentas possam ser, é claro que não há substituto para a leitura e a meditação nas próprias Escrituras, de forma cuidadosa, reiterada e em oração.

O Deus Altíssimo

tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer.

Ele é o Deus vivo

e permanece para sempre;

seu reino nunca será destruído

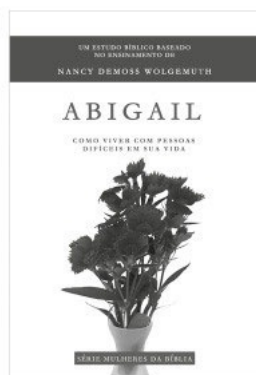
e seu domínio não tem fim.

O céu reina.

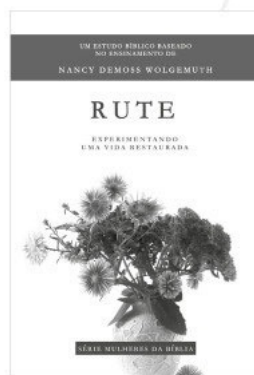
— DANIEL 5.21; 6.26; 4.26.

Nancy DeMoss Wolgemuth

Autora e fundadora do ministério **Aviva Nossos Corações**. Ela tem tocado a vida de milhões de mulheres no mundo, chamando-as para o avivamento do coração e da feminilidade bíblica. Seu amor por Cristo e sua Palavra é contagiante, e se espalha por meio de suas divulgações online, mensagens em conferências, livros e dois programas de rádio que vão ao ar diariamente nos Estados Unidos: **Aviva Nossos Corações** e **Buscando a Deus**.



Abigail: como viver com pessoas difíceis em sua vida



Rute: experimentando uma vida restaurada



Mulheres atraentes adornadas por Cristo



A sós com Deus: leituras devocionais diárias



Escolhendo a gratidão: sua jornada para a alegria



Escolhendo o perdão: sua jornada para a liberdade



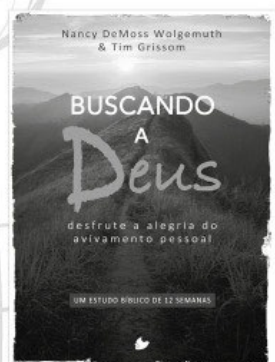
Mentiras em que as mulheres acreditam e a verdade que as liberta



Mentiras em que as garotas acreditam e a verdade que as liberta



Mentiras em que os homens acreditam e a verdade que os liberta



Buscando a Deus: desfrute a alegria do avivamento pessoal



Mulher: sua verdadeira feminilidade - Vol. 1



Mulher: dez elementos da feminilidade - Vol. 2

**PROBLEMAS DE FAMÍLIA
TRATAMENTO DE CÂNCER
PERDA DE EMPREGO
ANO DE ELEIÇÃO
ANÚNCIO DE TEMPESTADE
CONCERTO DO CARRO**

Com que facilidade três palavrinhas podem encher nossa vida de ansiedade e de medo! Mas para cada uma dessas preocupações, existe uma resposta de três palavras: O CÉU REINA. A Bíblia diz que Deus está envolvido de forma pessoal e intencional em tudo o que acontece neste mundo. Ele reina sobre cada lágrima, cada cicatriz, cada crise, cada conflito. Quando passamos por angústias, podemos encontrar refúgio olhando para cima e deixando que a paz de Deus reine em nosso coração.

Usando como guia o livro de Daniel, Nancy DeMoss Wolgemuth revela como enxergar o mundo pelas lentes de que o céu reina nos protege do pânico e renova nossa esperança.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

@edicoesvidanova



ISBN 978-65-5967-261-5



9 786559 672615